



**Universidade do Estado do Rio de Janeiro**

Centro de Educação e Humanidades

Instituto de Letras

Luiz Oscar Novaes Nepomuceno da Silva


**As orações subordinadas não classificadas pela NGB  
agente da passiva – modal - locativa**

Rio de Janeiro

2013

Luiz Oscar Novaes Nepomuceno da Silva

**As orações subordinadas não classificadas pela NGB  
agente da passiva – modal – locativa**



Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Língua Portuguesa.

Orientador: Prof. Dr. André Crim Valente

Rio de Janeiro

2013

CATALOGAÇÃO NA FONTE  
UERJ/REDE SIRIUS/CEHB

S586	<p>Silva, Luiz Oscar Novaes Nepomuceno da. As orações subordinadas não classificadas pela NBG: agente da passiva - modal - locativa / Luiz Oscar Novaes Nepomuceno da Silva. – 2013. 163f.</p> <p>Orientador: André Crim Valente. Dissertação (mestrado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Instituto de Letras.</p> <p>1. Língua portuguesa - Gramática- Teses. 2. Língua portuguesa Orações subordinadas- Teses. 3. Língua portuguesa - Orações– Teses. 4. Língua portuguesa – Voz passiva – Teses. 5. Língua portuguesa - Advérbio - Teses. 6. Língua portuguesa - Sintaxe - Teses. 7 Língua portuguesa – Modalidade – Teses. 8. Redação de textos jornalísticos- Teses. I. Valente, André Crim.. II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Instituto de Letras. III. Título.</p> <p style="text-align: right;">CDU 806.90-5</p>
------	--

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta dissertação desde que citada a fonte

---

Assinatura

---

Data

Luiz Oscar Novaes Nepomuceno da Silva

**As orações subordinadas não classificadas pela NGB  
agente da passiva – modal – locativa**

Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação Letras, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Língua Portuguesa.

Aprovada em 11 de março de 2013.

Banca Examinadora:

---

Prof. Dr. André Crim Valente (Orientador)  
Instituto de Letras da UERJ

---

Prof. Dr. José Carlos de Azeredo  
Instituto de Letras da UERJ

---

Prof<sup>a</sup>. Dra. Lilian Manes de Oliveira  
Universidade Estácio de Sá

Rio de Janeiro

2013

## DEDICATÓRIA

In Memoriam

A meus pais, onde quer que estejam, para sempre, o meu reconhecimento pela educação que me proporcionaram, pelo apoio e incentivo que nunca me faltaram e que foram sempre os propulsores do meu desenvolvimento como pessoa, homem, pai e profissional. Se não os tenho mais hoje, faço aqui o meu eterno agradecimento por tudo o que fizeram por mim. Fica aqui consignada minha promessa de que buscarei, continuamente, o crescimento intelectual, ético, moral, profissional e humano.

## AGRADECIMENTOS

A Deus Pai Todo Poderoso por me conceder a benção de uma mente perfeita e a graça de ser parte de sua obra e de me permitir chegar aqui.

A Ana Maria, Mariana, Rodrigo, Thiago e Dhiego, que me proporcionaram as condições e a tranquilidade necessárias para que eu pudesse desenvolver mais este projeto com exclusiva dedicação. O meu sincero agradecimento pelo incentivo, apoio, compreensão, paciência a mim dedicados.

Aos meus irmãos Arthur Oscar, Ophélia, Gilberto Oscar e Maria Ignez pela união, presença e cumplicidade constantes, que sempre me amparam e me dão a segurança imprescindível para o sucesso de meus projetos de vida.

Ao Prof. Dr. André Valente, mais do que orientador, um amigo, a quem agradeço pela oportunidade a mim concedida, pela preciosa orientação, pelo agradável convívio, por sua generosidade. Minha admiração pela maestria com que conduz suas aulas e o meu respeito por seu lato e notável conhecimento.

À Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Lilian Manes de Oliveira por ter-me concedido o privilégio da sua presença e participação em mais esta importante etapa em minha vida, meu cordial agradecimento.

Ao Prof. Dr. José Carlos de Azeredo, pelos proveitosos ensinamentos transmitidos dentro e fora da sala de aula, pela prazerosa convivência, que me permitiu fruir de seu notório saber.

Aos Professores Doutores Darcília Marindir Pinto Simões, Helênio Fonseca de Oliveira, Marina Rosa Ana Augusto, Vânia Lúcia Rodrigues Dutra por terem-me proporcionado conviver com tão ilustres professores e terem-me permitido desfrutar de seus vultosos conhecimentos.

Aos funcionários da Pós-Graduação, pela paciência, pela presteza, pelo apoio, elementos fundamentais que me permitiram conduzir a vida acadêmica em “mar de Almirante”.

Aos colegas de mestrado, que contribuíram de forma direta para que mais essa etapa se concluísse em minha vida, meus sinceros agradecimentos.

Adquire sabedoria, adquiere conhecimento. Não a abandones e ela te guardará; ama-a, e ela cuidará de ti. Emprega tudo o que possuis para adquirir conhecimento. Exalta a sabedoria, e ela te exaltará; abraça-a, e ela te honrará.

*Provérbios 4:5-8*

## RESUMO

SILVA, Luiz Oscar Novaes Nepomuceno da. *As orações subordinadas não classificadas pela NGB: agente da passiva – modal – locativa*. 2013. 163f. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa ) - Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013.

As orações subordinadas agente da passiva, as orações modais e as locativas têm pleno funcionamento na língua portuguesa, embora não tenham seu reconhecimento na Nomenclatura Gramatical Brasileira, o que significa dizer que estas orações não existem, oficialmente, na nossa língua. Este trabalho tem por objetivo demonstrar como este tema é desenvolvido entre os autores de língua portuguesa, entre gramáticos tradicionais, funcionalistas e pedagógicos e sintaticistas e, principalmente, que estas orações são normalmente utilizadas, tanto na língua falada como na escrita. Realizou-se um estudo comparado entre 21 renomados autores de língua portuguesa, em uma detalhada revisão de literatura. Destarte contribui-se para ampliação da pesquisa na área da sintaxe portuguesa a fim de promover uma reflexão aprofundada sobre o tema entre os estudiosos da língua portuguesa ou entre os que, de alguma forma, se interessam pelo nosso idioma. Mas o que importa mesmo como resultado da pesquisa é comprovar o pleno funcionamento destas orações no idioma em movimento, na língua viva. Para tal, compôs-se um pequeno *corpus* por meio de textos midiáticos. Foram selecionados sessenta recortes dos jornais O Globo, JB e das revistas Veja e CartaCapital, todos *on line*, que comprovam o uso natural, ou mesmo comum, das orações agente da passiva, das orações modais e locativas. Assim tornou-se possível afirmar que estas orações funcionam plenamente em nosso idioma, encontram, na sintaxe portuguesa, seu *habitat* natural e ganham vida, graça e força na fala e na escrita dos falantes de língua portuguesa, na nossa fala e na nossa escrita, de nós, brasileiros.

Palavras-chave: Agente da Passiva. Adverbiais. Modais. Locativas. Subordinadas.



## ABSTRACT

The subordinate clauses passive agent, the subordinate clauses modal and locative have full operation in Portuguese, although no recognition in Brazilian Grammatical Nomenclature, which means that these clauses are not officially in our language. This study aims to demonstrate how this theme is developed among the authors of the Portuguese language between traditional grammarians, functionalist and pedagogical syntacticians and especially that these clauses are commonly used both in spoken and in writing. We conducted a comparative study between 21 renowned authors of the portuguese language a detailed literature review. Thus contributes to further research in the area of portuguese syntax to promote further reflection on the topic among scholars of Portuguese or among those who, somehow, are interested in our language. But what really matters as a result of research is to prove the full functioning of these clauses in the language movement, the living language. To this end, was made up by a small corpus of text media. We selected sixty clippings from newspapers *O Globo* and *JB* and magazines *Veja* and *CartaCapital*, all online, that prove the natural, or even common of subordinate clauses passive agent, of subordinate clauses modal and locative. Thus it became possible to affirm that they operate fully in our language, are in Portuguese syntax, its natural habitat, come to life and grace and strength in speaking and writing of portuguese speakers, in our speech and in our writing, we Brazilians.

Keywords: Passive Agent. Adverbials. Modal. Locative. Subordinated.

## **LISTA DE ILUSTRAÇÕES**

Quadro 1 –	Conectivos que denotam situação e movimento .....	66
Quadro 2 –	Classificação das orações agente da passiva - quadro sinóptico .....	97
Quadro 3 –	Orações adverbiais modais e locativas – quadro sinóptico .....	152

## SUMÁRIO

	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	13
1	<b>A NOMENCLATURA GRAMATICAL BRASILEIRA</b> .....	18
2	<b>A PALAVRA <i>QUEM</i></b> .....	25
2.1	<b>A etimologia</b> .....	25
2.2	<b>Conceito e classificação dos pronomes</b> .....	25
2.2.1	<u>Os pronomes relativos</u> .....	27
2.2.2	<u>O pronome relativo indefinido</u> .....	28
2.2.3	<u>Os pronomes interrogativos</u> .....	28
2.3	<b>À luz da Tradição</b> .....	29
2.3.1	<u>Said Ali</u> .....	29
2.3.2	<u>Rocha Lima</u> .....	30
2.3.3	<u>Evanildo Bechara</u> .....	31
2.3.4	<u>Celso Cunha</u> .....	32
2.4	<b>Observações finais</b> .....	34
3	<b>AS ORAÇÕES SUBORDINADAS</b> .....	35
3.1	<b>Os processos sintáticos – período composto</b> .....	35
3.2	<b>O período composto na NGB</b> .....	36
3.2.1	<u>As orações subordinadas de acordo com a NGB</u> .....	36
3.2.1.1	As orações subordinadas substantivas .....	37
3.2.1.2	As orações subordinadas adjetivas .....	38
3.2.1.3	As orações subordinadas adverbiais .....	39
3.3	<b>Na voz dos Sintaticistas</b> .....	41
3.3.1	<u>Evanildo Bechara</u> .....	41
3.3.1.1	As orações dependentes (subordinadas) .....	42
3.3.1.2	As orações subordinadas substantivas .....	42
3.3.1.3	As orações subordinadas adjetivas .....	43
3.3.1.4	As orações subordinadas adverbiais .....	44
3.3.2	<u>Gladstone Chaves de Melo</u> .....	46
3.3.2.1	Da subordinação .....	47
3.3.2.2	As orações subordinadas substantivas .....	47

3.3.2.3	As orações subordinadas adjetivas .....	47
3.3.2.4	As orações subordinadas adverbiais .....	48
3.3.3	<u>Walmírio Macedo</u> .....	49
3.3.3.1	Da subordinação .....	49
3.3.3.2	As orações subordinadas substantivas .....	50
3.3.3.3	As orações subordinadas adjetivas .....	51
3.3.3.4	As orações subordinadas adverbiais .....	51
3.3.4	<u>Adriano da Gama Kury</u> .....	52
3.3.4.1	Da subordinação .....	52
3.3.4.2	As orações subordinadas substantivas .....	53
3.3.4.3	As orações subordinadas adjetivas .....	54
3.3.4.4	As orações subordinadas adverbiais .....	54
3.3.5	<u>Claudio Cezar Henriques</u> .....	57
3.3.5.1	Da subordinação .....	57
3.3.5.2	As orações subordinadas substantivas .....	58
3.3.5.3	As orações subordinadas adjetivas .....	59
3.3.5.4	As orações subordinadas adverbiais .....	59
3.3.6	<u>José Carlos de Azeredo</u> .....	61
3.3.6.1	Da subordinação .....	62
3.3.6.2	As orações substantivas .....	62
3.3.6.3	SAdj e transposição: as orações adjetivas .....	64
3.3.6.4	SAdv e transposição: as orações adverbiais .....	65
3.3.6.4.1	A relação comparativa .....	68
3.4	<b>Observações finais</b> .....	69
4	<b>AS ORAÇÕES SUBORDINADAS NÃO CLASSIFICADAS PELA NGB</b> .....	70
5	<b>A VOZ PASSIVA ANALÍTICA</b> .....	72
5.1	<b>O agente da passiva</b> .....	72
5.2	<b>As orações subordinadas agente da passiva</b> .....	73
5.3	<b>Das Gramáticas Tradicionais</b> .....	75
5.3.1	<u>Said Ali</u> .....	75
5.3.2	<u>Rocha Lima</u> .....	77
5.3.3	<u>Evanildo Bechara</u> .....	79

5.3.4	<u>Celso Cunha</u> .....	80
5.4	<b>Das Gramáticas Pedagógicas</b> .....	82
5.4.1	<u>Faraco &amp; Moura</u> .....	82
5.4.2	<u>Luiz Sacconi</u> .....	83
5.4.3	<u>Nicola &amp; Ulisses</u> .....	83
5.4.4	<u>Cegalla</u> .....	84
5.4.5	<u>Hildebrando &amp; Douglas Tufano</u> .....	85
5.5	<b>Das Gramáticas Linguísticas</b> .....	85
5.6	<b>Dos Sintaticistas</b> .....	86
5.6.1	<u>Gladstone Chaves de Melo</u> .....	87
5.6.2	<u>Walmírio Macedo</u> .....	88
5.6.3	<u>Adriano da Gama Kury</u> .....	89
5.6.4	<u>Evanildo Bechara</u> .....	90
5.6.5	<u>José Carlos de Azeredo</u> .....	91
5.6.6	<u>Claudio Cezar Henriques</u> .....	91
5.7	<i>Do Corpus</i> .....	92
5.7.1	<u>O Globo online</u> .....	93
5.7.2	<u>JB online</u> .....	94
5.7.3	<u>Revista Veja online</u> .....	95
5.7.4	<u>Revista CartaCapital online</u> .....	95
5.8	<b>Considerações finais</b> .....	97
6	<b>AS ORAÇÕES SUBORDINADAS ADVERBIAIS</b> .....	100
6.1	<b>As orações adverbiais modais</b> .....	102
6.2	<b>Das Gramáticas Tradicionais</b> .....	104
6.2.1	<u>Said Ali</u> .....	104
6.2.2	<u>Rocha Lima</u> .....	106
6.2.3	<u>Evanildo Bechara</u> .....	107
6.2.4	<u>Celso Cunha</u> .....	113
6.3	<b>Das Gramáticas Pedagógicas</b> .....	114
6.3.1	<u>Faraco &amp; Moura</u> .....	114
6.3.2	<u>Luiz Sacconi</u> .....	115
6.3.3	<u>Nicola &amp; Ulisses</u> .....	116
6.3.4	<u>Cegalla</u> .....	117

6.3.5	<u>Hildebrando</u> .....	119
6.3.6	<u>Douglas Tufano</u> .....	120
6.4	<b>Das Gramáticas Linguísticas</b> .....	121
6.4.1	<u>Maria Helena de Moura Neves</u> .....	121
6.4.2	<u>Maria Helena Mira Mateus</u> .....	122
6.4.3	<u>José Carlos de Azeredo</u> .....	123
6.4.4	<u>Ataliba T. de Castilho</u> .....	126
6.4.5	<u>Mario A. Perini</u> .....	127
6.5	<b>Dos Sintaticistas</b> .....	128
6.5.1	<u>Gladstone Chaves de Melo</u> .....	128
6.5.2	<u>Walmírio Macedo</u> .....	130
6.5.3	<u>Adriano da Gama Kury</u> .....	132
6.5.4	<u>Evanildo Bechara</u> .....	136
6.5.5	<u>José Carlos de Azeredo</u> .....	139
6.5.6	<u>Claudio Cezar Henriques</u> .....	142
6.6	<i>Do Corpus</i> .....	144
6.6.1	<u>O Globo <i>online</i></u> .....	145
6.6.1.1	Adverbiais Modais .....	145
6.1.1.2	Adverbiais Locativas .....	145
6.6.2	<u>JB <i>online</i></u> .....	146
6.6.2.1	Adverbiais Modais .....	146
6.6.2.2	Adverbiais Locativas .....	147
6.6.3	<u>Revista <i>Veja online</i></u> .....	148
6.6.3.1	Adverbiais Modais .....	148
6.6.3.2	Adverbiais Locativas .....	149
6.6.4	<u>Revista <i>CartaCapital online</i></u> .....	149
6.6.4.1	Adverbiais Modais .....	149
6.6.4.2	Adverbiais Locativas .....	150
6.7	<b>Considerações finais</b> .....	152
7	<b>CONCLUSÃO</b> .....	155
	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	160

## INTRODUÇÃO

Cá estou. Em casa, em frente ao micro, elaborando minha Dissertação para obtenção do Grau de Mestre pela Uerj, Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Uma ponta de orgulho espeta-me, afinal é mais uma etapa cumprida em minha vida. Mas chegar aqui não foi fácil e para isso percorri uma grande jornada.

Minha história com a língua portuguesa tem início em dezembro de 1994. Graduado em engenharia civil, trabalhando na área de projetos de detalhamento naval do Estaleiro Mauá há oito anos, acompanhávamos, àquela época, a crise que atravessava o setor naval brasileiro, que culminou no fechamento dos vários estaleiros no Rio de Janeiro no ano de 1994 e seguintes. Assim, em dezembro de 1994, vi-me demitido. Era véspera de Natal.

Desempregado, marcado pela dor da demissão, decidi que não tornaria a passar por esse sofrimento. Para tal, só havia uma saída: abraçar a carreira pública. O caminho, então, era o do concurso público. Decidido, procurei os cursinhos preparatórios e iniciei meus estudos. Aí começa o meu reencontro com a língua portuguesa.

No caminho para a carreira pública, conheci alguns excelentes professores de língua portuguesa: Laércio Ribeiro, Márcio Coelho, Renato Aquino, Fernando Figueiredo, Celso Aragão, Décio Cena, Marcelo Rosenthal entre tantos outros, todos com competência e técnica apuradas, saber inquestionável e didática cativante. Tudo isso, aliado ao meu estudo intenso e dedicado, fez despertar em mim a paixão pela Língua Portuguesa.

Aprovado no cargo de Analista Judiciário da Justiça Federal no Rio de Janeiro surgiu em mim uma grande dúvida: o que fazer com o farto conhecimento adquirido ao longo dos anos dedicados ao estudo das várias disciplinas que compunham os certames, dentre elas as matérias dos cursos de Direito, Contabilidade, Administração, Matemática, Estatística, Língua Portuguesa. Decisão tomada: optei por lecionar língua portuguesa em cursos preparatórios para concursos públicos. Assim, permaneceria no meio do concurso público, com o qual já me habituara a conviver, continuaria a estudar o idioma e transmitiria o conhecimento acumulado nos anos como aluno.

Começo minha carreira de professor no ano de 1999, no extinto Curso Êxito, e logo a seguir na Academia do Concurso Público, a convite do professor e amigo Mauro Lasmar, onde lecionei por dez anos. Mas um fato curioso acontecia em sala de aula e que me causava certo desconforto: os alunos, movidos por uma natural curiosidade, perguntavam-me, com insistência, como havia sido minha vida acadêmica no curso de Letras. Sem ter o que

responder, dizia que esse não era um assunto de prova e voltava imediatamente ao conteúdo da disciplina. Movido pelo desejo de me tornar “verdadeiramente” professor de língua portuguesa, ingressei no curso de Letras da Universidade Estácio de Sá, no ano de 2001, tendo-o concluído no ano de 2004. A partir daí, fiz alguns cursos de especialização até chegar aqui, ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Letras da Universidade do Estado do Rio de Janeiro – Mestrado em Língua Portuguesa.

Não há dificuldade em justificar a escolha do tema a ser desenvolvido na Dissertação, pois se trata de língua portuguesa. Somos retratos do idioma que pensamos, que falamos, que escrevemos, e pensar melhor, falar melhor, escrever melhor significa sermos melhores. Assim, temos condições de ser cidadãos mais conscientes, mais esclarecidos, capazes de dar uma contribuição maior e mais participativa na vida de nosso país, na de nosso Estado, na de nosso Município e na de nossa Comunidade. Ao estudarmos língua portuguesa, tornamo-nos aptos a utilizá-la com maior eficácia tanto na produção de textos, como também na sua interpretação. Ampliamos, assim, o exercício de nossa vida em comunidade, conseqüentemente, de nossa cidadania, que passa a ser mais cristalina, coerente, límpida.

Torna-se evidente a importância do estudo da língua portuguesa, no nosso caso, ou da língua corrente, numa dimensão maior, conceito que se aplica a qualquer idioma em qualquer lugar do mundo. Contudo, e apesar da preocupação do domínio efetivo da língua ser uma constante, a realidade nos apresenta bem diferente e nos mostra que a maioria dos brasileiros tem um nível de conhecimento ruim, ou mesmo sofrível do idioma, e poucos são os que dominam a variante culta da língua. Esforços são envidados a atenuar essa realidade, tanto que a prova de língua portuguesa passou a ser decisiva na aprovação de vestibulares e na de concursos públicos. Fazer uma boa prova de língua portuguesa é abrir uma frente vantajosa em relação aos concorrentes. Na outra face da moeda, a situação não muda, pois, para se entrar no mercado de trabalho, mercado esse cada vez mais competitivo-, a exigência de um bom falar e de um bom escrever permanecem como critério no processo seletivo das empresas.

No mundo cada vez mais globalizado, em plena era da comunicação e da informação, comunicar-se com clareza, objetividade, é condição *sine qua non* para obtenção do sucesso em qualquer área, seja ela qual for. Todavia essas exigências ainda não são capazes de mudar acentuadamente o quadro e é preciso que se encare que só uma minoria de brasileiros domina satisfatoriamente o seu idioma. Quando se comete algum deslize de concordância, de algumas regências, quando se mostra um vocabulário pobre, escasso, automaticamente surge o preconceito, dessa vez linguístico, e essa pessoa passa a ser discriminada por mostrar um



nível de linguagem abaixo do esperado, e não se fala aqui especificamente no nível culto da língua, isso ocorre mesmo no nível coloquial. Daí tornar-se interessante o estudo da língua portuguesa, seu funcionamento, suas nuances, suas variantes. Mas o que estudar?

Dentro do vasto universo da língua portuguesa, todos pertinentes, interessantes, fascinantes, a área escolhida para o desenvolvimento do tema, ou para o seu estreitamento, foi a sintaxe por ser ela o cerne de todo o idioma, a área mais importante em qualquer idioma, a que retrata a forma de um povo construir o pensamento, estruturá-lo, organizar suas ideias. “A sintaxe é o princípio construtivo universal das estruturas da língua” (Benveniste, 1986 Apud Inez Sautchuck *in* <http://www.filologia.org.br/ixfelin/trabalhos/pdf/63.pdf>, Sintaxe: eixo da textualidade). Seguindo esse pensamento, acrescenta Sautchuck:

“Se a sintaxe é o princípio construtivo da língua, todo falante que dominar as estruturas que representam a própria identidade dessa língua obterá também o domínio da expressão, e poderá, após isso, exercitar e ousar as marcas pessoais do seu estilo. Este terá, com certeza, um número maior de condições favoráveis de atualizar coerentemente o seu discurso do que aquele que não conseguir esse domínio.”

Em outro momento, o professor Evanildo Bechara, membro da Academia Brasileira de Letras, filólogo e gramático, um dos maiores nomes em língua portuguesa na atualidade, na contracapa do livro *Sintaxe* do professor Cláudio Cezar Henriques, dá-nos a dimensão da importância do estudo da sintaxe portuguesa:

A chegada de um compêndio de sintaxe é sempre bem recebida, e, em se tratando do português, a alegria é ainda maior, pois que, dos idiomas românicos, o capítulo de sintaxe portuguesa é dos que mais precisam de avanços, tanto no plano puramente teórico, quanto no da descrição e levantamento dos fatos da língua.

O tratamento da matéria nesta *Sintaxe* está feito de maneira extremamente didática, pondo o leitor a par de usos e revelando diferenças de nomenclatura e de doutrina entre os autores consultados; todavia, o que mais aplaudo no livro é aproveitar cada noção de teoria gramatical para mostrar a sua presença e a sua repercussão no entendimento ou no uso das construções do idioma. Chega-se, desta maneira, à plena certeza de que, no âmbito do aprendizado consciente e reflexivo da língua, a gramática é um meio e não um fim. [...]

Daí não ter sido outra a área de pesquisa senão a sintaxe. Mas dentro da sintaxe, o que escolher como tema específico? Qualquer tópico conteria a validade necessária para tornar-se alvo de um estudo, entretanto buscou-se um que provocasse em qualquer estudante, em qualquer estudioso do idioma um interesse maior na sua leitura; um assunto que contivesse algum dado curioso no universo da língua e que pudesse gerar uma discussão mais ampla e acalorada sobre o tema proposto. Seguindo essa orientação, delimitou-se a pesquisa nas orações subordinadas com valor de agente da passiva, nas subordinadas adverbiais modais e

locativas, pelo fato de essas orações, ainda que tenham “alma” na língua, ainda que “vivam” nos falares do povo, nas “penas” dos escritores, não serem reconhecidas oficialmente pela Nomenclatura Gramatical Brasileira – *NGB* – pois no rol de classificação das orações subordinadas não aparecem essas orações.

Esta Dissertação tem por objetivo geral elaborar um estudo comparativo das visões de gramáticos tradicionais, de linguistas autores de gramáticas, de autores de livros didáticos (gramáticas didáticas) e de autores de sintaxe, em relação à Nomenclatura Gramatical Brasileira, sobre as orações subordinadas que não se encontram classificadas na própria *NGB*.

Especificamente a proposta deste trabalho é a de contribuir na ampliação do campo de pesquisa na área da sintaxe portuguesa; proporcionar uma reflexão sobre o tema entre os estudantes de língua portuguesa, entre os estudiosos do idioma e entre todos os que se interessem, de alguma maneira, pelo tema; contrapor a visão de autores e gramáticos de língua portuguesa, em relação ao objeto proposto, a fim de permitir ao leitor um exame mais aprofundado do assunto, através de um estudo comparativo. Por fim, verificar o funcionamento dessas orações subordinadas no corpo da língua, por meio de textos midiáticos.

O desenvolvimento do trabalho far-se-á, praticamente, calcado na pesquisa bibliográfica, por meio de um estudo comparativo entre os vários autores que escreveram (ou não) sobre essas orações. Para tal, a fim de se dar um ordenamento ao trabalho, adotou-se, entre os autores estudados, a seguinte divisão:

- Gramáticas tradicionais: M. Said Ali, Rocha Lima, Evanildo Bechara e Celso Cunha & L. Cintra;
- Gramáticas Pedagógicas: Faraco & Moura, Luiz A. Sacconi, Nicola & Ulisses, Domingos Paschoal Cegalla, Hildebrando A. de André e Douglas Tufano;
- Gramáticas Linguísticas: M. H. de Moura Neves, M. H Mira Mateus, José Carlos de Azeredo, Ataliba T. de Castilho e Mário A. Perini.
- Obras de Sintaxe: Gladstone Chaves de Melo, Walmírio Macedo, Adriano da Gama Kury, Evanildo Bechara, José Carlos de Azeredo e Claudio Cezar Henriques.

Inicialmente, procurou-se um ordenamento segundo essa classificação, observando-se também as afinidades de opiniões entre os autores, a forma como classificam as orações subordinadas, as posições consonantes ou não com a *NGB*. A escolha desses autores deveu-se à contribuição que cada um deu, inegavelmente, à língua portuguesa, ao brilhantismo de suas explanações e ao notório conhecimento do idioma, de seu funcionamento e estrutura e por acreditar-se que a seleção dos autores é verdadeiramente representativa em cada grupo.

No que diz respeito às citações, há quem defenda a atualização da ortografia original com a ortografia hoje vigente e há os que preferem deixar a ortografia sem correção mantendo-se a escrita inalterada. Optou-se, neste trabalho, por esta prática. Reproduziram-se os textos sem qualquer alteração, mantendo-se a escrita original, dada por seus autores, respeitada a ortografia vigente em suas épocas.

Encerrada a pesquisa, passa-se à análise do *corpus*, em que se procurou mostrar, em trechos de textos midiáticos, o funcionamento das orações estudadas no universo “vivo” da língua portuguesa.

Nada melhor para se comprovar o funcionamento e o uso da língua do que tomar como *corpus* textos midiáticos – jornais, revistas, textos publicitários. A escolha desses textos justifica-se porque “os textos midiáticos constituem importante objeto de pesquisa não só por atingirem milhões de brasileiros, mas também por constituírem um padrão médio de linguagem.”, como afirma André Valente (2007, p.129).

Jornais e revistas abordam os mais variados assuntos – política, economia, “cidade”, “país”, “o mundo”, educação, ciência & saúde, esporte, “diversão & TV”, gastronomia, “viagem” – que compõem o nosso cotidiano. São veículos de comunicação de massa, e isso faz com que estejamos próximos desses veículos e criemos, inclusive, identidades com muitos deles. Por isso, não poderia ser outro tipo de texto o escolhido para formar o nosso *corpus*.

## 1 A NOMENCLATURA GRAMATICAL BRASILEIRA

O ensino de língua portuguesa no Brasil, antes do advento da Nomenclatura Gramatical Brasileira – doravante *NGB* –, era caótico. Vivíamos em uma verdadeira confusão de terminologias: cada gramático, valendo-se de seu notório conhecimento, adotava, a seu bel-prazer, terminologia própria para designar os fatos da língua: as classes gramaticais, as funções sintáticas, a classificação das orações, etc. Destarte, era quase impossível o ensino e, principalmente, o estudo da língua portuguesa.

Tal ensino, nas séries primárias e secundárias, era, tradicionalmente, calcado no ensino da gramática, apoiado em antologia de textos literários consagrados. Assim, era fundamental que a terminologia adotada nas salas de aula fosse homogênea, situação essa que não se configurava até o final da década de 1950.

Não raro, professores renomados faziam críticas severas a essa *torre de Babel* de terminologias adotadas no ensino da língua.

Em 1958, o professor Antônio José Chediak foi um dos que criticavam essa situação caótica e afirmava que “a nomenclatura sofria de falta de ordenação, de gradação; era variada e incompleta, deficiente e contraditória e que não correspondia aos fatos da língua”. Observações essas feitas no prefácio do livro do professor Mário Barreto, *Fatos da língua Portuguesa* (1954). Já aí, apontava a necessidade de unificação e simplificação da terminologia gramatical e sugeria a formação de uma comissão “idônea” com a participação ampla de professores da língua, quantos quisessem contribuir, e de instituições que pretendessem colaborar nos estudos a serem realizados com esse propósito.

Era esse o quadro que encontrávamos no ensino da língua portuguesa antes da edição da nova Nomenclatura. Professores e especialistas divergiam, às vezes de forma radical, em conceitos e nomes, e alunos se perdiam nesse labirinto de classificações, de designações e de conceitos.

Em abril de 1957, o então Ministro da Educação e Cultura no governo do Presidente Juscelino Kubitschek – Professor Clóvis Salgado da Gama – expede a portaria nº 152, de 24 de abril, levando em consideração, dentre outras, que o ensino da Língua Portuguesa devesse merecer dos Poderes Públicos especial interesse e tratamento particular e que a complexidade e a falta de padronização da nomenclatura gramatical em uso nas escolas fosse, talvez, o maior empecilho à eficiência no ensino do idioma, e resolve constituir uma Comissão de renomados professores para elaborar o anteprojeto da Nomenclatura Gramatical Brasileira Simplificada e Unificada. Então, designa os professores Antenor Nascentes – presidente da

comissão –, Clóvis do Rego Monteiro, Celso Ferreira da Cunha, Carlos Henrique da Rocha Lima – secretário e relator – e Cândido Jucá (filho), para estudarem o assunto e proporem o projeto de simplificação, assistidos pela Diretoria do Ensino Secundário.

A Comissão reunia-se uma vez por semana na Biblioteca Nacional, no Rio de Janeiro, e logo na primeira Sessão aprovou as seguintes normas de trabalho:

- I. as deliberações serão tomadas pelo voto da maioria;
- II. a escolha de cada um dos nomes se fará depois de realizado o levantamento das várias designações correntes nas obras de autores nacionais consagrados;
- III tal seleção atenderá a tríplice aspecto:
  - a) exatidão científica do termo;
  - b) a vulgarização internacional;
  - c) a sua tradição na vida escolar brasileira;
- IV eliminar-se-ão as denominações múltiplas, optando-se por aquela que, além de mais simples, for de uso mais geral.

Tomados por um ânimo comum de levar a termo a nobre tarefa confiada a eles pelo Ministério da Educação e Cultura, os membros da Comissão superaram as impressões pessoais, muitas vezes divergentes, os antigos hábitos adquiridos ao longo do ensino e debruçaram-se, com obstinação, no desenvolvimento do projeto. Especial afincou o professor Rocha Lima, que descreveu uma gramática sintética da língua, o que fugia, pela sua extensão, aos propósitos do ministro Clóvis Salgado. Após dois meses de trabalho, enfim a Comissão aprova o anteprojeto e o encaminha ao Ministro da Educação. Antes mesmo da aprovação pelo ministro, um impasse foi criado com a publicação pelo professor Cândido Jucá (filho) do livro *132 restrições ao anteprojeto de simplificação e unificação da Nomenclatura Gramatical Brasileira*, da Editora Civilização Brasileira. Um grande constrangimento tomou posse dos membros da Comissão, haja vista que tal fato fora divulgado pela imprensa. Então, fica o anteprojeto sem relator, diante da negativa feita pelos membros da Comissão, dada a conjuntura.

Como solução para o óbice criado, designou-se uma assessoria para a Comissão, composta pelos professores Antônio José Chediack – nomeado relator do projeto – Serafim da Silva Neto e Silvio Edmundo Elia, incumbida de apresentar um anteprojeto dentro das normas

estabelecidas, ou seja, conciso, objetivo, direto. Assim foi feito e em uma semana foi apresentado à Comissão o anteprojeto nos moldes requeridos. Esta o acolheu praticamente sem restrições, e fez apenas duas alterações: substituiu o termo “adjunto adjetivo” por “adjunto adnominal” e manteve a tradicional classificação do período composto em *coordenação* e *subordinação*, em oposição às quatro descritas inicialmente em *coordenação*, *subordinação*, *justaposição* e *correlação*.

Por fim, em 13 de agosto de 1957, o anteprojeto foi apresentado ao ministro Clóvis Salgado, com uma breve exposição, que o aprovou imediatamente. Porém, antes de baixar portaria, de fazer entrar em circulação e em vigor a Nova Nomenclatura, o Ministro enviou, via ofício, um exemplar do anteprojeto aos Governadores de Estado, ao presidente da Câmara do Distrito Federal, a todos os Reitores, aos Presidentes da Academia Brasileira de Letras, da Academia Brasileira de Filologia, ao Diretor do Colégio Pedro II e do Departamento de Ensino Secundário e a todas as Faculdades de Filosofia, para apreciação, comentários ou sugestões. Além da terminologia gramatical escolar, o anteprojeto apresentava notas explicativas e alguns conceitos básicos, em determinados pontos.

Muitas foram as observações ou sugestões ao anteprojeto. Professores, isoladamente, filólogos, universidades, a Academia Brasileira de Filologia contribuíram com comentários ao anteprojeto da *NGB*. Após essas discussões, em 28 de janeiro de 1959, o Ministro baixa a portaria nº 36, que recomenda a adoção da Nova Nomenclatura. A *NGB*, enfim, entra em vigor (Anexo A).

A *NGB* foi concebida com base nos conhecimentos da época, quando a ciência da Linguística era então incipiente e essa disciplina não era ainda regular nos cursos de Letras. Os filólogos da comissão, embora todos reconhecidamente de renome, eram de formação tradicional e transmitiram para a Nomenclatura estas impressões e concepções, que acabaram por acarretar algumas distorções ou mesmo conflitos, que fizeram com que muitos gramáticos ou autores de língua portuguesa recheassem suas páginas com notas de rodapé, contestando ou esclarecendo um ou outro ponto da *NGB*.

Após a entrada em vigor da *NGB*, vários foram os professores que publicaram obras a fim de explicar a Nova Nomenclatura: em 1959, Antenor Nascentes publica a sua *Nomenclatura Gramatical: texto comentado*; no mesmo ano, Adriano da Gama Kury, sua *Pequena Gramática para explicação da Nomenclatura Gramatical Brasileira*; ainda em 1959, Sílvio Elia, com seu irmão Hamilton, publica *Nova Nomenclatura Gramatical Brasileira: exemplos e comentários*. Artigos publicados em jornais faziam críticas ou comentários à *NGB*, como os do professor Isaac Nicolau Salum, da Faculdade de Filosofia,

Ciências e Letras de São Paulo, publicados no Estado de São Paulo. Também em 1959, o professor Delson Gonçalves Ferreira publica sua *Análise Sintática* de acordo com a nova nomenclatura gramatical, com o propósito de disseminar a proposta de simplificação e uniformização da variada terminologia escolar. Nessa conjuntura, logo se percebe que a Nomenclatura Gramática Brasileira não era uma unanimidade, nem mesmo entre os seus signatários.

Unanimidade ou não, inegável foi o avanço promovido pela adoção da *NGB*. As gramáticas e os livros didáticos publicados a partir da *NGB* adotaram a nova nomenclatura gramatical. Dessa data em diante, todos passaram a utilizar as mesmas expressões como, por exemplo, objeto indireto em vez de “complemento terminativo” ou “complemento relativo”, futuro do pretérito, em vez de “condicional” etc.

A *NGB*, inegavelmente, alcançou seu objetivo de simplificar e de padronizar a terminologia utilizada nas salas de aula dos antigos cursos primário, ginásial e clássico/científico (hoje, ensinos fundamental e médio). Com isso, facilitou não só o ensino da língua nacional, como também o aprendizado pelos alunos. Resolveu o problema da migração escolar, pois, independentemente de onde fosse o aluno estudar, em qualquer região do país, a uniformidade da terminologia garantiria a continuidade do estudo.

O professor Mattoso Câmara, em um curso organizado pelo Diretório Acadêmico São Tomás de Aquino, da Faculdade Católica de Filosofia de Petrópolis, em abril de 1960, para comentar a nova nomenclatura gramatical, cujas aulas foram taquigrafadas pelo estudante da Faculdade Católica de Direito Luciano Boettger e publicadas na revista *Letras* da Universidade do Paraná, reconhece a importância da entrada em vigor da *NGB*, naquele momento:

Da minha parte, tenho a dizer de início que considero a nova Nomenclatura Gramatical um excelente passo para combater o arbítrio e a fantasia individual em matéria de nomenclatura. No séc. XIX, dizia-se que todo professor de filosofia alemão se achava obrigado a criar um sistema filosófico seu. A Alemanha é a terra da Filosofia; no Brasil, que é a terra da Gramática, todo professor de português se acha obrigado a criar uma nomenclatura gramatical sua.

Daí uma multiplicidade quase estonteante, que dá vertigens aos jovens estudantes e aos adultos leigos interessados em questões de linguagem. Essa multiplicidade decorre de duas causas: 1. certo pedantismo exibicionista, muito enconstrado nos estudos lingüísticos *urbe et orbe*, onde já se disse que há a epidemia dos termos novos (própria da puerícia tanto nos seres humanos como nas ciências do homem, segundo o comentário que ouvi de Roman Jakobson a propósito da escola lingüística norte-americana); 2. divergências doutrinárias profundas, que tinham de se refletir na Nomenclatura, pois, como comenta por sua vez Otto Jespersen, não há doutrina segura sem nomenclatura precisa.

O primeiro fator é fácil de eliminar e a Nomenclatura Nova foi feliz nesse ponto, de maneira geral. É bastante adotar o termo mais em voga entre dois ou mais que no fundo querem dizer a mesma coisa.

Já o segundo fator impunha uma tomada de posição doutrinária. A N.G.B, não se pôde furtar de fazê-lo e em regra também foi feliz nisso. Ressalve-se, porém, que não raro procedeu com

excessiva timidez; a preocupação de não assumir atitudes doutrinárias radicais levou-a a certas incoerências e à manutenção, em alguns casos, de pontos de vista superados. Não o fez por falta de informação, estou certo, pois pelo menos o seu Presidente é entre nós talvez o professor de português mais bem informado em matéria de correntes lingüísticas hodiernas, e na Sub-Comissão trabalhou Sílvia Elia, sempre preocupado com os grandes problemas doutrinários da linguagem. (...)

Atualmente, passados mais de 50 anos de sua edição, como vemos a Nomenclatura Gramatical Brasileira? Que conceito temos dela? O professor Claudio Cezar Henriques, Pós-doutor em Letras, professor titular da Universidade do Estado do Rio de Janeiro –, publicou em 2009 o livro *Nomenclatura gramatical brasileira: 50 anos depois* em que faz um minucioso retrospecto da *NGB* desde seu nascimento até os dias de hoje. Neste trabalho, o autor colhe depoimentos de vários professores ilustres no meio acadêmico e reconhecidamente notáveis no saber, conhecedores que são da Língua Portuguesa, em seu sentido mais amplo, tais como os professores Evanildo Bechara, Ataliba T. de Castilho, Carlos Alberto Faraco, Carlos Eduardo F. Uchôa, José Carlos S. Azeredo, José Lemos Monteiro, Luiz Carlos Travaglia, Maria Helena de Moura Neves, Mário Alberto Perini & Lúcia Fulgêncio, Rodolfo Ilari, entre outros.

Dos depoimentos, é praticamente unânime o reconhecimento de que a *NGB* cumpriu seu papel precípua, qual seja, o de unificar e simplificar a terminologia gramatical a ser adotada nas escolas. Fica também evidente que o problema do ensino da língua nos níveis fundamental e médio, hoje, não é mais nomenclatural, e sim se deve à metodologia de ensino, à seleção inadequada do conteúdo programático às respectivas séries.

Também é unânime a posição dos eminentes professores de que a Nomenclatura Gramatical Brasileira precisa, urgentemente, ser revisada, reformulada, ou melhor, modernizada. Desejam que a *NGB*, dado o avanço científico nos estudos da língua, retrate uma descrição mais atualizada “dos elementos do sistema lingüístico”, com um rigor científico mais apurado na descrição dos fatos da língua e que incorpore as contribuições dos estudos lingüísticos produzidos nas últimas décadas, especialmente os da análise do discurso e os da lingüística textual.

Na apresentação do livro do professor Claudio Cezar, o também professor e pesquisador de língua portuguesa, Domício Proença Filho, reforça a necessidade de se reformular a *NGB*:

A necessária reformulação da *NGB*, se bem conduzida, para além de interesses de grupos e do conflito de paixões, facilitará certamente o entendimento do idioma comum e a ação de especialistas e professores que a ela se dedicam. Será útil à sua agilização, nesse sentido, o envolvimento de instituições e centros de estudo especializados.



E essa tarefa não parece ser tão fácil quanto se pensa. Um documento de tamanho porte e alcance, com um valor histórico agregado incontestável, não pode ser simplesmente atualizado.

Essa reforma implica um amplo debate entre gramáticos, linguistas, filólogos, professores, escritores, jornalistas, demais pessoas que utilizam a língua como expressão do trabalho, bem como, e principalmente, os demais setores da sociedade brasileira, interessados no assunto. Nesse aspecto, não se pode ignorar o avanço tecnológico do século XX nos meios de comunicação como, por exemplo, a rede mundial de computadores. A *Internet*, com a sua fantástica capacidade de interatividade e a sua velocidade na disseminação da informação, permitiria uma profunda, vasta e acalorada discussão entre todos os segmentos afins aos problemas ou ao uso da língua.

Interessados de todo o Brasil – de norte a sul, de leste a oeste – poderiam manifestar-se e contribuir para o sucesso da reforma. O fruto desse debate serviria de base ou nortearia os trabalhos da comissão responsável em concretizar tal mudança. O resultado final, certamente, daria à *NGB* uma maior proximidade com a realidade da língua e uma grande identidade com os falantes da língua portuguesa do Brasil.

Hoje, há uma comissão instituída pelo governo através da portaria nº 4.056 de 2004 – Comissão para Definição da Política de Ensino-Aprendizagem, Pesquisa e Promoção da Língua Portuguesa (COLIP), composta quase na totalidade por expoentes do meio universitário de língua e linguística, para promover de modo “urgente a democratização do acesso da população ao processo de ensino-aprendizagem da língua portuguesa para o efetivo desempenho das práticas sociais da escrita e da leitura, bem como aos materiais da língua escrita.”

Em 17 de junho de 2004, em Brasília, acontece a primeira reunião da COLIP. Foram propostas pela Comissão 26 ações das quais se podem destacar duas pela pertinência ao tema deste trabalho: (a) no âmbito do ensino - revisão e efetiva implementação das ações previstas nos planos curriculares nacionais na área de língua portuguesa, sob pena de ser enfatizado um ensino gramatiquero sem resultado, em lugar de um ensino centrado no domínio das práticas de língua oral e escrita; (b) no âmbito da pesquisa - projetos que estudem métodos pedagógicos para o ensino da língua portuguesa e que contribuam para a atualização de nossas referências normativas, em especial de nossas gramáticas, de modo a valorizar a norma padrão real do país.

Nota-se que a responsabilidade dessa comissão é bem superior a daquela incumbida de padronizar e unificar a nomenclatura gramatical brasileira. O problema da nomenclatura, da

falta de padronização, hoje já bem mais atenuado pela *NGB*, mas ainda existente, é apenas uma dificuldade a mais a ser superada no ensino da língua nacional. O trabalho é árduo, complexo, repleto de nuances e ramificações. Entretanto, temos que depositar total confiança na Comissão para que os resultados advindos do seu trabalho sejam amplamente satisfatórios e que produzam bons frutos no ensino e aprendizado da língua portuguesa e que traduzam uma fiel realidade da língua do povo brasileiro.

Nesse quadro, se “a terminologia é apenas um ponto entre tantas coisas muito mais importantes, às vezes faz-se necessário lembrar que o descaso dado às coisas insignificantes pode gerar grandes prejuízos” (Claudio C. Henriques, 2009).

## 2 A PALAVRA “QUEM”

Alguns aspectos a serem analisados neste trabalho decorrem diretamente da presença da palavra “quem” nas estruturas sintáticas. Assim, abre-se este capítulo dedicado ao estudo morfológico dessa intrigante palavrinha: o *quem*.

### 2.1 A etimologia

Vê-se na gramática histórica do professor Ismael Coutinho (2004) que o pronome *quem* deriva dos pronomes relativos latinos *qui*, *quae* e *quod* formas utilizadas para o masculino, feminino e neutro, respectivamente. Com o fim do Império Romano, o pronome relativo reduziu-se às formas *qui*, *que(m)*, *cui*, *quid* ou *quod*. Após várias mudanças e perdas acentuadas, sobreviveram em nossa língua os acusativos *que(m)* átono e *quid* > **que**; *quem* (tônico) > **quem**; *cuju(m)* > **cujo**.

Então, a palavra *quem* pertence à classe gramatical dos pronomes, sendo relativo, indefinido ou interrogativo, conforme o uso.

### 2.2 Conceito e classificação dos pronomes

O professor José Oiticica, em seu tradicional *Manual de Análise* (1942) define pronome como a palavra que evita o nome e o faz de dois modos: substituindo-o como em: ele entregou-me o livro = ele entregou o livro à minha pessoa; ou dispensando-o como em: minha casa é esta = minha casa é esta casa (dispensa a repetição do substantivo). Continua Oiticica a dizer que esses pronomes representam as pessoas gramaticais, entidades indefinidas, ou coisas que se designam ou a que se faz referência, classificando-os em pessoais, indefinidos, demonstrativos e relativos.

Após, apresenta o seguinte rol dos pronomes, segundo a divisão por ele estabelecida: **pronomes indefinidos supletivos** – *alguém, ninguém, outrem, quem, nada, tudo*, algo; e **pronomes indefinidos supressivos** – *um, algum, nenhum, certos, muitos, poucos, vários, outro e outros*.

Por fim, o professor chama a atenção de que é importante, para a análise, conhecer a equivalência de alguns pronomes indefinidos divididos em três grupos: o das pessoas, o das coisas e o dos lugares, conforme mostrado abaixo:

1º grupo	<ul style="list-style-type: none"> <li><i>quem</i> = que pessoa, a pessoa que</li> <li><i>alguém</i> = alguma pessoa</li> <li><i>ninguém</i> = nenhuma pessoa</li> <li><i>outrem</i> = outra pessoa</li> <li><i>quemquer</i> = qualquer pessoa</li> <li><i>qualquer</i> = qualquer pessoa</li> </ul>
2º grupo	<ul style="list-style-type: none"> <li><i>que</i> = que coisa, qual coisa, a coisa que</li> <li><i>algo</i> = alguma coisa</li> <li><i>nada</i> = nenhuma coisa</li> <li><i>tudo</i> = todas as coisas</li> </ul>
3º grupo	<ul style="list-style-type: none"> <li><i>onde</i> = em que lugar</li> <li><i>algures</i> = em algum lugar</li> <li><i>nenhures</i> = em nenhum lugar</li> <li><i>alhures</i> = em outro lugar</li> </ul>

Desses grupos, o que interessa diretamente a este trabalho é o primeiro, em que aparece o pronome *quem* e sua equivalência: *que pessoa, a pessoa que*. O desdobramento do pronome em sua equivalência implicará alguns fatos objeto de análise desta pesquisa.

Vê-se que, hoje, a classificação dos pronomes não difere muito da apresentada pelo professor Oiticica. A NGB, na parte dedicada à morfologia – no item 5 – divide a classe dos pronomes em pessoais – nas formas retas, oblíquas, reflexivas e de tratamento – possessivos, demonstrativos, indefinidos, relativos. Observa, ainda, que os pronomes que fazem as vezes de substantivos chamam-se pronomes substantivos e os que acompanham o substantivo, pronomes adjetivos. Cabe ressaltar, aqui, que a *NGB* não privilegiou a classe dos pronomes interrogativos, incluindo-os, provavelmente, na classe dos indefinidos, uma vez que “na prática, o que temos são pronomes indefinidos empregados em frases interrogativas ou exclamativas – ou mesmo interrogativo-exclamativas” (C. C. Henriques, 2007).

Bechara (2001) define pronomes como “a classe de palavras que se refere a um significado léxico indicado pela situação ou por outras palavras do contexto.” Adota a classificação da *NGB*, mas acrescenta a ela os pronomes interrogativos.

Para finalizar essa parte conceitual, é significativo citar a definição do professor João Medeiros (2005) dada a sua peculiaridade. Para Medeiros, “pronome são gestos verbais, são indicadores, elementos que apontam para ou indicam um fato ou objeto presente ao falante”. Interessante perceber como o professor, valendo-se de sua sensibilidade linguística, expressa, com nitidez, o papel dos pronomes na língua.

Mas o que nos interessa efetivamente neste capítulo é o estudo do pronome *quem*, o que se retoma daqui. Conforme o caso, o pronome *quem* pode classificar-se em pronomes relativo ou indefinido (neste, incluem-se os interrogativos, quando expressam as interrogações diretas ou indiretas).

### 2.2.1 Os pronomes relativos

Os pronomes relativos são os que se referem a um nome que o antecede, que chamamos *antecedente*, e fazem parte da oração subordinada a esse antecedente.

São relativos os pronomes: *o qual*, *que*, *quem* e *cujos*. Empregam-se também como relativos, no lugar de *em que*, *de que*, referindo-se a coisas no espaço –, os advérbios de lugar: *onde*, *aonde*, *de onde* (ou *donde*). Ex.: Esta é a casa onde nasci.

Os relativos *que* e *quem* são pronomes substantivos. Modernamente, o pronome *que* é usado quando se refere a pessoas ou coisas, e usa-se o *quem* regido de preposição, quando se refere à pessoa. Ex.: Comprei o livro que me recomendou. / O aluno com quem eu falava passou no concurso.

### 2.2.2 O pronome relativo indefinido

Assim chamado o pronome *quem* nas frases em que é usado sem antecedente algum, com a acepção de *a pessoa que*. Ex.: “Quem bebe Grapete repete.” / “Quem quer faz” / “Só dê ouvidos a quem te ama.”

### 2.2.3 Os pronomes interrogativos

Os indefinidos *que* e *quem* são pronomes substantivos e podem ser interrogativos quando usados nas perguntas. O pronome *que* se refere tanto a coisas quanto a pessoas e o pronome *quem* se refere apenas a pessoas. Nesse caso, *que* equivale a **que coisa** e *quem* a **que pessoa**. Ex.: “Que é isto? (O que é isto?).” “Quem é o orador da turma?”

Ainda que se conheça o significado do indefinido *quem* – **a pessoa que, alguém que, que pessoa** –, nem sempre esse desdobramento é aconselhável ou cabível e é justamente esse desdobramento do pronome *quem* o caso gerador, às vezes até controverso, de alguns fatos linguísticos que serão retomados no estudo das orações subordinadas adjetivas e substantivas.

Algumas destas análises decorrerão exatamente da leitura do pronome *quem* na estrutura frasal, a serem estudadas mais detalhadamente nos capítulos seguintes.

## 2.3 À Luz da Tradição

A fim de se manter a “espinha dorsal” deste trabalho, apresenta-se a seguir um estudo comparado entre os quatro mais tradicionais gramáticos da língua portuguesa: Said Ali, Rocha Lima, Evanildo Bechara e Celso Cunha, que são, sem dúvida, grandes doutrinadores no estudo do idioma.

### 2.3.1 Said Ali

Said Ali (1969) divide os pronomes em *possuais* (incluindo-se os reflexivos e recíprocos), *possessivos*, *demonstrativos*, *relativos*, *interrogativos* e *indefinidos*.

Os pronomes relativos referem-se a um nome anterior, chamado antecedente, e faz parte de uma oração subordinada a esse antecedente. São pronomes relativos: *que*, *quem*, *o qual*, e o possessivo *cujo*. *Que* e *quem* são pronomes absolutos (pronomes substantivos). Usa-se o pronome *quem* sempre regido de preposição ao se referir a pessoa ou coisa personificada.

Chama de PRONOME RELATIVO INDEFINIDO ao pronome *quem* nas frases em que é usado sem antecedente algum, com aceção de “homem que”, “a pessoa que”. Ex.: “Quem porfia mata a caça.” / “Dá-se o prêmio a quem melhor trabalho apresentar.” / “Não te mostres ingrato a quem sempre te protegeu.” / “Gosto de conversar com quem me entende.” / “Afasta-te de quem não segue bom caminho.” / “Quem espera sempre alcança.”

Continua Said Ali: são pronomes interrogativos absolutos os pronomes *quem* – que se aplica a ente ou entes humanos – e *que* ou *o que*, equivalente de *que coisa*. Ex.: “*Quem é aquele homem?*” / “*Para quem é este presente?*” / “*Com quem falaste?*” / “*Quem eram as duas órfãs?*” / “*Que é isto?*” / “*Se não é drama, o que é?*”

Ainda, são igualmente pronomes indefinidos as palavras absolutas *quem*, *qual*, *este*, repetidas em frases diferentes com sentido distributivo. Ex.: “*Quem se afoga nas ondas encurvadas, quem bebe o mar e o deita juntamente* (Camões)”. Dá-se a estes pronomes o nome de PRONOMES DISTRIBUTIVOS. Podem ser substituídos por *um... outro*: *Um se afoga nas ondas, outro bebe o mar e o deita juntamente*.

Aqui, tem-se uma curiosidade. Said Ali inclui entre os indefinidos o pronome “este”, em frases do tipo “*Este* interpreta mais que sutilmente os textos; *este* faz e desfaz leis; *este* causa os perjúrios entre as gentes (Camões)”.

### 2.3.2 Rocha Lima

Para Rocha Lima (1996), os pronomes classificam-se em seis grandes grupos: *pessoais, demonstrativos, relativos, possessivos, indefinidos, interrogativos*.

Rocha Lima diz que pronomes relativos “são palavras que reproduzem, numa oração, o sentido de um termo ou da totalidade de uma oração anterior. Não têm significação própria e, em cada caso, representam seu antecedente”. Após, apresenta o quadro de pronomes relativos:

*que, quem; quanto, quanta, quantos, quantas* (referem-se a tudo ou todo e flexões); *cujo, cuja, cujos, cujas; o qual, a qual, os quais, as quais*.

Do mesmo modo que Said Ali, chama de RELATIVOS INDEFINIDOS os pronomes relativos empregados sem antecedente, em frases do tipo: “*Quem* espera sempre alcança.” / “Traiu a *quem* lhe fora tão fiel.” / “Não teve *que* objetar.” / “Fez *quanto* pode.”

Acrescenta que esses pronomes são também chamados *condensados* por trazerem o antecedente incorporado em si.

Indefinidos são os pronomes “que se aplicam à terceira pessoa quando esta tem sentido vago.” Podem ser empregados isoladamente – desacompanhados de substantivos – ou ao lado de substantivos, mantida a concordância em gênero e número. Os pronomes substantivos indefinidos se dividem em três grupos, a saber:

1. Referentes a pessoas: *quem, alguém, ninguém, outrem*.
2. Referentes a coisas: *que, algo, tudo, nada*.
3. Referentes a lugares: *onde, algures, alhures, nenhures*.

Observa Rocha Lima: “os pronomes indefinidos *que, quem, qual, quanto* recebem particularmente o nome de INTERROGATIVOS quando com eles formulamos uma pergunta.” Ex.: “*Quem* eram? De *que* terra? *Que* buscavam?” (Camões)

Diz também que é lícito usar a forma reforçada *o que* em vez de *que*. Ex.: – Que procuras? – O que procuras?



Tais pronomes podem ser usados tanto nas interrogativas diretas – as que terminam por ponto de interrogação – quanto indiretas – as que se utilizam de verbos próprios para interrogação (perguntar, saber, indagar). Ex.: “Indagaram *que* motivos há para desistir.” / “Perguntaram *quem* os acompanharia.” / “Quero saber *quantos* ficarão.”

### 2.3.3 Evanildo Bechara

Bechara (2001) classifica os pronomes em: *pessoais*, *possessivos*, *demonstrativos* (incluindo nesses o artigo definido), *indefinidos* (inserindo nesses o artigo indefinido), *interrogativos* e *relativos*.

Considera pronomes relativos os que normalmente se referem a um termo anterior – antecedente. São relativos os pronomes: *qual*, *o qual* (a qual, os quais, as quais), *cujos* (cuja, cujos, cujas), *que*, *quem*, *quanto*, (quanta, quantos, quantas), *onde*.

*Quem* se refere a pessoas ou a coisas personificadas e vem sempre regido de preposição. *Que* e *o qual* se referem a pessoas ou a coisas. *Que* e *quem* são pronomes substantivos e *o qual*, substantivo ou adjetivo. Ex.: “As pessoas de *quem* falas não vieram.” / “O ônibus *que* esperamos está atrasado.” / “Não são poucas as alunas *que* faltaram.” / “Este é o assunto sobre *o qual* falará o professor.” / “Não vi o menino, *o qual* menino os colegas procuram.” / “A casa *onde* eu moro é espaçosa.”

Pronomes relativos sem antecedente são os pronomes *quem* e *onde* quando empregados de forma absoluta, sem referência a antecedentes. Ex.: “*Quem* tudo quer tudo perde.” / “Dize-me com *quem* andas e eu te direi quem és.” / “Moro *onde* mais me agrada.” Assim empregado, *quem* é considerado como masculino e singular, em relação ao gênero e ao número, respectivamente. Ex.: “Quem com ferro fere com ferro será ferido.”

Em relação aos relativos sem antecedente, Bechara faz uma importante observação:

Os relativos sem antecedente também se dizem relativos indefinidos. Muitos autores preferem, neste caso, subentender um antecedente adaptável ao contexto. Interpretando quem como a pessoa que, onde como o lugar em que, assim substituem:  
 Quem tudo quer tudo perde = a pessoa que tudo quer tudo perde.  
 Este duplo modo de encarar o problema tem repercussões diferentes na classificação das orações subordinadas, conforme veremos [...]

São indefinidos os pronomes que se aplicam à 3.<sup>a</sup> pessoa quando têm sentido vago ou expressam quantidade indeterminada. Todos invariáveis, são pronomes indefinidos substantivos: *alguém, ninguém, tudo, nada, algo, outrem*.

Ex.: “Ninguém mais a voz sentida

Do Trovador escutou!” (G. Dias)

São pronomes indefinidos adjetivos: *nenhum, outro* (também isolado), *um* (também isolado), *certo, qualquer* (variável apenas em número: quaisquer), *algum* e *cada* (este o único invariável).

Os pronomes interrogativos são os indefinidos<sup>1</sup> *quem, que, qual* e *quanto*, que se empregam nas perguntas: Ex.: “*Quem* veio aqui?” / “*Que* cabeça, senhora?” / “*Que* compraste?” / “*Qual* autor desconhece?” / “*Qual* consideras melhor?” / “*Quantas* vieram?” / “*Quantos* anos tem?”

*Quem* se refere a pessoas, e é pronome substantivo. *Que* se refere a pessoas ou coisas, e é pronome substantivo (com o valor de *que coisa?*) ou pronome adjetivo (com o valor de *que espécie?*).

Bechara observa que esses interrogativos resultam geralmente dos pronomes indefinidos e, por isso, costumam ser chamados indefinidos interrogativos. Aparecem também nas exclamações, e neste caso o *que* adquire sentido abertamente intensivo. Ex.: *Que* susto levei! (Comparado a: “*Que* cabeça, senhora?”).

Afirma ainda que os interrogativos indefinidos podem, do mesmo modo, ser empregados nas interrogativas indiretas. Ex: Quero saber *quem* veio aqui.

#### 2.3.4 Celso Cunha

Para Celso Cunha (2001), há seis espécies de pronomes: *possessivos, demonstrativos, relativos, interrogativos e indefinidos*.

São relativos os pronomes que se referem, de regra geral, a um termo anterior – O ANTECEDENTE. Apresentam formas variáveis – *o qual, cujo* e *quanto* (a qual, os quais, as quais, cuja, cujos, cujas, quantos, quantas) – e invariáveis – *que, quem, onde*.

---

<sup>1</sup> Nota-se que Bechara não inclui no rol dos pronomes indefinidos os pronomes *quem, que, qual* ou *quanto*, mas deixa claro, aqui, essa classificação.

Os pronomes relativos *quem* e *onde* podem ser usados sem antecedente – denominam-se, então, relativos indefinidos – em frases do tipo:

“Quem tem amor, e tem calma,  
Tem calma... não tem amor...” (A. Tavares)  
“Passeias onde não ando,  
Andas sem eu te encontrar.” (F. Pessoa)

Celso Cunha tece a seguinte observação:

Nestes casos de emprego absoluto dos RELATIVOS, muitos autores admitem a existência de um antecedente interno, desenvolvendo, para efeito de análise, *quem* em *aquele que*, e *onde* em *no lugar em que*. Assim, os exemplos citados se interpretariam:

**Aquele que** tem amor...  
Passeias **no lugar em que** não ando...

Na língua contemporânea – continua Celso Cunha –, *quem* só se emprega em referência a pessoas ou a alguma coisa personificada.

Ex.: “Feliz é **quem** tiver netos

De **quem** tu sejas avó!” (F. Pessoa)

“A mim **quem** converteu foi o sofrimento.” (Coelho Neto)

Empregado como simples relativo, referindo-se a um antecedente explícito, *quem* equivale a *o qual* e vem sempre antecedido de preposição. Ex.: “A senhora *a quem* cumprimentara era a esposa do tenente-coronel Veiga.” (Machado de Assis) / “Nada como o mexe-mexe caseiro da mulher *de quem* se gosta – José de Arimatéia imaginava.” (M. Palmério)

São chamados de INTERROGATIVOS os pronomes *que*, *quem*, *qual* e *quanto*, empregados para formular uma pergunta direta ou indireta. Ex.: “**Que** trabalho estão fazendo? / Diga-me **que** trabalho estão fazendo.” / “**Quem** disse tal coisa? / Ignoramos **quem** disse tal coisa.” / “**Qual** dos livros preferes? / Não sei **qual** dos livros preferes.” / **Quantos** passageiros desembarcaram? / Pergunte **quantos** passageiros desembarcaram.”

Celso Cunha acrescenta que “os pronomes interrogativos estão estreitamente ligados aos pronomes indefinidos. Em uns e outros a significação é indeterminada, embora, no caso dos interrogativos, a resposta, em geral, venha esclarecer o que foi perguntado”.

*Quem* é pronome interrogativo substantivo e refere-se a pessoas ou a algo personificado. Ex.: “*Quem* não a canta? *Quem?* *Quem* não a canta e sente?” (J. de Lima)  
 “Perguntei ao doutor *quem* era a velha.” (J. de Araújo Correia)

Os pronomes interrogativos “são também frequentemente usados nas exclamações, que não passam muitas vezes de interrogações impregnadas de admiração”. Dependendo da curva tonal e do contexto, podem assumir os mais variados matizes afetivos.

Ex.: “*Que* inocência! *Que* aurora! *Que* alegria!”

(Teixeira de Pascoais)

“*Quem* me dera ser homem!”

(B. Santareno)

“Coitada!... *Quem* diria... *quem* imaginaria que acabaria assim!?!...”

(A. de Assis Junior)

São chamados INDEFINIDOS “os pronomes que se aplicam à 3.<sup>a</sup> pessoa gramatical, quando considerada de um modo vago e indeterminado”. Apresentam formas variáveis e invariáveis. São variáveis os pronomes: *algum*, *nenhum*, *todo*, *outro*, *muito*, *pouco*, *certo*, *vário*, *tanto*, *quanto* e *qualquer*. São invariáveis: *alguém*, *ninguém*, *tudo*, *outrem*, *nada*, *cada* e *algo*.

## 2.4 Observações finais

Encerrado o estudo com os quatro mais influentes gramáticos da língua portuguesa, no Brasil, algumas observações fazem-se necessárias:

1. Os autores adotam a mesma classificação para os pronomes;
2. Todos destacam o uso dos relativos sem antecedente, e comentam o valor desdobrado em *aquele que*, *a pessoa que*, mas Bechara é o único que chama a atenção para a consequência desse desdobramento na classificação das orações subordinadas;
3. Said Ali e Rocha Lima incluem no rol dos indefinidos os pronomes *que* e *quem*. Bechara, apesar de não elencar esses pronomes como indefinidos, ele o faz na definição de pronomes interrogativos. Celso Cunha nada observa a esse respeito.
4. Não há discrepância teórica entre os autores no estudo desses pronomes.

### 3 AS ORAÇÕES SUBORDINADAS

O propósito deste trabalho é o estudo das orações subordinadas que, apesar de funcionarem no universo linguístico, não encontram sua classificação na *NGB*, ou seja, funcionam na língua, mas não existem na norma. São as orações substantivas com o valor de agente da passiva, as adverbiais com valor de modo, de lugar etc.

Antes, porém, faz-se necessária uma introdução à subordinação e uma visão macro das orações subordinadas, oficialmente reconhecidas pela Nomenclatura Gramatical Brasileira.

#### 3.1 Os processos sintáticos – período composto

Na língua portuguesa, o período composto se estrutura segundo dois processos sintáticos universais: a coordenação e a subordinação. No Brasil, a justaposição é ensinada como variante da primeira e a correlação, variante da segunda. (GARCIA, 2002).

A *NGB* ignorou tanto a justaposição quanto a correlação, como processos independentes de composição do período. Talvez por ser a justaposição um processo sintático de encadeamento de orações em que a relação sintática não se expressa por meio de conectivos (nem coordenativos, nem subordinativos), processo semelhante ao da coordenação assindética ou às subordinadas do tipo *Espero SEJAS FELIZ*, (BECHARA, 2000). Já a correlação – processo sintático de duas orações em que a enunciação da primeira prepara a enunciação da segunda – é vista por vários autores ora como um processo sintático autônomo, ora como variante da subordinação.

Na coordenação, as orações têm a mesma estrutura gramatical, natureza e função sintáticas; dizem-se, pois, orações paralelas (daí se chamar a coordenação de *parataxe*). Interligam-se por meio das conjunções coordenativas e denotam, essencialmente, um encadeamento de ideias, a saber: adição (as aditivas), oposição (as adversativas), exclusão ou alternância (as alternativas), conclusão (as conclusivas) e explicação ou justificativa (as explicativas).

Diferentemente da coordenação, na subordinação as orações não estão no mesmo patamar sintático. Há uma hierarquização sintática em que uma oração depende sintaticamente da outra (daí chamar-se a subordinação de *hipotaxe*). Uma oração é um termo sintático da outra. Há, entre as orações, um travamento sintático. A oração independente diz-se principal e a dependente, subordinada.

As orações subordinadas desempenham as funções sintáticas privativas de substantivos, de adjetivos e de advérbios e são, por isso, chamadas de subordinadas substantivas, adjetivas e adverbiais, respectivamente.

### 3.2 O período composto na *NGB*

Em sua terceira parte, no capítulo destinado à sintaxe, a *NGB* divide o período em dois: simples e composto. O período composto é dividido em: coordenado e subordinado. Classifica as orações em: absoluta e principal. As coordenadas subdivididas em: **assindética**; **sindética**: *aditiva, adversativa, alternativa, conclusiva, explicativa* e as subordinadas, em: **substantivas** (*subjativa, objetiva direta, objetiva indireta, completiva nominal, predicativa e apositiva*); **adjetivas** (*restritivas e explicativas*); **adverbiais** (*causal, comparativa, consecutiva, concessiva, condicional, conformativa, final, proporcional e temporal*).

Aconselha ainda o abandono de classificações de lógico e gramatical, ampliado e inampliado, completo e incompleto, total, parcial, para qualquer elemento oracional e de oração quanto à forma (plena, elítica etc.), quanto à ordem (direta, inversa, partida, etc.) quanto ao conetivo (conjuncional, não conjuncional, relativa).

#### 3.2.1 As orações subordinadas de acordo com a *NGB*

Orações subordinadas são as que funcionam sempre como um termo sintático – essencial, integrante ou acessório – de outra oração, dita principal. Classificam-se em substantivas, adjetivas e adverbiais, dependendo do papel que desempenham no período como substantivos, adjetivos ou advérbios, respectivamente.

### 3.2.1.1 As orações subordinadas substantivas

As orações substantivas são as introduzidas pelas conjunções integrantes *que* e *se*. Usa-se o *que* nas declarações de certeza e o *se* nas declarações de incerteza. Essas orações são exigidas pela oração principal uma vez que completam sintaticamente o seu sentido.

De acordo com a *NGB*, as orações substantivas exercem as seguintes funções sintáticas privativas do substantivo: sujeito, predicativo, objeto direto, objeto indireto, complemento nominal, e aposto e se classificam, respectivamente, em (a) subjetivas, (b) predicativas (c) objetivas diretas, (d) objetivas indiretas, (e) completivas nominais, e (f) apositivas.

a) Subjetivas: exercem a função de sujeito do verbo da oração principal. Caracterizam-se por estar o verbo da oração principal sempre na 3ª pessoa do singular. Ocorrem em um desses casos:

- com os verbos *ser*, *estar*, *ficar*, etc. + substantivo ou adjetivo + oração.

Ex.: É evidente *que chegaram cedo*. / Estava claro *que me telefonariam*. / É verdade *que iremos ao circo*;

- com o verbo na voz passiva analítica (*ser*, *estar*, *ficar*) ou pronominal + oração.

Ex.: Ficou acertado *que ele assinaria o contrato*. / Está decidido *que João nos representará*. / Afirma-se *que ele não mentiu*. / Sabe-se *que Laura é inocente*;

- com verbo intransitivo e unipessoal (*constar*, *convir*, *doer*, *importar*, *urgir*, *parecer*, *acontecer*, *ocorrer*, *resultar*, etc.) + oração. Ex.: Convém *que chegues cedo*. / Parece *que ele faltou*. / Acontece *que ele se feriu*.

b) Predicativas: exercem a função de predicativo do sujeito da oração principal. O verbo de ligação da oração principal será sempre o verbo *ser*. Ex.: O importante *é que todos compareçam à reunião*. / O bom *é que ele chegará hoje*. / A questão *é que você não sabe dizer não*;

c) Objetivas diretas: exercem a função de objeto direto do verbo da oração principal. Ex.: Dizem *que Maria o traiu*. / Esperamos *que você progrida*. / Pediu *que ficassem quietos*;

d) Objetivas indiretas: exercem a função de objeto indireto do verbo da oração principal. Ex.: Paulo necessita *de que o ajudem*. / Preciso *de que me façam um favor*. / Ele lembrou-se *de que prometera levá-la ao cinema*;

e) Completivas nominais: exercem a função de complemento de um nome presente na oração principal – substantivo, adjetivo ou advérbio. Ex: Tenho a esperança *de que ele vá ao jogo.* / Ele estava certo *de que não venderiam a casa de praia.* / Manifestaram-se favoravelmente *a que você fosse eleito;*

f) Apositivas: exercem a função de aposto de um substantivo da oração principal. Explicitam o sentido desse substantivo. Geralmente vêm depois de dois pontos. Ex.: Dizia sempre a mesma coisa: *que ficaria rico.* / Nosso desejo é um só: *que a cidade viva sem violência.*

### 3.2.1.2 As orações subordinadas adjetivas

As orações adjetivas são as introduzidas por pronomes relativos (*o qual* e flexões, *que*, *quem*, *onde*, *cujo* e flexões, *como*, e *quanto*). Não são exigidas pela oração principal, pois não lhe completam o sentido.

Relacionam-se com um substantivo (termo antecedente) da oração principal do qual exercem a função sintática de adjunto adnominal. Trazem uma informação caracterizadora desse substantivo.

As orações adjetivas classificam-se em (a) *restritivas* e (b) *explicativas*.

a) Restritivas: trazem uma informação particularizadora do substantivo a que se referem. Delimitam, restringem o sentido do termo antecedente a que se ligam. Empréstam ao antecedente um sentido particular. São, portanto, indispensáveis ao sentido do enunciado. Se na oralidade são ditas sem pausa, na escrita não se separam por vírgula da oração principal. Ex.: Não assisti ao filme *que me indicaste.* / Políticos *que cumprem as promessas* merecem nosso respeito. / Está contigo o livro *de que preciso;*

b) Explicativas: trazem uma informação acessória (genérica) ao substantivo a que se ligam, desnecessária à sua caracterização. Empréstam ao antecedente um sentido universal. Não são, por isso, indispensáveis ao sentido essencial do enunciado. Se na oralidade são ditas com pausa, na escrita são separadas por vírgula da oração principal. Ex.: A chuva, *que molha a terra*, poderia lavar a alma. / Não gosto de bolos e doces, *que são sempre a causa de engordar.* / A cidade de São Paulo, *que em muito difere da nossa*, tem problemas bastante parecidos.



### 3.2.1.3 As orações subordinadas adverbiais

As orações adverbiais desenvolvidas são as introduzidas por conjunções subordinativas. Não são, igualmente, exigidas pela oração principal, porque não lhe completam o sentido. As orações adverbiais são determinadas pelas relações semânticas que estabelecem com a oração principal, indicando em que circunstâncias se desenrola o fato verbal dessa oração. Exercem, pois, a função sintática de adjunto adverbial do fato expresso na oração principal.

A *NGB* estabeleceu nove circunstâncias para as orações adverbiais. São elas: causa, concessão, condição, conformidade, consequência, comparação, finalidade, proporcionalidade e tempo e as orações se classificam respectivamente em (a) *causais*, (b) *concessivas*, (c) *condicionais*, (d) *conformativas*, (e) *consecutivas*, (f) *comparativas*, (g)  *finais*, (h) *proporcionais* e (i) *temporais*. Diferentemente, a *NGB* não subclassifica os advérbios.

a) *Causais*: Expressam a origem, o motivo, a causa, a razão do fato declarado na oração principal. São conjunções ou locuções conjuntivas causais: *porque, pois, como* (antecedendo a oração principal), *já que, visto que, que, pois que, uma vez que, por isso que*, etc. Ex.: O aluno não obteve o grau, *porque não entregou os trabalhos*. / Bebeu bastante água, *uma vez que estava com sede*. / *Como ia chover*, não saímos de casa;

b) *Concessivas*: Expressam o esforço do falante em superar um obstáculo para fazer realizar o fato declarado na oração principal, esvaziado de sua força argumentativa. Indicam que esse obstáculo, real ou fictício, não impedirá ou modificará a realização desse fato. São conjunções ou locuções conjuntivas concessivas: *embora, conquanto, ainda que, mesmo que, se bem que, posto que, nem que, apesar de que*, etc. Ex.: Adorava tamarindo, *ainda que fosse amargo*. / *Conquanto esteja mentindo*, há bastante lógica no que ele disse. / Chegamos cedo, *embora não fosse necessário*;

c) *Condicionais*: Expressam a condição necessária à realização, ou não, do fato declarado na oração principal. São conjunções ou locuções conjuntivas condicionais: *se, caso, contanto que, sem que, salvo se, dado que, desde que, a menos que, a não ser que, uma vez que* (com o verbo no subjuntivo), etc. Ex.: *Caso ela chegue cedo*, faremos a pizza juntos. / Não chegaremos a lugar algum, *sem que estudemos muito*. / Você não irá à festa, *a não ser que (a menos que) volte cedo*;

d) Conformativas: Expressam ideia de conformidade, de sintonia com o pensamento expresso na oração principal. O fato da oração principal se realiza de acordo com o que se diz na oração subordinada adverbial. São conjunções conformativas: *como, conforme, consoante, segundo*, etc. Ex.: Ele montou a maquete, *segundo (conforme, consoante) determina o manual de instruções*. / Tudo se realizou, *conforme prevíamos*. / As coisas não são *como (conforme, segundo, consoante) dizem*;

e) Consecutivas: Expressam a consequência, o efeito, o resultado do fato declarado na oração principal. São conjunções ou locuções conjuntivas consecutivas: (tal / tão / tanto / tamanho) ... *que, de modo que, de sorte que, de maneira que, de forma que*, etc. Ex.: Sua sorte era *tanta, que ganhou várias vezes na loteria*. / *Tal* era seu medo, *que começou a chorar*. / Comemorou *tanto, que ficou rouco*;

f) Comparativas: Expressam o ser que é comparado a outro ser na oração principal. Esclarecem um pensamento ou um conceito mostrando a semelhança, a igualdade, ou a diferença com o fato expresso na oração principal. São conjunções ou locuções conjuntivas comparativas: *como, (mais / menos) ... (do) que, assim como, bem como, (tão / tanto) ... como, (tão / tanto) ... quanto, (tal) ... qual*, etc. Ex.: João é *tão* inteligente *quanto seu irmão*. / Nossa! Ela fala *que nem as lavadeiras*. / Ídolo do Botafogo, Mendonça jogava *como Falcão*.

Geralmente o verbo da oração subordinada fica subentendido, quando é o mesmo da oração principal. Também é possível a comparação de atos ou fatos verbais diferentes. Ex.: Paulo muda de time, *como eu troco de canal*. / O João gasta *mais do que ganha*;

g) Finais: Expressam a finalidade, o objetivo, o intento, o propósito do fato declarado na oração principal. São conjunções ou locuções conjuntivas finais: *para que, porque* (= para que), *que* (= para que), *a fim de que*, etc. Ex.: Julgou *porque fosse o réu absolvido*. / Chegou cedo *a fim de que fosse o primeiro*. / Aplicou-se com afinco *para que merecesse a efetivação*;

h) Proporcionais: Expressam a ideia de proporcionalidade ao fato declarado na oração principal, ou seja, um fato de mesma intensidade, mesma medida e simultâneo ao fato principal, no mesmo sentido ou não. Indicam que um fato aumenta ou diminui na mesma proporção ou na proporção inversa do fato que se declara na oração principal. São locuções conjuntivas proporcionais: *à medida que, à proporção que, ao passo que, quanto mais (menos)...* (mais / menos). Ex.: *Quanto mais avança a noite*, mais violenta fica a cidade. / O poder aquisitivo diminui, *ao passo que os preços sobem*. / O homem progride *à medida que (à proporção que, ao passo que) trabalha*.

i) Temporais: Expressam o momento de realização do fato expresso na oração principal. Indicam o instante anterior, posterior ou simultâneo ao fato expresso na oração principal. São conjunções ou locuções conjuntivas temporais: *mal, quando, enquanto, logo que, assim que, até que, primeiro que, sempre que, desde que, todas as vezes que, antes que, depois que, todas as vezes que, cada vez que, sempre que*, etc. Ex.: Um dos acusados falava, *enquanto os outros ouviam com atenção.* / Começou a trabalhar *assim que chegou.* / Eu não sairei daqui *até que me falem a verdade.* / Meu coração acelerou *quando você entrou e se dirigiu a mim.*

### 3.3 Na voz dos Sintaticistas

Claro que não poderíamos deixar de apresentar um estudo comparado para esse capítulo. E, por tratar-se de subordinação, nada melhor do que aludirmos a autores que se debruçaram ao estudo da sintaxe portuguesa. Então, escolhemos os seguintes autores que, nessa pequena amostra, representam, sem dúvida, o pensamento sintático do português brasileiro. São eles: Evanildo Bechara, Gladstone Chaves de Melo, Walmírio Macedo, Adriano da Gama Kury, Cláudio Cezar Henriques e José Carlos de Azeredo.

Ainda que as explicações encontradas nesses manuais de sintaxe sejam extremamente ricas em detalhes, procurou-se extrair dos autores a conceituação essencial de cada assunto.

Pode parecer, a princípio, que este estudo será repetitivo, todavia perceber-se-á que não. Cada autor agregará à teoria um matiz, que, juntos, darão ao conjunto o “ar de novidade”, ainda que a conceituação básica não varie tanto de autor para autor.

Fica a certeza de que esses ilustres autores contemplam as mais variáveis vertentes da doutrina sintática portuguesa.

#### 3.3.1 Evanildo Bechara

Em suas *Lições de português pela análise sintática*, Bechara (2000) divide o período composto em orações independentes e dependentes. Sintaticamente, independente é a oração que possui sentido completo, melhor ainda, a oração que não exerce uma função sintática da

oração a que se liga. Dependente é a oração que exerce uma função sintática da outra oração a que se liga, é um termo sintático desta oração. Esse termo tem como núcleo um substantivo, um adjetivo ou um advérbio.

Assim, a oração subordinada só tem seu sentido completo se atrelada a outra oração. A essa oração dá-se o nome de principal. A oração principal é aquela de exige outra, dependente dela.

Quanto à ligação, as orações podem ser conectivas ou justapostas. Conectivas são as que se prendem à principal por palavras especiais de ligação dispostas em nossa língua – os conectivos. São conectivos as conjunções e os pronomes relativos. Justapostas são as que se apõem a outra oração sem o auxílio de conectivo.

### 3.3.1.1 As orações dependentes (subordinadas)

As orações dependentes são as que exercem funções sintáticas de sua principal e equivalem a *substantivo*, *adjetivo* e *advérbio*. Serão, portanto, orações subordinadas *substantivas*, *adjetivas* e *adverbiais*. Ex.: “Vi que ele tinha chegado = vi a *chegada* dele (objeto direto)” / “O menino que estuda aprende = o menino *estudioso* aprende (adjunto adnominal)” / “Não saímos de casa porque estava chovendo = não saímos de casa por *causa da chuva* (adjunto adverbial de causa)”.

### 3.3.1.2 As orações subordinadas substantivas

A oração subordinada substantiva exercerá as funções sintáticas que, na oração, pode desempenhar um substantivo. Assim, a oração substantiva aparecerá como:

- a) sujeito (diz-se subjetiva): “É bom *que estudes*”;
- b) objeto direto (diz-se objetiva direta): “Desejam *que sejais prósperos*”;
- c) objeto indireto (diz-se objetiva indireta): “Ele necessita *de que o ajudem*”;
- d) aposto (diz-se apositiva): “Digo-lhe apenas isto: *você perdeu minha confiança*”;
- e) complemento nominal (diz-se completiva nominal): “Todos tínhamos necessidade *de que nos auxiliasse*”;

f) Predicativo (diz-se predicativa): “A verdade é *que* já haviam mudado a cena do crime”.

Estas orações podem ser conectivas – ligadas por conjunção – e justapostas. A conjunção que liga a subordinada à principal chama-se integrante. Duas são as conjunções integrantes no português: *que* (usada nas declarações de certeza) e *se* (usada nas declarações de incerteza). Ex.: “Sei *que* virá hoje.” “Não sei *se* virá hoje.”

A conjunção integrante pode vir ou não precedida de preposição necessária<sup>2</sup>. Assim, podem-se dividir as orações substantivas em dois grupos distintos, levando-se em conta a preposição necessária:

- Sem preposição necessária: substantiva subjetiva, objetiva direta, predicativa e apositiva;
- Com preposição necessária: substantiva objetiva indireta – complemento de verbo – e completiva nominal – complemento de substantivo e adjetivo.

A substantiva justaposta<sup>3</sup> ocorre quando funciona como aposto ou encerra palavras de natureza pronominal ou adverbial intimamente relacionadas com os relativos que não se refiram a antecedentes, tais como: *quem, quanto, como, quando, onde*, etc. Ex.: “Papai deu-nos um belo presente – *levou-nos à fazenda do titio Vera.*” / Não sabemos *quem (quanto, como, quando, onde) comprou.*

### 3.3.1.3 As orações subordinadas adjetivas

A oração subordinada adjetiva funciona como adjunto adnominal de um termo da oração a que se liga, um termo antecedente: substantivo ou pronome. Ex.: “O **menino** *que estuda* aprende”. / “A **pessoa** *a quem nos referimos* é nossa vizinha”.

A oração adjetiva pode ser restritiva ou explicativa, dependendo do seu papel no período:

<sup>2</sup> Bechara chama “necessária” pois pode a preposição aparecer, esporadicamente, em estruturas que não a exigem, bem como ser suprimida onde seria esperada.

<sup>3</sup> Essas orações merecerão um estudo mais detalhado no capítulo destinado ao estudo das orações substantivas com valor de agente da passiva.

a) restritiva a que serve para delimitar ou definir mais claramente seu antecedente, que, sem a adjetiva, pode não fazer sentido ou expressar algo diferente do que se tem em mente. Ex.: “Os velhos *que seguem as modas* presumem recomeçar com elas” (Marquês de Maricá);

b) explicativa a que encerra uma simples explicação ou pormenor do termo antecedente, uma informação adicional de um ser já suficientemente definido, que pode ser omitida sem prejuízo ao sentido. Ex.: “*Iracema*, que é um dos grandes livros de José de Alencar, exalta a terra americana”. A oração adjetiva explicativa separa-se do seu antecedente por pausa forte e aparece comumente com vírgulas.

Do mesmo modo que a substantiva, também ocorre a oração adjetiva justaposta, quando ela não apresenta pronome relativo. Ex.: “Não vemos os defeitos de *quem amamos*, nem os primores dos que aborrecemos.” / “Nem sempre conhecemos os segredos de *quantos nos cercam*”.

#### 3.3.1.4 As orações subordinadas adverbiais

A oração subordinada adverbial funciona como adjunto adverbial da sua oração principal. Se conectivas, iniciam-se pelas conjunções subordinativas adverbiais e se classificam em: (1) *causais*, (2) *comparativas*, (3) *concessivas*, (4) *condicionais*, (5) *conformativas*, (6) *consecutivas*, (7)  *finais*, (8) *proporcionais*, (9) *temporais* e (10) *modais*.

1. *causais*: quando exprimem a causa, o motivo, a razão do pensamento expresso na principal. Ex.: “Saiu cedo *porque precisou ir à cidade*.” / “*Como está chovendo*, transferiremos o passeio”;

2. *comparativas*: quando exprimem o ser que se compara com o outro ser da principal. Divide a comparação em *assimilativa* e *quantitativa* e esta em *superioridade*, *igualdade* e *inferioridade*. Ex.: “Os importunos são *como as moscas* que, enxotadas, reverterem logo” (Marques de Maricá). / “Isto é *o mesmo que nadar em ouro*.” / “Um homem pode saber mais *do que muitos*, porém nunca tanto *como todos*” (Marques de Maricá). / “O governo dos loucos dura pouco, o dos tolos ainda menos *que os dos velhacos*” (Marques de Maricá);

Observa ainda que geralmente, nas comparativas, não se repetem certos termos que, existentes na sua principal, são facilmente pressupostos. Ex.: “Os importunos são *como as moscas são...*”

3. concessivas: quando exprimem que um obstáculo – real ou fictício – não impedirá ou modificará, de modo algum, a declaração da principal. Ex.: *Embora chova*, sairei. Destaca ainda as concessivas *intensivas*, quando o intuito é intensificar uma qualidade ou uma modalidade qualquer. Ex.: *Por mais que estude*, ainda tem muito que aprender;

4. condicionais: quando exprimem a condição necessária para a realização ou não do que se declara na principal. A oração condicional pode exprimir tanto um fato que não se realizou ou não se realizará (referindo-se aí ao presente ou ao passado), como um fato cuja realização espera-se como provável. Ex.: “*Se eu fosse aplicado*, obteria o prêmio” (para o presente). / “*Se eu fosse aplicado*, obteria o prêmio” ou: “*Se eu tivesse sido aplicado* teria obtido o prêmio” (para o passado). Percebe-se aí a conjugação do imperfeito do subjuntivo com o futuro do pretérito do indicativo (na subordinada e na principal respectivamente), para marcar o presente e conjugação do imperfeito do subjuntivo com o futuro do pretérito do indicativo ou o pretérito mais-que-perfeito com o futuro do pretérito composto (nas subordinadas e nas principais respectivamente), para marcar o passado.

Por fim, acrescenta que as orações condicionais podem também encerrar outras ideias como hipótese, eventualidade, concessão, tempo, em que muitas vezes não se possam traçar demarcações entre esses “vários campos do pensamento”;

5. conformativas: quando exprimem um fato em conformidade com a declaração da principal. Ex.: “*Todos procederam conforme a ocasião ensejava*”;

6. consecutivas: quando exprimem o efeito ou a consequência do fato declarado na principal. Ex.: “*Alongou-se tanto no passeio, que chegou tarde*”. A conjunção *que* introdutora da oração consecutiva está associada a uma expressão de natureza intensiva na oração principal como *tal, tão, tanto, tamanho*, que pode estar explícita ou se pode subentendê-la. Ex.: “*Executou a obra com tal perfeição, que foi premiada.*” / “*É feio que mete medo* (= *é tão feio...*)”;

7. finais: quando exprimem a intenção, o objetivo, a finalidade do pensamento expresso na principal. Ex.: “*Reclamou a fim de que o nomeassem.*” / “*Trabalhou porque fosse promovido*”;

8. proporcionais: quando exprimem um fato que aumenta ou diminui na mesma proporção do que se declara na principal. E.: “*À medida que a idade chega a nossa experiência aumenta.*” / “*Aprendia à proporção que lia o livro*”;

Observa Bechara que a locução *ao passo que* pode ser empregada sem a ideia proporcional para indicar um fato que não se deu ou que não tem as características do outro anunciado. Ex.: “Ele foi ao cinema, *ao passo que* eu resolvi ir à praia”.

9. temporais: quando denotam o tempo da realização do fato expresso na principal. Esse momento pode ser marcado como um tempo *anterior*, *posterior* (de modo vago), *posterior imediato*, *frequentativo* (repetido), *concomitante*, *terminal*, em relação ao fato principal. Ex.: “Saiu *antes que* eu lhe desse o recado.” / “Saiu *depois que* ele chegou.” / “Saiu *logo que* ele chegou.” / “*Todas as vezes que* saio de casa, encontro-o na esquina.” / “Dormia *enquanto* o professor dissertava.” / “Brincou *até que* fosse preendido”;

10. modais: Essas orações merecerão um estudo mais detalhado no capítulo 7, destinado às adverbiais não classificadas pela *NGB*.

### 3.3.2 Gladstone Chaves de Melo

No *Novo Manual de Análise Sintática*, Gladstone (1971) nos diz que o período composto pode, sintaticamente, constituir-se de orações independentes, que representam pensamentos autônomos, e de uma oração principal e outra oração subordinada (ou outras orações subordinadas), desdobramento de um ou mais termos da oração principal, ainda de uma oração principal e de várias subordinadas coordenadas entre si, ou seja, que desempenham a mesma função sintática em relação à principal.

Gladstone admite, ainda, mais um processo sintático de composição do período, o da correlação (formado por orações interdependentes), que não é admitido pela *NGB*.

Ex.: “Tão temerosa vinha [a nuvem] e carregada

Que pôs nos corações um grande medo.” (Camões – *Lusíadas* – V, 38)

Pode ainda o período ser constituído por um misto de dois ou dos três processos sintáticos (coordenação, subordinação e correlação). Ex.: “Pousos sucedem a pousos, e nenhum teto habitado ou em ruínas, nenhuma palhoça ou tapera dá abrigo ao caminhante contra a frialdade das noites, contra o temporal que ameaça, ou a chuva que está caindo” (Taunay– *Inocência* – p. 17).



### 3.3.2.1 Da subordinação

Para Gladstone Chaves de Melo, “subordinação é a relação de dependência entre as funções sintáticas”. Decorre daí, para o autor, o conceito relativo de oração principal: “uma oração é principal em relação a outra a ela subordinada”; mas não em relação a outras igualmente a ela independentes, se as houver no período.

Quanto à natureza, as orações subordinadas classificam-se em substantivas, adjetivas e adverbiais.

### 3.3.2.2 As orações subordinadas substantivas

Substantiva é a oração “que exerce uma função sintática integrante, normalmente desempenhada por substantivo: *sujeito, complemento verbal, complemento nominal*”. Essas orações são introduzidas por uma conjunção dita integrante.

a) subjetiva: “Será necessário *que vós vades para o deserto, além dos mares congelados*” (Bernardes – Nova Floresta, V, p. 218);

b) objetiva-direta: “Também Pojucã anunciara que... *jamais empunharia outro arco-chefe menos glorioso do que o do grande Tocantim*” (Alencar – Ubirajara, p. 146);

c) completiva do verbo: “David se compungia *de que os seus pecados passassem acima da sua cabeça*” (Bernardes – Nova Floresta, V, p. 25);

d) completiva nominal: “Estevão ainda ficou algum tempo encostado à cerca, na espera *de que ela olhasse*” (M. de Assis – A Mão e a Luva, p. 32).

### 3.3.2.3 As orações subordinadas adjetivas

A oração adjetiva “é a que exerce uma das funções próprias do adjetivo, a função de adjunto adnominal”. É introduzida por um conectivo misto – pronome relativo – porque, além

de estabelecer uma relação sintática entre as orações, exerce uma função sintática na oração que introduz (sujeito, complemento, adjunto, etc.).

A oração adjetiva, conforme a *NGB* (frisa Gladstone), divide-se em restritiva e explicativa.

- a) restritivas: quando são indispensáveis à perfeita compreensão da frase.

Ex.: “Mãos *que os lírios invejam*, mãos eleitas

Para aliviar de Cristo os sofrimentos,

*Cujas veias azuis parecem feitas*

*Da mesma essência astral dos olhos bentos; [...]*

Deixai tombar sobre a minha alma em prece

A benção *que redime e que perdoa!*”

(Alphonsus de Guimaraens – Poesias, p. 113-114)

b) explicativas: quando são dispensáveis ao entendimento da frase, equivalem a um aposto. Ex.: “De repente, a criada, *que estava na outra sala*, ouvindo rumor de alguma coisa que se quebrava, correu à de visitas, e viu a ama sozinha de pé” (M. de Assis – Quincas Borba, p. 196).

#### 3.3.2.4 As orações subordinadas adverbiais

Subordinada adverbial é a oração que exerce a função de adjunto adverbial – função própria do advérbio. É introduzida por uma conjunção subordinativa adverbial – temporal, condicional, concessiva, causal ...

a) temporal: “Todos bateram palmas *quando o moço acabou de falar*” (Gustavo Coração – Lições de Abismo, p. 80);

b) condicional: “A obra em si mesma é tudo: *se te agradar, fino leitor*, pago-me da tarefa; *se te não agradar*, pago-te com um piparote e adeus” (M. de Assis, *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, p. X);

c) final: “Serenai, verdes mares, e alisai docemente a vaga impetuosa, *para que o barco aventureiro manso resvale à flor das águas!*” (Alencar – Iracema, p. 9);

d) concessiva: “*ainda que todos estivéssemos certos da nossa salvação*, devíamos fazer o mesmo, só por conseguir os conselhos evangélicos e buscar o maior agrado de Deus” (Bernardes – Nova Floresta, V, p. 25);

e) modal<sup>4</sup>

f) causal: *Como andava com tanta diligência, em poucos dias corria muita terra*” (Frei Luís de Sousa – Vida de D. Frei Bertolameu dos Mártires, p. 95).

Para quem deixa claro que seu manual está de acordo com a *NGB* – nota na contracapa do manual – é de se estranhar a ausência nas orações, das substantivas predicativas, das apositivas – não há menção a essas orações – ainda, a nomenclatura “*completiva do verbo*” em vez de “*objetiva indireta*”. Estranha-se também a falta das adverbiais comparativas, consecutivas, proporcionais e conformativas, bem como a presença das orações *modais* em seu estudo. As três primeiras estão incluídas em um estudo à parte dedicado ao processo sintático da Correlação – que também não foi acolhido pela *NGB*. Não há qualquer referência à oração *conformativa*, apesar do professor agrupá-la, em seus quadros sinópticos, no processo da correlação.

### 3.3.3 Walmírio Macedo

Certo de ter escrito um livro de fácil compreensão, em uma linguagem simples e didática, utilizando-se a metodologia estrutural, Walmírio Macedo (1976) nos apresenta sua *Análise Sintática em nova dimensão – análise sintática estrutural*. Aqui suas lições são ricas em detalhes, e o Mestre expõe a sintaxe portuguesa de forma descomplicada, mas com a devida profundidade. Vejamos.

#### 3.3.3.1 Da subordinação

Estabelece-se a subordinação quando uma oração se liga a outra oração da qual depende gramaticalmente, por meio de um conectivo subordinativo: as conjunções subordinativas e o pronome relativo. Há, portanto, uma relação de dependência gramatical entre as orações. Decorrem, daí, os termos oração *principal* e *subordinada*.

---

<sup>4</sup> Ver capítulo 7.

Assim, oração subordinada é a que depende de outra, a que exerce uma função sintática da oração principal, como se dela fizesse parte. As orações subordinadas são as orações substantivas, as adjetivas e as adverbiais.

a) Substantivas as que exercem as funções de substantivo (função de *sujeito*, de *objeto*, de *complemento nominal*, de *predicativo*, de *aposto* e de *agente da passiva*). Ex.: “Quero *que venhas*”: exerce a função de objeto direto de *quero*;

b) adjetivas as que exercem a função de adjetivo, a de *adjunto adnominal*. Ex.: “Quero o livro *que perdi*”: exerce a função de adjunto adnominal de *livro*;

c) adverbiais, as funções de advérbio, a de *adjunto adverbial*. Ex.: “Irei *quando puder*”: exerce a função de adjunto adverbial de tempo de *irei*.

### 3.3.3.2 As orações subordinadas substantivas

As orações subordinadas substantivas também podem exercer as mesmas funções que exerce um substantivo. Se substantivo pode ser núcleo de sujeito, de objeto (direto e indireto), de predicativo, de complemento (nominal), de aposto e de agente da passiva, as orações subordinadas substantivas, do mesmo modo, podem classificar-se em: *subjativas*, *objetivas* (diretas ou indiretas), *predicativas*, *completivas nominais*, *apositivas* e *agentes da passiva*<sup>5</sup>. Assim, as orações substantivas são sempre alguma coisa da outra oração (principal). Vejamos:

a) subjativa: se funciona como sujeito da outra oração. Ex.: “Urge *que venhas*.” “Convém *que voltes logo*.” / “É bom *que partamos*”;

b) objetiva direta: se funciona como objeto direto do verbo da outra oração. Ex.: “Espero *que venhas*.” / “Eu quero *que você seja feliz*”;

c) objetiva indireta: se funciona como objeto indireto do verbo da outra oração. Ex.: “Nada obsta a *que venhas*.” / “Preciso de *que venhas*”;

d) completiva nominal: se vem ligada por preposição, clara ou oculta, a substantivo, adjetivo ou advérbio. Ex.: “A notícia de *que vieste* comoveu-me.” / “Despeço-me desejoso de *que regresses*.” / “Nada disse eu referentemente a *que estiveste aqui*”;

e) apositivas: se funciona como aposto de um termo da oração anterior. Explica o sentido de uma palavra da oração anterior. Geralmente vem depois de dois pontos. Ex.: “Jesus

<sup>5</sup> Também esta oração merecerá um capítulo à parte, dedicado ao seu estudo. Ver capítulo 6.

disse essa verdade: *Eu sou o caminho, a verdade e a vida.*” / “Uma coisa vos confessarei *que jamais tive tanto medo em minha vida.*”

### 3.3.3.3 As orações subordinadas adjetivas

A oração adjetiva possui as seguintes características: (i) vem sempre junto a um substantivo ou palavra equivalente (pronome) modificando-o; (ii) começa sempre por pronome relativo (*que, o qual, a qual, os quais, as quais; quanto – o qual; quem*, precedido de preposição e com valor de *o qual; cujo; onde* com valor de *no qual, na qual, nos quais, nas quais...*); (iii) tem valor de adjunto adnominal. São dois os tipos de oração adjetiva:

- a) restritivas: para restringir o sentido da palavra antecedente;
- b) explicativas: se encerra uma explicação do termo anterior.

O autor salienta que, como essa distinção é muito sutil e requer do analista certa capacidade perceptiva, sigamos alguns práticos lembretes:

É restritiva a oração que vier depois de “o, a” (aquele, aquela, aquilo) ou de “aquele, aquela, aquilo, de pronome indefinido (alguém, algum, ninguém, nenhum, vários, diversos, todo etc.)”.

É explicativa quando tiver verbo de ligação (ser, estar, ficar, parecer e sinônimos) ou verbo transitivo direto empregado intransitivamente.

Exs.: Procuro o livro *que perdi*.

Esta gramática, *que é muito boa*, lhe tirará todas as dúvidas.

O homem, *que ama*, é feliz.

A oração explicativa deve obrigatoriamente vir separada por vírgula.

### 3.3.3.4 As orações subordinadas adverbiais

É adverbial a oração que equivale a um adjunto adverbial. É, portanto, um verdadeiro sintagma circunstancial.

Para se identificar a oração adverbial, deve-se proceder da seguinte forma: primeiramente verifica-se se é substantiva (*isto*); depois, se é adjetiva (*que, o qual*). Não ocorrendo nenhum dos casos anteriores será adverbial. Resta, então, identificar o tipo de adverbial, que se inicia por conjunções subordinativas, mostradas a seguir:

- a) causais: *porque, visto que, visto como, já que;*
- b) comparativas: *que, do que, como, como se, quanto;*

- c) concessivas: *ainda que, embora, se bem que*;
- d) condicionais: *se, caso, contanto que*;
- e) conformativas: *conforme, como, segundo, consoante*;
- f) consecutivas: *que, de modo que, de maneira que, de forma que*;
- g) finais: *para que, a fim de que*;
- h) proporcionais: *à medida que, à proporção que*;
- i) temporais: *quando, enquanto, antes que, depois que, cada vez que, sempre que, agora que*.

O professor Walmírio Macedo, na sua *Análise Sintática em Nova Dimensão*, procura ser o mais didático possível. Claro nas explanações, objetivo e prático na teoria, seguindo basicamente a *NGB*, o Mestre nos brinda com seu manual de análise sintática.

### 3.3.4 Adriano da Gama Kury

Diz-se composto o período formado por mais de uma oração, que podem ser de três tipos de orações: *independentes, principais e subordinadas*.

Se todas as orações são independentes, diz-se o período composto por coordenação; se há uma oração principal e outra que dela dependa, diz-se o período composto por subordinação.

#### 3.3.4.1 Da subordinação

“O período se diz composto por subordinação quando haja nele uma ORAÇÃO PRINCIPAL e uma ou mais SUBORDINADAS, isto é, dependentes dela.” Esta é a definição de subordinação de A. G. Kury (2001), em suas *Novas Lições de Análise Sintática*. Diz ainda que a subordinação pode ocorrer não só em relação a uma oração, mas também a um VOCATIVO e exemplifica assim: “Alma minha gentil [que te partiste] / Tão cedo desta vida descontente, / Repousa lá no céu eternamente...”, em que a oração *que te partiste* se subordina ao vocativo *Alma minha*. Mais adiante, continua Kury: “Noutras palavras, as orações subordinadas são termos da frase desenvolvidos em oração”.

A oração subordinada se classificará, primeiramente, conforme a sua função na oração principal:

- a) substantiva: quando exerce uma função própria do substantivo (*sujeito, objeto, predicativo, complemento nominal, aposto e agente da passiva*);
- b) adjetiva: quando exerce a função de *adjunto adnominal*;
- c) adverbial: quando exerce a função de *adjunto adverbial*.

### 3.3.4.2 As orações subordinadas substantivas

Segundo a função que exercem no período, as orações subordinadas substantivas recebem a classificação a seguir:

- a) subjetivas: exercem a função de sujeito. Ex.: “É claro [que não tenho medo].” (Ferreira de Castro, *Os melhores contos portugueses*, 128);
- b) objetivas diretas: exercem a função de objeto direto. Ex.: “[Que ela andou por aqui], tudo proclama.” (Adelmar Tavares, *Poesias completas*, 111);
- c) objetivas indiretas: exercem a função de objeto indireto. Ex.: “Lembrou-se [de que a classe estava sem serviço].” (Orígenes Lessa, *O Feijão e o Sonho*, 25.) – A preposição também pode vir elíptica: “Lembre-se [que a vida é curta].”;
- d) completivas nominais: exercem a função de complemento nominal. Ex.: “Tenho a horrível sensação [de que me furam os tímpanos com pontas de ferro].” (Graciliano Ramos, *Infância*, 32.) - A preposição igualmente pode estar elíptica;
- e) predicativas: exercem a função de predicativo. Ex.: “A conclusão que tiro é [que a vida e a morte são heterogêneas] e [que a vida não se pode tomar como um objeto de arte, música ou poema].” (Gustavo Corção, *Lições de Abismo*, 75.) ;
- f) apositivas (exercem a função de aposto). Ex.: “Ela me disse apenas isto: [não me aborreça].” / “Uma coisa em assombrava: [terem eles sentido].”;
- g) com função de agente da passiva.<sup>6</sup>

---

<sup>6</sup> Como já dito, ver capítulo 6.

### 3.3.4.3 As orações subordinadas adjetivas

São adjetivas as orações que têm valor de adjetivo e exercem a função de adjunto adnominal de um substantivo ou de um pronome antecedente. As orações adjetivas classificam-se em dois tipos: (a) restritivas e (b) explicativas.

a) restritivas: quando exprimem uma qualidade accidental do termo antecedente delimitando-o ou definindo-o mais claramente; são, por isso, “indispensáveis à significação cabal de toda a frase a qual, sem elas, pode não fazer sentido ou tê-lo incompleto e até absurdo.” Não se isolam, na escrita, por vírgula porque, na fala, ligam-se ao antecedente sem pausa. Ex.: “Ama com fé e orgulho, a terra [em que nasceste]” (Bilac);

b) explicativas: quando exprimem o sentido global do termo antecedente; aproximam-se de um aposto explicativo ou atributivo; “sua eliminação, por isso, não traz, em princípio, prejuízo lógico, mas principalmente estilístico, ao sentido geral.” Na fala, isolam-se do antecedente por uma pausa, que, na escrita, é indicada por vírgula. Ex.: “O homem, [que é mortal], tem alma imortal”. Nesse caso, a oração adjetiva pode ser expressa apenas pelo predicativo: “O homem, mortal, tem alma imortal”.

As orações adjetivas podem apresentar-se ora desenvolvidas (com o verbo no indicativo ou subjuntivo), ora reduzidas de gerúndio ou de infinitivo. As desenvolvidas podem ainda ser relativas – introduzidas por pronome – ou justapostas – introduzidas por pronome indefinido sem antecedente.

### 3.3.4.4 As orações subordinadas adverbiais

As orações subordinadas adverbiais são as que funcionam sempre como adjunto ou complemento adverbial da oração principal da qual dependem. Apresentam-se desenvolvidas (conexas ou justapostas) ou reduzidas (de infinitivo, de gerúndio, de particípio).

De acordo com as circunstâncias que exprimem, as orações subordinadas adverbiais classificam-se em: *causais, comparativas, concessivas, condicionais, conformativas, consecutivas, finais, proporcionais, temporais, modais e locativas*.<sup>7</sup>

---

<sup>7</sup> Essas duas últimas não figuram na *NGB* e compõem um dos objetos de pesquisa deste trabalho.



a) causais: quando funcionam como adjunto adverbial de causa. São introduzidas por conjunção ou locução conjuntiva causal: *porque* (*pois, como, porquanto, pois que, uma vez que, visto que, visto como, por isso que, já que, como quer que*, etc.): “Um dia quebrei a cabeça duma escrava, [porque me recusara uma colher do doce de coco] que estava fazendo.” (M. de Assis, *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, 33.)

b) comparativas: quando funcionam como adjunto adverbial de comparação; usadas “para esclarecer um pensamento ou conceito mostrando a semelhança, a igualdade (ou desigualdade), ou aquilo com que outra coisa está ou deixa de estar de acordo”. (Sai Ali, *Gramática Secundária*, 199.) Decorrem daí, os seguintes tipos de comparativas:

- assimilativas: quando apontam a semelhança. “Eu deixo a vida [como deixa o tédio / Do deserto o poento caminheiro].” (Álvares de Azevedo, "*Lembrança de Morrer*".);
- quantitativas ou intensivas: quando exprimem igualdade, ou se relacionam à superioridade ou inferioridade expressa na oração principal. Ex.: “Sabe-o o leitor tão bem [como eu sei].” / “Ninguém ama a brandura mais [do que eu amo].” / “Venho apertar nos braços um parente, que me honra tanto com a inteligência, [quanto seus avós me honraram com a lança].” (Camilo, *A Queda dum Anjo*, 809.). Nesse caso, a conjunção comparativa (*que, do que, como, quanto*) correlaciona-se a uma palavra intensiva da oração principal (*tão, tanto, mais, menos, melhor, pior, maior, menor*).

c) concessivas: quando funcionam como adjunto adverbial de concessão; indicam “que um obstáculo - real ou suposto - não impedirá ou modificará, de modo algum, a declaração da oração principal” (Bechara, 2000, 132.). Aqui, o professor cita a definição dada pelo professor Bechara.

São introduzidas por conjunção ou locução conjuntiva concessiva: *embora* (*ainda que, ainda quando, mesmo que, conquanto, bem que, se bem que, posto, posto que, sem que* (= embora não), *nem que, apesar de que, que*, etc.). Ex.: “[Ainda que tivesse escondido o infame objeto], emudeceria, tão apavorado me achava.” (Graciliano, *Infância*, 32.) / “[Mesmo que começasse a ventar], não era razão para que as famílias se recolhessem, insensíveis que eram, de tão habituadas, àquele vento famoso.” (Anibal Machado, *Histórias Reunidas*, 7.);

d) condicionais: quando funcionam como adjunto adverbial de condição. Exprimem a condição ou a hipótese (para realização do fato principal).<sup>8</sup> São introduzidas por conjunção ou locução conjuntiva condicional: *se* (*caso, sem que* [= se não], *contanto que, salvo se, exceto se, desde que, a menos que, a não ser que*, etc.): Ex.: “Não te irrites, [se te pagarem

---

<sup>8</sup> Grifo nosso.

mal um benefício]: antes cair das nuvens, que de um terceiro andar.” (M. de Assis, *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, 305.) (ou: então caso te paguem mal ... ) / “[Se tenho nos olhos malferidos \ Pensamentos de vida formulados], \ São pensamentos idos e vividos.” (M. de Assis, “*A Carolina*”.);

e) conformativas: quando funcionam como adjunto adverbial de conformidade. Expressam a conformidade de um fato com o fato principal. São introduzidas pelas conjunções *conforme*, *como*, *consoante*, *segundo*. Ex.: “A saudade crescia [consoante a ausência e desprezo do marido aumentava].” (Camilo, *A Queda dum Anjo*, 850) / “Cada um colhe [conforme semeia].” (provérbio);

f) consecutivas: quando funcionam como adjunto adverbial de consequência. Expressam que o fato declarado na oração subordinada é a consequência do que se enuncia na oração principal. São introduzidas pelas conjunções ou locuções *que*, *de forma que*, *de modo que*, *de sorte que*, *tanto que*, *sem que* (= que não), etc. Ex.: “Não posso ver defunto [que não chore].” / “Todos estavam exaustos [de modo que se recolheram logo].”

g) finais: quando funcionam como adjunto adverbial de fim. Expressam a finalidade do fato que se enuncia na oração principal. São introduzidas por uma conjunção ou locução conjuntiva final: *para que* (*a fim de que*, *que*, *porque*). Ex.: “Orai, [porque não entreis em tentação].” (Bernardes, ap. M. Barreto, *Fatos*, 123) / “Seu tenente dá licença [que eu visite um amigo no hospital]?” (Adolfo Caminha, *Bom-Crioulo*, 81.)

h) proporcionais: quando funcionam como adjunto adverbial de proporcionalidade. Expressam “a passagem gradual ou proporcional no tempo, ou concomitância” ou também “o aumento ou diminuição que se faz paralelamente no mesmo sentido ou no sentido contrário a outro aumento ou diminuição” (Said Ali, *Gramática Secundária*, 202). São introduzidas pelas locuções *à proporção que*, *à medida que*, *ao passo que*. Ex.: “As criaturas são mais perfeitas, [à proporção que são mais capazes de amor].” (Matias Aires, *Reflexões sobre a Vaidade dos Homens*, 169.) / “O ruído abafado e bem distinto do mover dos dous exércitos vai-se gradualmente confundindo num som único, [ao passo que o chão intermédio se embebe debaixo dos pés dos cavalos].” (Alexandre Herculano, *Eurico*, cap. X.);

i) temporais: quando funcionam como adjunto adverbial de tempo “nas suas várias modalidades: anterioridade, posterioridade, periodicidade, simultaneidade (ou concomitância), término. São introduzidas por uma conjunção ou locução conjuntiva temporal: *quando*, *enquanto*, *antes que*, *depois que*, *desde que*, *logo que*, *assim que*, *até que*, *apenas*, *mal*, *sempre que*, *tanto que*, *agora que*, *primeiro que*, *todas as vezes que*, *(de) cada vez que*, *sem que* (= antes que), etc. Ex.: “Vão passados quase dois anos, [depois que

proteste] não abrir mais este romance.” (Camilo, *Amor de Perdição*, LXXVIII.) / “Transcorreram dois anos [sem que eu retornasse aos periquitos].” (Lobato, *Urupês, Outros Contos e Coisas.*, 30.) / “Sentei-me, [enquanto Virgília, calada, fazia] estalar as unhas.” (M. de Assis, *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, 125.)

j) modais e locativas: serão estudadas adiante.

### 3.3.5 Claudio Cezar Henriques

Diz-nos o professor Claudio Cezar (2003/2008) em sua *Sintaxe*: absoluta é como se classifica a oração no período simples. No período composto, podem-se encontrar orações coordenadas e/ou subordinadas. Dois outros processos, o da correlação e o da justaposição – fenômenos sintáticos com características próprias –, foram incorporados pela *NGB* nas duas classificações anteriores. Mas o professor manteve a classificação da *NGB*, fazendo menção aos processos da correlação e da justaposição sempre que julgou cabível.

Assim, “as orações se relacionam (duas a duas) por independência ou dependência sintática. São independentes as coordenadas e dependentes as subordinadas.” Ex.: “[O povo comemorou]; [a vitória valeu.]” / “[Valeu a vitória,] [e o povo comemorou.]” → coordenação; “[O povo festejou] [que a vitória valesse.]” / “[Aconteceu a vitória] [que o povo queria.]” → subordinação.

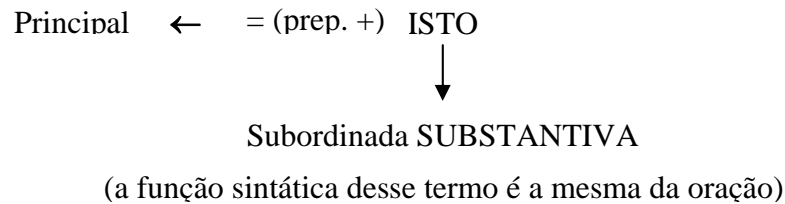
Vê-se, pelos exemplos, que não é possível classificar uma oração isoladamente, sem classificar a oração com a qual se relaciona. Por isso afirma-se que não se analisam orações, mas “relacionamentos entre orações”.

#### 3.3.5.1 Da subordinação

Discussões à parte sobre a “descrição”, ou “metodologia”, prevaleceu, para o autor, a definição clássica de classificação das orações e do conceito de subordinação, qual seja, de que a oração subordinada está contida na oração principal – uma estrutura dentro de outra estrutura – e de que a subordinada desempenha uma função sintática em relação à principal.

### 3.3.5.2 As orações subordinadas substantivas

São substantivas as orações que “desempenham uma função sintática de natureza substantiva em relação à principal”. Daí, pode-se observar a seguinte equivalência:



Alguns exemplos de orações substantivas e suas classificações:

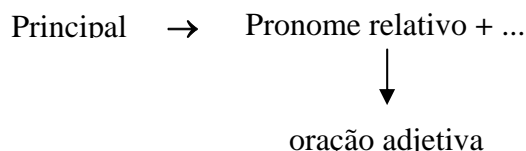
- É necessário [que estudes] = É necessário [isto].  
⇒ a oração é SUBJETIVA porque “isto” é SUJEITO;
- O necessário é [que estudes] = O necessário é [isto].  
⇒ a oração é PREDICATIVA porque “isto” é PREDICATIVO;
- Queremos apenas [que estudes] = Queremos apenas [isto].  
⇒ a oração é OBJETIVA DIRETA porque “isto” é OBJETO DIRETO;
- Necessitamos [de que estudes] = necessitamos [disto].  
⇒ a oração é OBJETIVA INDIRETA porque “disto” é OBJETO INDIRETO;
- Temos necessidade [de que estudes] = Temos necessidade [disto].  
⇒ a oração é COMPLETIVA NOMINAL porque “disto” é COMPLEMENTO NOMINAL;
- Necessito de uma coisa: [estudes] = Necessito de uma coisa: [isto].  
⇒ a oração é APOSITIVA porque “isto” é APOSTO.

As orações subordinadas substantivas têm um único tipo de conectivo: as conjunções integrantes *que* e *se*. As orações apositivas, que normalmente se constroem sem conectivos, também podem ser introduzidas pela integrante: “Necessito de uma coisa: [(que) estudes]”.

Pode-se, por questão de estilo, omitir a conjunção integrante, principalmente nas orações subjetivas e objetivas quando o verbo da oração principal exprime ordem, desejo, pedido: “Esperamos [todos tenham sucesso]” “Queira Deus [voltemos em segurança]”.

### 3.3.5.3 As orações subordinadas adjetivas

As orações adjetivas desempenham uma única função sintática – de natureza adjetiva – em relação à principal, a de adjunto adnominal.



O pronome relativo tem como antecedente “o núcleo de um sistema de valor substantivo da oração principal”. Vejamos:

- a) “Adoro os filmes de Hitchcock, [*que* revejo sempre.]”;
- b) “Adoro os filmes de Hitchcock [*que* revejo sempre.]”.

A palavra *que* é um pronome relativo, e seu antecedente é o substantivo *filmes*, núcleo do objeto direto do verbo da oração principal.

Quanto à classificação, as orações adjetivas dividem-se em explicativas e restritivas. Em (a) classifica-se a subordinada adjetiva como explicativa: o falante afirma que adora todos os filmes de Hitchcock e os revê sempre. Já em (b), classifica-se a subordinada adjetiva como restritiva: o falante afirma que adora alguns filmes de Hitchcock e sempre os revê (ou seja, só revê os filmes que adora). A diferença que marca as duas orações é o sinal gráfico da vírgula anteposto ao relativo: as orações restritivas não possuem vírgula, ao passo que as explicativas ficam destacadas por vírgulas.

### 3.3.5.4 As orações subordinadas adverbiais

As orações adverbiais desempenham uma única função sintática – de natureza adverbial – em relação à principal, a de adjunto adverbial.

Principal ↔ Adverbial

Adverbial ↔ Principal

Vê-se que as orações adverbiais podem vir antepostas quanto pospostas à oração principal, sendo essa ordem nas estruturas adverbiais (ordem inversa) bastante comum na língua portuguesa. Ex.: “Já que ela tomou essa decisão, vou cuidar da minha vida.” / “Quanto mais eu rezo, mais assombração me aparece.” / “Quando o último sair, apague a luz.” Essa mobilidade da posição da oração adverbial requer atenção quanto ao emprego da vírgula no período, norteados fundamentalmente por dois princípios:

- uso obrigatório da vírgula quando a subordinada antecede a principal ou se insere nela (ordem inversa) Ex.: “Quando os noivos de beijaram, todos os convidados aplaudiram.” / “Todos os convidados, quando os noivos se beijaram, aplaudiram.”;
- dispensável quando a principal antecede a subordinada (ordem direta), exceto nos casos em que a adverbial for de grande extensão ou que razões estilísticas justifiquem o uso da vírgula. Ex.: “Todos os convidados aplaudiram quando os noivos se beijaram.” / “Todos os convidados aplaudiram, quando os noivos se beijaram.” (uso estilístico).

As orações subordinadas adverbiais classificam-se em: *causais, comparativas, concessivas, condicionais, conformativas, consecutivas, finais, proporcionais, temporais*.

a) causais: conjunção base: PORQUE. Também são causais *uma vez que, visto que, dado que, como e se* (as duas últimas antepostas à principal). Ex.: “– Todos ficaram em casa [porque estava chovendo].” / “Não posso comparecer [uma vez que fui convocado como escrutinador].” / “[Se você quer assim], nada mais posso fazer.” / “[**Como** você não compareceu], chamamos outra pessoa.”;

b) comparativas: conjunção base: COMO e QUE. Ex.: “– Seus olhos brilham [como as estrelas].” (comparativo de igualdade = como as estrelas brilham) / “Os brasileiros festejam mais (ou menos) [(do) que os europeus].” (comparativo de superioridade ou de inferioridade = do que os europeus festejam);

Percebe-se que a oração comparativa deixa o verbo elíptico quando é o mesmo da oração principal. Contudo, é perfeitamente possível compararmos fatos (ou atos) verbais diferentes. Ex.: “Seus irmãos viajam tanto [quanto eu troco de camisa].” / “Nosso time ganha mais [(do) que perde].”;

c) concessivas: conjunção base: EMBORA. Também são concessivas *apesar de que, sem que, se bem que, ainda que, conquanto, suposto, posto que*. Ex.: “– [Embora seja verdade], há elementos estranhos nessa história.” / “Os pesquisadores vieram aqui ontem, [conquanto nem entrassem].” / “Comprei-lhe um presente [sem que ela percebesse].”;

d) condicionais: conjunção base: CASO. Também são conjunções condicionais *se* (podendo ficar subentendido), *contanto que, dado que, sem que*. Ex.: “– [Caso você me abandone], na certa vou chorar.” / “[(Se) F/fosse menos sensível], veria como as mulheres são incríveis.” / “[Dado que fosse sensível], chegaria às lágrimas.” / “Não saia daqui [sem que eu dê autorização].”;

e) conformativas: conjunção base: CONFORME. Ex.: “– [Conforme é desejo de todos], parto amanhã para a Europa.” / “– [Como todos já sabem], amanhã haverá palestra sobre cinema.”

f) consecutivas: conjunção base: QUE. Essa conjunção se liga a uma palavra intensiva da oração principal (*tal, tanto, tamanho, tão, cada*). As consecutivas são as únicas orações adverbiais que não podem vir antepostas à principal, já que, denotando a consequência do fato principal, não é lógico que venham antes deste. Ex.: “– A coitada levou tal susto [que morreu].” / “ Sua sorte era tanta [que (em consequência) ganhou cem vezes na loteria].”;

g) finais: conjunção base: PARA QUE. Ex.: “– Saio de casa, [para que possas avaliar nossa relação].” / “– [A fim de que aprendas logo], deves refazer todos os exercícios.”;

h) proporcionais: locução base: À PROPORÇÃO QUE. Também são proporcionais *à medida que, ao passo que, quanto* (ou tanto) *mais* (ou menos). Ex.: “– [À proporção que envelhece], mais idiota fica o homem.” / “ [Quanto mais eu estudo português], mais admiro sua riqueza.”

i) temporais: conjunção base: QUANDO. Também são temporais *enquanto, assim que, sem que* (= antes / até que), *cada vez que*. Ex.: “– Ela saiu [quando eu entrei].” / “[Assim que eu voltar], eu te telefono.” / “Não comemores nada [sem que recebas o aviso da vitória].”

### 3.3.6 José Carlos de Azeredo

Segundo Azeredo (2001), as várias relações semânticas construídas no discurso relacionam, entre si, palavras, sintagmas e orações. Entre os constituintes da oração, as

associações estabelecidas são fundamentalmente sintáticas e explicitam-se por meio de subordinantes. Já entre orações, as ligações são fundamentalmente “discursivas *stricto sensu*” e se realizam por meio de coordenantes.

### 3.3.6.1 Da subordinação

A subordinação é, por excelência, o processo sintático. “Meio que consiste em prover de função as unidades que constituem os sintagmas e os sintagmas que constituem as orações. É um processo necessariamente intraoracional”. Na subordinação, “uma unidade da categoria *X* põe-se sob o domínio de uma unidade da categoria *Y*”. Já a coordenação é uma forma de encadeamento, “um mecanismo antes discursivo que sintático”. Consiste em associar duas ou mais unidades do mesmo nível hierárquico, preservando-lhes a natureza ou função.

### 3.3.6.2 As orações substantivas

Em *Iniciação à sintaxe do português*, Azeredo repele a definição dada às orações subordinadas substantivas, pela gramática tradicional (GT). Para o autor, não é oração – transpositores *que* e *se* + oração – que exerce as funções substantivas: sujeito, objeto, ou outras, mas o SN por ela integrado. Assim, a oração não exerce qualquer função sintática, pois esses transpositores não integram as orações que introduzem.

A classificação de substantivas cabe apenas às orações introduzidas por pronomes indefinidos ou advérbios interrogativos que ocupem a posição de um SN, pois esses transpositores integram as orações que introduzem.

- 118 – Até agora não está decidido *quem ocupará a presidência* (sujeito);
- 119 – Perguntaram-lhe *quantas vezes ele tinha se casado* (objeto);
- 120 – Minha dúvida era quanto gastaríamos na viagem (predicador);
- 121 – Só estavam investigando uma coisa: *onde ele tinha conseguido tanto dinheiro para a campanha* (aposto);
- 122 – Estava claro *que ele não desistiria da candidatura*;
- 123 – O presidente declarou *que não reformaria o ministério sob pressão*;
- 124 – Não sabíamos *se ele desistiria da candidatura*.



Nos exemplos em 118, 119, 121, *quem*, *quantas*, *quanto* e *onde* têm o duplo papel de sintagmas constituintes das orações que iniciam e de transpositores, enquanto que nos exemplos de 122 a 124 os transpositores estão fora da oração.

Os gramáticos atribuem a condição de conectivo às palavras *que* e *se* em 122 – 124 (conjunção subordinativa integrante), e negam a natureza conectiva às formas *quem*, *quantas*, *quanto* e *onde*, em 118 – 121. Estas unidades, dada a sua dupla natureza, transpõem as construções que encabeçam à classe de SN, tornando-as aptas a desempenhar as funções sintáticas próprias do SN (sujeito e objeto) ou as eventuais (aposto e predicador). As demais funções que a GT atribui ao SN como *objeto indireto*, *complemento relativo*, *agente da passiva*, *complemento nominal* e *adjunto adnominal* são, na verdade, sintagmas preposicionados que funcionam como modificadores.

A seguir, Azeredo apresenta alguns exemplos, “tomados à língua escrita”, das funções dos SNs que contêm orações.

a) Sujeito

“Não admira, assim, *que fossem eles praticamente os únicos verdadeiros ‘cidadãos’ na colônia.*” (HOLLANDA, S. B. *Raízes do Brasil*, 1976, p. 58);

“Parecia *que davam juntos o mesmo salto no tempo.*” (MACHADO, Anibal. *A morte da porta-estandarte*. 1976, p.54);

“...é compreensível *que nem sempre as manifestações escritas fossem claras e precisas...*” (MOTA, Carlos Guilherme. *Nordeste 1817*. 1982, p.189)

b) Objeto

“Finalmente, afirmei *que a tortura era um símbolo ambivalente de força e declínio.*” (GABEIRA, F. *O crepúsculo do macho*. 1981, p.179);

“Por aí se observa *que a ilha mais paradisíaca pede regulamentação.*” (ANDRADE, C. Drummond. *Os dias lindos*. 1973, p.797);

“...resolvemos deixar *que o pão e o leite ficassem lá fora.*” (BRAGA, Rubem. *A borboleta amarela*, 1963, p.176)

c) Predicador

“O certo é *que... aviva-se, paralelamente, na corte de Lisboa, o interesse pelos destinos da Terra de Santa Cruz.*” (HOLLANDA, S. B. *Visão do paraíso*. 1977, p.89);

“... o primeiro ensinamento a tirar das comemorações é *que a média de vida não tem aumentado muito com as maravilhas da bioquímica.*” (ANDRADE, C. Drummond. *Os dias lindos*. 1973, p.805);

“A conclusão é *que nem todas as palavras têm o mesmo eco em todas as cabeças.*”  
(ASSIS, Machado de. *Memórias póstumas de Brás Cubas*. 1962, p.752)

d) Modificador Aposto

“A mim, contaram-me o seguinte: *que um grupo de bons e velhos sábios ... começaram a reunir-se todas as noites para olhar a lua.*” (MORAIS, Vinícius de. *Poesia completa e prosa*. 1986, p.520);

“Enfim, senhor, eu sei tudo: *que não tenho direito a nada, que não valho nada, não sou nada.*” (BRAGA, Rubem. *A borboleta amarela.* 19693, p.81).

### 3.3.6.3 SAdj e transposição: as orações adjetivas

São chamadas adjetivas as orações iniciadas por transpositores anafóricos que modificam um nome ou um pronome. Essas orações podem vir integradas no SN, como adjunto, ou após ele, como aposto.

“Vimos a arma [com a qual ele se defendia]”

“O carro [cujo pneu furou] continua no estacionamento”

“Ela foi à igreja de São João Batista, [de quem era devota]”

“Coitada da minha avó. (...) Logo ela, [que amava tanto a vida,] ... ia morrer.”  
(NAVA, Pedro. *Balão cativo*. 1973, p.75).

Nestes exemplos, *a qual*, *cujo*, *quem* e *que*, pronomes relativos, simultaneamente remetem anaforicamente para os antecedentes – *a arma*, *o carro*, *São João Batista* e *ela* – e transpõem para o papel de modificadores desses sintagmas as orações introduzidas por eles.

As orações adjetivas dizem-se:

a) restritivas: quando contribuem, como adjunto, para a identificação do ser a que se refere o antecedente. Ex.: Vimos a arma [com a qual ele se defendia]” / “O carro [cujo pneu furou] continua no estacionamento”;

b) explicativas (melhor seria não-restritivas): quando são irrelevantes para essa identificação. Ex.: “Ela foi à igreja de *São João Batista*, [*de quem* era devota]” / “Coitada da minha avó. (...) Logo *ela*, [*que* amava tanto a vida], ... ia morrer.” Isto não quer dizer que as orações explicativas sejam dispensáveis ao sentido da frase, como afirmam alguns gramáticos, ou que as restritivas sejam necessárias. Se a oração adjetiva explicativa não contribui para a identificação da pessoa/coisa a que o antecedente se refere, pode ser fundamental para justificar algo mais que se declare a respeito do antecedente. Assim, em “Coitada da minha avó. (...) Logo *ela*, [*que* amava tanto a vida,] ... ia morrer.” A oração explicativa ‘*que amava tanto a vida*’ é que forma o sentido ao uso de *logo*, com que o autor lamenta a morte da avó.

“As orações adjetivas podem acumular um conteúdo circunstancial de *causa, concessão, condição, finalidade, resultado*”. Observe-se o valor concessivo em ‘*que amava tanto a vida,*’ = *embora amasse tanto a vida*.

#### 3.3.6.4 SAdv e transposição: as orações adverbiais

São tradicionalmente chamadas orações adverbiais os SAdv transpostos por meio de conjunção. Distinguem-se das substantivas e adjetivas “por sua maior flexibilidade posicional no contexto do período”. Ex.: “O tatu sai em busca do alimento *quando anoitece*.” “*Quando anoitece*, o tatu sai em busca do alimento.” “O tatu sai, *quando anoitece*, em busca do alimento.” / “*Se a chuva aumentasse*, o rio certamente alagaria a cidade.” / “O rio certamente alagaria a cidade, *se a chuva aumentasse*.” / “O rio, *se a chuva aumentasse*, certamente alagaria a cidade.” Vê-se que os períodos se constituem de uma oração base modificada por uma oração adverbial. Esta ocorre, livremente, antes, depois ou, “em algumas fronteiras sintagmáticas”, no interior da oração base.

Assim, “as orações adverbiais acham-se à margem da oração base, que subsiste sintaticamente sem elas”. Semanticamente, as orações adverbiais exprimem circunstâncias ou modalidades em relação ao conteúdo da oração base: *tempo, causa, oposição, finalidade, resultado*, etc.

Geralmente apresentadas nas GTs por ordem alfabética, que em nada esclarece sobre suas propriedades linguísticas relevantes, a classificação das orações adverbiais carece de “critérios que levem em conta propriedades formais, distribucionais ou semânticas”.

Azeredo distribuiu os conteúdos expressos pelas orações adverbiais por cinco grupos caracterizados, cada um, por um sentido genérico fundamental: (a) situação/movimento; (b) causa; (c) modo; (d) contraste; (e) resultado.

a) Situação / movimento (quadro 1)

Tempo		Aspecto	Conectivos
Concomitante		Durativo	enquanto, à medida que
		Iterativo	cada vez que, sempre que
Não concomitante	Anterior	Durativo	até que
		Pontual	antes que
	Posterior	Durativo	desde que
		Pontual	logo que, assim que

Quadro 1 – Conectivos que denotam situação e movimento. Fonte: Azeredo (2001)

As orações deste grupo exprimem as circunstâncias de tempo e de espaço referentes ao conteúdo da oração base. São elas as orações temporais, proporcionais e locativas<sup>9</sup>. Vejam-se alguns exemplos:

- “O palhaço ri *enquanto o circo pega fogo.*” (concomitante/durativo);
- “Os moradores retornam à cidade *à proporção que os mosquitos são exterminados.*” (concomitante/durativo);
- “As crianças riem *cada vez que o palhaço dá uma cambalhota.*” (concomitante/iterativo);
- “Eles esconderam-se no sótão *até que a guerra acabasse.*” (anterior/durativo);
- “Eles esconderam-se no sótão *antes que pudessem ser descobertos.*” (anterior/pontual);
- “Eles vivem na capital *desde que receberam a herança.*” (posterior/durativo);
- “Eles se mudaram para a capital *assim que receberam a herança.*” (posterior/pontual);

A conjunção *quando* é neutra quanto às oposições *concomitante / não concomitante* e *durativo / pontual*. A locução *depois que* é neutra em relação à oposição *durativo / pontual*.

<sup>9</sup> Essas orações serão também objeto de capítulo à parte.

Ex.: “Eles vivem na capital *depois que receberam a herança.*” (posterior/durativo); / “Eles se mudaram para a capital *depois que (logo que) receberam a herança.*” (posterior/pontual); / “Ela só entrou na sala *quando eu saí.*” (posterior); / “Elas estavam lá *quando eu cheguei.*” (anterior); / “Nós moramos lá *quando a estrada era de barro.*” (concomitante).

#### b) Causalidade

As orações deste grupo exprimem a razão, o motivo – real, admitido, suposto ou hipotético – do conteúdo da oração base (principal), que pode declarar um fato ou “ser a expressão de vários outros ‘atos de fala’: *perguntar, ordenar, pedir, inferir, etc.*” São elas as orações tradicionalmente classificadas como causais e condicionais. Vejam-se alguns exemplos:

- “O barco virou *porque ventava muito.*” (motivo real);
- “Ela não se casou com ele *porque o amasse*, mas por imposição da família.” (motivo suposto);
- “*Se o cão era feroz*, você devia prendê-lo.” (razão admitida);
- “*Se vocês virem esse filme*, tenho certeza que vão gostar.” (motivo hipotético);
- “*Se não há vinho*, brindem com água.”;
- “*Já que ela prefere a solidão*, vamos deixá-la só.”
- “Já é chegado o outono *porque as folhas começam a cair.*”

Neste enunciado há uma inferência – ‘Já é chegado o outono’ – e sua razão. É evidente que a *queda das folhas* não é a causa da *chegada do outono*, mas a razão da sua inferência.

Vê-se, nesses exemplos, que a fronteira entre a causa e a condição é imprecisa, tornando-se evidente essa distinção apenas nos pontos extremos fato/realidade x hipótese/irrealidade. Ex.: “*Já que você prefere ficar em casa*, então fique.” (causa) / “*Se você prefere ficar em casa*, então fique.” (condição).

#### c) Modo – ver capítulo específico.

#### d) Contraste

Há vários meios de se marcar o contraste entre proposições como o uso de antônimos. Entretanto, frequentemente recorre-se a estruturas oracionais, conectivas para marcar o contraste do que se declara na oração base. Assim, os SAdvS introduzidos por conectivos subordinantes marcarão ora a concessão, ora o contraste com o conteúdo da oração base. Ex.: “Os cometas têm luz própria, *enquanto (que) os planetas a recebem do sol.*” / “Renata

dançava e praticava esportes *ao passo que Luísa investia seu tempo em leitura e meditação.*” (contraste); e “Nossa equipe seria desclassificada *mesmo que derrotasse a adversária por ampla diferença de pontos.*” / “Ele receberá a herança *sem que prove ser filho do finado.*” (concessão).

#### e) Resultado

A fim de indicar que o conteúdo de uma oração decorre de outro da oração base, pode-se valer de conectivos que denotem (i) conclusão; (ii) efeito/resultado e (iii) finalidade.

i) Conclusão: “A fábrica está apitando; *logo, é hora do almoço.*” (processo de coordenação);

ii) Efeito/resultado: “Não matarás um inocente, *sem que despertes a ira dos deuses.*” “Aquela equipe era tão boa *que merecia ser campeã.*” (processos de subordinação);

iii) Finalidade: “O presidente tem que renunciar *para que o povo decida, pelo voto, a sorte do país.*” / “A fim de espantar o sono, puxei conversa com um passageiro.” (processos de subordinação).

Nestes casos, as orações finais são as únicas que podem preceder a oração base e denotam um efeito visado, uma intenção. Já as consecutivas se põem sempre depois da oração base e denotam um efeito contingente, desintencional.

#### 3.3.6.4.1 A relação comparativa

Alguns processos gramaticais exprimem igualdades ou desigualdades entre dois conceitos considerados, tanto em relação às quantidades – em se tratando de substantivos – quanto em relação à intensidade – em se tratando de verbos, adjetivos ou advérbios.

a) Relações de igualdade: “A pele dela é branca *como neve.*” “O peixe escorrega *como sabão.*” “Ele bebe vinho *como água.*” “A pele dele é tão branca *quanto neve.*” “O peixe escorrega tanto *quanto sabão.*” “Ele bebe vinho tanto *quanto água.*”;

b) Relação de desigualdade: “A pele dela é mais/menos branca *do que neve.*” “O peixe escorrega mais/menos *do que sabão.*” “Ele bebe mais/menos vinho *do que água.*”.

Percebe-se que “a interpretação semântica do segundo termo da comparação depende das informações explícitas no primeiro”. Baseado em relações anafóricas, associa-se *neve* à informação *é branca*, *sabão* à informação *escorrega* e *água* à informação *ele bebe*.

Não podia ser diferente o estudo que nos apresenta o professor Azeredo. Um estudo denso e detalhado, que nos faz refletir sobre as variadas associações construídas pelos sintagmas nominais, adjetivos e adverbiais, que deixam clara a enorme plasticidade da língua portuguesa.

### 3.4 **Observações finais**

Encerra-se aqui este capítulo. Repetitivo? Nem tanto. É claro que há certa repetição na parte conceitual, mas cada autor, com seu brilhantismo, trouxe uma particularidade, uma nuance, em relação à subordinação, às orações subordinadas. É isso que enriquece a pesquisa e a torna interessante.

A base está formada, o que nos permite avançar e entrar, enfim, no tema central deste trabalho.

#### 4 AS ORAÇÕES SUBORDINADAS NÃO CLASSIFICADAS PELA NGB

Este pequeno capítulo é apenas introdutório para a análise a que se propõe este trabalho.

Já vimos que a **NGB**, em sua parte terceira, dedicada à sintaxe –, divide assim o período:

##### TERCEIRA PARTE

##### SINTAXE

[...]

II – Do período:

1. tipos de período: simples, composto.
2. Composição do período: coordenação, subordinação.
3. Classificação das orações:
  - a) absoluta;
  - b) principal;
  - c) coordenada:
    - assindética;
    - sindética: aditiva; adversativa; alternativa; conclusiva; explicativa.
  - d) subordinada:
    - substantiva: subjetiva, objetiva direta, objetiva indireta, completiva-nominal, predicativa; apositiva;
    - adjetiva: restritiva, explicativa;
    - adverbial: causal, comparativa, consecutiva, concessiva, condicional, conformativa, final, proporcional, temporal.

[...]

Também se sabe que essa classificação é incompleta e que não contempla todo o universo de orações que compõem o sistema linguístico português.

Ao ignorar a justaposição como processo sintático de composição do período, a **NGB** ignora juntamente, ou por consequência, várias orações subordinadas que têm funcionamento pleno na língua e não têm registro na nomenclatura gramatical.

Essas orações têm em comum o fato de não serem ligadas por conjunções, daí se dizerem justapostas. São, geralmente, introduzidas por pronomes indefinidos – *quem, qual, que, quanto* –, por advérbios – *quando, como, onde, por que, quanto* – ou por termos preposicionados – *por quem, por quantos, de quem, etc.*

Compõem o rol dessas orações as seguintes:

- orações subordinadas substantivas com valor de agente da passiva;
- orações subordinadas adverbiais modais, locativas, etc.
- orações subordinadas adjetivas justapostas;



Das três, não será contemplado, neste trabalho, o estudo das orações adjetivas justapostas, ainda que também não sejam classificadas pela *NGB*. Estas orações são introduzidas pelo pronome indefinido *quem* precedido da preposição *de* em frases do tipo: “A bondade *de quem falou é muito grande*” (MACEDO, 1991) / “Não me lembro do nome *de quem me entregou esta pasta*” (HENRIQUES, 2008) e desempenham a função sintática de adjunto adnominal, por isso orações adjetivas.

O trabalho desenvolveu-se por meio de um estudo comparativo entre vários autores que escreveram (ou não) sobre essas orações, todos notáveis e de renomado conhecimento em Língua Portuguesa. A fim de se dar um ordenamento ao trabalho, adotou-se, entre os autores estudados, a seguinte divisão:

- Gramáticas tradicionais: M. Said Ali, Rocha Lima, Evanildo Bechara e Celso Cunha & L. Cintra;
- Gramáticas Pedagógicas: Faraco & Moura, Luiz A. Sacconi, Nicola & Ulisses, Domingos Paschoal Cegalla, Hildebrando A. de André e Douglas Tufano;
- Gramáticas Linguísticas: M. H. de Moura Neves, M. H Mira Mateus, José Carlos de Azeredo, Ataliba T. de Castilho e Mário A. Perini.
- Sintaticistas: Gladstone Chaves de Melo, Walmírio Macedo, Adriano da Gama Kury, Evanildo Bechara, José Carlos de Azeredo e Claudio Cezar Henriques.

Para tanto, desenvolveu-se a pesquisa entre estes estudiosos, buscando a posição de cada autor a respeito do assunto, as suas aproximações ou afastamentos em relação à *NGB*, as suas divergências ou semelhanças, enfocando os pontos de vista de como classificam as orações subordinadas agente da passiva, que, dependendo do autor, classificam-se em *substantivas*, *adjetivas*, ou *adverbiais*, se consideram ou não entre as adverbiais as orações modais e locativas.

É este o foco central de nosso estudo, o objeto precípua deste trabalho, que passaremos a analisá-lo nos capítulos seguintes.

## 5 A VOZ PASSIVA ANALÍTICA

A voz passiva analítica é a forma que assume o predicado verbal quando se quer atribuir explicitamente ao paciente da ação verbal o papel de sujeito da oração. Sua estrutura é a seguinte:

**SN<sub>1</sub> + SV + SN<sub>2</sub>**, onde:

**SN<sub>1</sub>** é o sintagma nominal expresso por substantivo ou termo de mesmo valor;

**SV** é o sintagma verbal expresso pela locução formada por verbos **SER** + participípio (auxiliar e principal respectivamente);

**SN<sub>2</sub>** é o sintagma nominal preposicionado expresso por substantivo ou termo de mesmo valor.

Nessa estrutura, **SN<sub>1</sub>** exerce a função sintática de sujeito paciente, **SV** é a locução verbal formada pelo verbo auxiliar *ser* e *verbo transitivo direto* (VTD) no participípio e **SN<sub>2</sub>** exerce a função sintática de agente da passiva.

### 5.1 O agente da passiva

Chama-se agente da passiva – ou o complemento agente – o termo preposicionado, não obrigatório, que, ligado a verbos empregados como transitivos diretos na construção – ou voz – passiva analítica, indica o agente da ação verbal sofrida ou recebida pelo sujeito (paciente). Semanticamente, o agente da passiva equivale ao sujeito (agente) na voz ativa.

Este complemento verbal, marcado geralmente pela preposição **por** e mais raramente pela preposição **de** – mais comum na língua clássica ou com verbos que exprimem sentimentos ou manifestações de sentimentos –, exprime-se por meio de substantivo, pronome substantivo ou numeral substantivo. Em geral, o agente da passiva apresenta o traço semântico *animado*, como em:

O advogado foi advertido **pelo juiz**.

As provas foram corrigidas **pelos alunos**.

O professor era respeitado **por todos** na cidade.

Quando falta o traço semântico *animado*, o agente da passiva é representado por “coisa”, mas capaz de praticar a ação verbal, como em:

A cidade foi inundada **pelas chuvas**.

O crime foi investigado **pela delegacia de homicídios**.

Os atletas serão transportados **pelo ônibus do clube**.

No período composto, a função de agente da passiva pode também ser exercida por uma oração subordinada, um dos assuntos – objeto deste trabalho, que será abordado a seguir.

## 5.2 As orações subordinadas agente da passiva

As orações subordinadas agente da passiva são as que, na voz passiva analítica, exercem o papel de agente da ação verbal sofrida pelo sujeito (sujeito paciente). Essas orações caracterizam-se por não serem introduzidas por conectivos. São, portanto, orações justapostas, introduzidas pelos pronomes indefinidos *quem*, *quantos*, regidos pelas preposições *por*, construção mais comum, ou *de*, construção menos frequente, geralmente associada a verbos que exprimem sentimentos.

Existem autores que não concordam em denominar essas orações de justapostas, dentre eles, pode-se destacar o professor Celso Pedro Luft (2000), cujo pensamento transcreve-se abaixo:

### NOTAS SOBRE AS ORAÇÕES SUBORDINADAS

1) As orações introduzidas por pronomes interrogativos (nas interrogações indiretas: [*Perguntou [quem era o conferencista]*, [*onde estava o diretor*]], etc.) não têm conectivo conjuncional (conjunção integrante). É que os pronomes interrogativos, aí, acumulam essa função: como elementos QU, são também subordinadores. Não há, pois, motivo para se falar em “justaposição” (cf. PG, 187; Olmar Gutierrez da Silveira, 1957).<sup>10</sup> Afinal, o mesmo acontece com os pronomes relativos, que são simultaneamente nominais (substantivos, adjetivos, advérbios) e subordinadores.

Naturalmente, o mesmo vale para os relativos sem antecedentes. Compare: [*Conheço [quem (= a pessoa que) falou]*]. [*Há ordem [onde (= no lugar onde) moro]*]. [*Perguntaram-me [onde (= em que lugar) moro]*].

Não se podia deixar de registrar, então, essa outra corrente, aqui representada pelo ilustre professor Celso Luft.

<sup>10</sup> SILVEIRA, Olmar Guterres da. *Orações subordinadas sem conectivo*. Rio de Janeiro, [s. ed.] 1957.

A *NGB*, conforme visto no capítulo anterior, não inclui, no rol da classificação das orações subordinadas, a oração agente da passiva.

Não se sabe exatamente o porquê de a *NGB* ter omitido a oração agente da passiva da classificação das orações subordinadas. O professor Claudio Cezar Henriques, em sua *Sintaxe Portuguesa: para a linguagem culta e contemporânea* (2003), apresenta três hipóteses para essa omissão. Segundo o professor:

A *NGB* não inclui as orações com a função de agente da passiva. Pode-se apresentar três hipóteses para essa omissão: a) a nomenclatura não faz referência às orações justapostas; b) não há consenso na classificação dessa estrutura, que para alguns é substantiva (cf. A. G. Kury: *NLAS*, p.77; cf. C. Cunha & L. Cintra: *NGPC*, P. 601), mas para outros é adverbial (cf. E. Bechara: *LPAS*, p. 153) e esta divergência tem origem num enfoque diacrônico (o valor adverbial da construção latina com **per** + ablativo) ou sincrônico (o valor substantivo do agente da passiva, termo equivalente ao sujeito na voz ativa); c) há quem considere o pronome **quem** como relativo indefinido (cf. R. Lima: *GNLP*, p. 116-7) análise que, hoje, pode ser considerada superada. A respeito dessas frases com o pronome **quem**, cabe ainda a leitura de “Pronome Relativo Indefinido” (M. Said Ali: *GHLP*, p. 109-10). C. P. Luft (*MGB*, p.35) chega a afirmar que o agente da passiva, mesmo como termo da oração, é “um adjunto adverbial bem próximo dos de causa e instrumento”.

As hipóteses apresentadas pelo professor são bastante consistentes, têm lógica e podem, naturalmente, espelhar a causa da omissão na *NGB* da classificação dessa oração.

Assim, percebe-se que a classificação da oração agente da passiva não é assunto pacificado. Ainda hoje há divergências entre os autores em relação aos fenômenos da língua, e a oração agente da passiva figura nessa lista. Autores há que nem a mencionam em seus livros ou gramáticas.

Chega-se, então, ao cerne deste trabalho, em que analisaremos as posições de alguns autores em relação à classificação das orações subordinadas agente da passiva, conforme descrito no capítulo 5, a saber: Manoel Said Ali, Rocha Lima, Celso Cunha, Evanildo Bechara, Adriano da Gama Kury, Walmírio Macedo, Gladstone Chaves de Melo, Jose Carlos de Azeredo, Claudio Cezar Henriques, Maria Helena de Moura Neves, Maria Helena Mira Mateus, Ataliba de Castilho, Mário Perini, Domingos Paschoal Cegalla, Luiz Sacconi, Hildebrando A. de André, Douglas Tufano, Nicola & Ulisses

### 5.3 Das Gramáticas Tradicionais:

#### 5.3.1 Said Ali

Admirável pesquisador da língua portuguesa, M. Said Ali (1969) não menciona a oração agente da passiva no capítulo destinado à sintaxe e estilística. No subtítulo SUBORDINAÇÃO, o Mestre apresenta a classificação das orações subordinadas. Vejamos:

#### **SUBORDNAÇÃO**

##### **Oração substantiva**

A ORAÇÃO SUBSTANTIVA, assim chamada por fazer papel de substantivo, pode representar:

- a) o sujeito de uma oração principal:

*Quem porfia* mata a caça.  
É possível *que êle chegue amanhã.*

- b) o complemento direto de um verbo:

Pediram-lhe *que não demorasse.*  
Espero a todo momento *que êle chegue.*  
Dizem *que o caso é grave.*

- c) o complemento terminativo (dativo)<sup>11</sup>:

Conferir-se-á o prêmio *a quem o merecer.*

- d) um complemento preposicionado<sup>12</sup>:

Esqueces-te *de que és um pobre empregado.*  
Tenho a certeza *de que êle deixará escapar tão boa ocasião.*  
Cada vez mais me convenço *de que ainda temos bons amigos.*  
Tenho a consciência *de que cumpri o meu dever.*  
Estava receoso *de que o perseguissem.*

São também orações substantivas as orações subordinadas das interrogações indiretas, das quais nos ocupamos à pág. 131.

<sup>11</sup> Conforme a NGB, é OBJETO INDIRETO todo complemento verbal iniciado por preposição obrigatória.

<sup>12</sup> Quando o complemento é pedido por substantivo, adjetivo e certos advérbios a NGB dá-lhe o nome de COMPLEMENTO NOMINAL.

Na página 131, Said Ali aborda as interrogações indiretas e elenca alguns exemplos, que achamos oportuno transcrever:

#### Interrogação direta e indireta

[...]

A Interrogação INDIRETA não pede resposta pronta, mas dá a entender que temos dúvida sobre um fato e que estimaríamos que esta se desfizesse com qualquer resposta. Socorremos de duas orações, uma principal, a outra subordinada sendo esta proferida em tom comum, embora encerre a pergunta.

A oração subordinada começa ou pela conjunção interrogativa *se*, ou por alguns dos vocábulos interrogativos *quem, qual, como, onde, porque, quando*, etc.[...]

Não sei *se vais todos os dias ao teatro*.

Dize-me (ou não sei) *se lêste as obras de Machado de Assis*.

Verifique *quem bate à porta*.

Não sei *porque não disseste tôda a verdade*.

Mostra-me *onde está a felicidade*.

Indaga *quando se abrirá a exposição*.

Explica-me *como se toma êste remédio*.

Dir-me-ás *quais são as causas da prosperidade do país*.

**OBSERVAÇÃO** Sendo as expressões *como, quanto, quão, que* aplicadas tanto em frases interrogativas como em frases exclamativas, casos há que se devem interpretar como exclamações indiretas: *Olha como ela chora! Bem sabes quanto me custa! Olha que infinidade de moedas*, etc.

Subentende-se que as orações exclamativas indiretas recebem a mesma classificação das interrogativas indiretas, ou seja, são ambas orações substantivas **geralmente objetivas diretas**. [grifo nosso] Voltemos a Said Ali:

#### Oração adjetiva

Orações que fazem o papel de atributo chamam-se ATRIBUTIVAS, ADJETIVAS ou RELATIVAS. Êste último nome provém do fato de começarem geralmente por um pronome relativo <sup>13</sup>.

Estas orações RESTRITIVAS se servem para completar ou delimitar o nome a que se referem:

As flôres *que produz o meu jardim* são mais belas que as do vizinho.

Êste é o punhal *com que foi assassinado o porteiro*.

Êle mora em um prédio *cujas paredes são pintadas de azul*.

#### Orações adverbiais

Orações hipotéticas e condicionais <sup>14</sup>;

Orações concessivas;

Orações temporais;

Orações finais;

Orações consecutivas;

Orações comparativas;

Orações proporcionais;

Orações causais.

<sup>13</sup> A NGB decidiu-se por *adjetiva*.

<sup>14</sup> A NGB dá-lhes o nome de *condicional*.

Percebemos que, em nenhum momento, Said Ali faz referência às orações agente da passiva. Mas, se em sua gramática secundária o autor nada fala sobre as orações agente da passiva, em sua *Gramática histórica da língua portuguesa* (2001) o professor dá-nos uma pista ao discorrer sobre o pronome relativo indefinido.

Vamos ao excerto:

#### PRONOME RELATIVO INDEFINIDO

**524.** Em proposições como “*quem* porfia mata a caça”, “*quem* espera sempre alcança” servimo-nos de um pronome visivelmente destituído de antecedente. Mas como o vocábulo *quem* aí sugere a noção de “homem (ou mulher) que”, “alguém que” sentimo-nos propensos a ladear a questão linguística, analisando não já o pronome tal qual em tais frases se apresenta, mas sim o seu equivalente semântico. Esse método condenável, de conciliação forçada, não satisfaz todavia ao espírito quando aplicado a *quem quer que*, expressão ampliativa do mesmo pronome *quem* nestas proposições: “*quem quer que* o disse”; “não façás mal a *quem quer que* te ofenda”.

[...]

**526.** O relativo indefinido gera orações de caráter substantivo; o relativo propriamente dito (com antecedente) dá origem a orações de caráter adjetivo. Comparemos *quem trabalha* (o trabalhador) e o *general que venceu* (o general vitorioso).

Mesmo assim não temos a certeza de como o grande Mestre classifica as orações agente da passiva, o que se pode lamentar, pois o professor Said Ali é um dos maiores norteadores daqueles que se dedicam ao estudo da língua portuguesa.

### 5.3.2 Rocha Lima

Um dos membros da comissão que elaborou a *NGB*, gramático, filólogo, o professor Carlos Henrique da Rocha Lima (1996) classifica como adjetivas as orações agente da passiva. Ainda que não trate especificamente desse tipo de oração, essa conclusão decorre do estudo apresentado em alguns capítulos de sua *Gramática Normativa* em que faz uma análise morfossintática da palavra *quem*. Vejamos o que diz Rocha Lima, no capítulo 9, dedicado aos pronomes:

#### PRONOMES RELATIVOS INDEFINIDOS

Assim se chamam os pronomes relativos empregados sem antecedente expreso, em frases com as seguintes:

*Quem* espera sempre alcança.

Traiu a *quem* lhe fora tão fiel.

Não teve *que* objetar.

Fez *quanto* pôde.

Esses relativos, também chamados ‘condensados’, trazem o antecedente incorporado em si.

Mais adiante, no capítulo 17, intitulado *Teoria geral da Frase e sua Análise*, encontramos no estudo sobre a subordinação:

## SUBORDINAÇÃO

[...]

### 1. ORAÇÕES SUBSTANTIVAS

[...]

#### DESENVOLVIDAS

[...]

b) As interrogativas indiretas se anexam à oração principal por intermédio de um pronome ou advérbio interrogativo: *que* (= *que coisa?*), *quem* (= *que pessoa?*), *qual?* (*quais*), *quanto?* (*quanta*, *quantos*, *quantas*); *onde?*, *quando?*, *como?* e *porque?*

Exemplos:

Não sei / *que* pensas a meu respeito.

Perguntam / *quem* os acompanhará.

Diga-me / *onde* se vende esse livro.

Ainda não explicaste / *porque* abandonaste a carreira diplomática.

*Observações:*

a) A palavra **quem**, pronome interrogativo, equivalente a *que pessoa*, inicia orações *substantivas*. Ao contrário, enceta orações *adjetivas* (como veremos adiante) quando for pronome relativo indefinido, isto é, empregado sem antecedente, e com a significação de *a pessoa que* ou *aquele que*.

[...]

### 2. ORAÇÕES ADJETIVAS

[...]

#### Relativos condensados

Os relativos *que*, *quem*, *quanto*, *onde* e *como* podem usar-se sem antecedente, ou melhor podem condensar em si duas funções: uma de um termo da oração principal, e outra de um termo da oração adjetiva.

Assim *que*, num período como este:

*Não há quem dele se apiede* ,

o **quem** encerra e implica dois elementos (*ninguém / que*), o primeiro dos quais é o objeto direto da oração principal, e o segundo o sujeito da oração adjetiva:

Não há *ninguém / que* dele se apiede.

Outros exemplos:

Diante disso, ele não teve *que* dizer. (*nada / que*)

Procuro justamente a *quem* procuras. (*aquele / a quem*)

Perdera no mar *quanto* trazia. (*tudo / quanto*)

O carro enguiçou *onde* não havia socorro. (*num lugar / em que*)

Veja *como* fala. (*o modo / como*)

Para efeito de análise, é conveniente restaurar o antecedente omitido com o que se tornará mais nítida a estrutura de cada uma das orações.

A tal tipo pertencem também as frases assim construídas:

“*Quem* nasceu ao pé do mar talvez não perceba as coisas.” (CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE)

*Quem* tem boca, vai a Roma.

*Quem* te avisa, teu amigo é. ,

Que se analisam conforme o seguinte modelo:

Aquele / *que* tem boca / vai a Roma.

Oração principal: Aquele vai a Roma.

Oração subordinada adjetiva restritiva: *que* tem boca.

Como visto acima, podemos concluir que o professor Rocha Lima classifica como *adjetivas* as orações agente da passiva, visto que estas se encaixam dentro do modelo descrito por ele: Ele foi salvo **por quem** o encontrou = Ele foi salvo **por aquela que** o encontrou.



Cabe aqui recordar que o método proposto por Rocha Lima em se decompor o pronome *quem* em *aquele que* ou em *a pessoa que* é “condenável” segundo Said Ali ou mesmo “superado” conforme o professor Claudio Cezar Henriques (como já vimos), ainda assim, possível, reforça Bechara.

### 5.3.3 Evanildo Bechara

O gramático e filólogo, Evanildo Bechara (2000), membro da Academia Brasileira de Letras, talvez o maior nome da língua portuguesa em atividade no Brasil, não poderia deixar de registrar, em seus livros, principalmente em sua *Moderna Gramática*, desde a primeira edição (1961), a existência das orações agente da passiva, atento que é ao universo da língua. Mesmo após quase quarenta anos, em sua última versão, o professor, ainda que tenha dado uma roupagem diferente da do texto original da edição de 1961, com uma abordagem mais detalhada e profunda da matéria, ratifica sua posição inicial ao classificar como adverbiais as orações agente da passiva. Segue o que diz Evanildo Bechara:

**Substantivação de orações originariamente adjetivas** – Em *O homem sábio é guia seguro*, o adjetivo *sábio* pode ocupar o papel da unidade complexa mediante sua substantivação: *O sábio é guia seguro*, onde se deu o apagamento do substantivo *homem* e se marcou o novo caráter substantivo de *sábio* com a anteposição do artigo *o*.

Também conhece esse expediente de substantivação a oração transposta adjetiva mediante o apagamento do antecedente dos relativos *quem* e *que* e a presença do artigo, se o antecedente, pela situação do discurso, é conhecido dos interlocutores ou se lhe quer dar certo ar de generalização:

[...]

*Para quem não tem juízo* os maiores bens da vida se convertem em gravíssimos males [MM].

OBSERVAÇÃO: Alguns autores preferem desdobrar o *quem* em *aquele(s) que*, *aquela(s) que* e considerar a unidade *o*, *a*, *os*, *as* como pronomes demonstrativos representados na oração adjetiva pelo pronome relativo *que*, de modo que, não aceitando a substantivação nesses casos, analisam a subordinada como adjetiva: *Não conheço quem chegou* = *Não conheço aquele que chegou*. *Não conheço os que chegaram* = *Não conheço aqueles que chegaram*. São possíveis as duas maneiras de analisar tais construções.

#### **Mais uma construção de oração já transposta**

[...]

Também a oração relativa transposta a substantiva pode, com o concurso de preposição, passar a exercer papel de advérbio e, assim, funcionar como adjunto circunstancial, dessa forma:

Nenhum senhorio é tão absoluto *como o que conferem os povos aos tiranos de sua escolha* (comparativa).

O livro foi escrito *por quem não se esperava* (agente da passiva).

Já na edição de 1961, Bechara, apresenta de forma mais simples e direta, a classificação das orações subordinadas adverbiais, reproduzida abaixo:

## 6 – ORAÇÕES SUBORDINADAS

### *Adverbiais*

**Função sintática exercida pelas adverbiais.** – As orações subordinadas adverbiais são aquelas que exercem a função sintática de *adjunto adverbial*.

Quanto à ligação as orações adverbiais podem ser, como vimos, justapostas ou conectivas, sendo que estas últimas se introduzem pelas conjunções subordinativas adverbiais (cf. pág. 161).

De acordo com a circunstância que exprimem temos orações adverbiais:

a) de AGENTE DA PASSIVA (justaposta):

Foi enganado por quem menos esperava (2).<sup>15</sup>

Notável, como sempre, Evanildo Bechara faz um profundo estudo das orações, analisando tanto os aspectos semânticos quanto os sintáticos. Reconhece, portanto, a existência das orações agente da passiva, mostra claramente como as classifica e não podia deixar de assinalar a não inclusão na *NGB* dessas orações.

### 5.3.4 Celso Cunha

Bacharel em Direito, professor, gramático, filólogo e ensaísta, o também Acadêmico Celso Ferreira da Cunha (2001), com sua didática fácil e objetiva, expressou claramente seu ponto de vista a respeito das orações agente da passiva e as classifica como orações subordinadas substantivas. Segue o que diz Celso Cunha:

#### CLASSIFICAÇÃO DAS ORAÇÕES SUBORDINADAS

AS ORAÇÕES SUBORDINADAS classificam-se em, SUBSTANTIVAS, ADJETIVAS e ADVERBIAIS, porque as funções que desempenham são compatíveis às exercidas por substantivos, adjetivos e advérbios.

#### **Orações subordinadas substantivas**

AS ORAÇÕES SUBORDINADAS SUBSTANTIVAS vêm normalmente introduzidas pela CONJUNÇÃO INTEGRANTE *que* (às vezes, por *se*) e, segundo seu valor sintático, podem ser:

[...]

---

<sup>15</sup> (2) Não consta na *NGB*.

7. AGENTES DA PASSIVA, quando exercem a função de agente da passiva:  
 – As ordens são dadas / **por quem pode.** / (F. Namora, *NM*, 215.)

**Observação:**

As orações que desempenham a função de agente da passiva iniciam-se por pronomes indefinidos (quem, quantos, qualquer, etc.) precedidos das preposições *por* ou *de*.<sup>16</sup>

Não podia ser diferente, em se tratando de Celso Cunha, professor com larga experiência, de didática simples, porém esclarecedora, que não deixa em dúvida os que bebem na sua fonte, como afirma o professor Ivo Castro em seu artigo *Celso Cunha, o não gramático*, publicado na revista *Sábado*, Lisboa, em maio de 1989 e depois em *Confluência*, Rio de Janeiro em maio de 1993. Vejamos esse excerto:

Esta gramática é normativa, isto é, procura não deixar qualquer dúvida ao leitor sobre o grau de obrigatoriedade, facultatividade ou inadmissibilidade de determinada forma ou construção. Mas não toma para critério desses juízos nem a norma padrão brasileira, como acontecia nas gramáticas anteriores, nem a norma padrão portuguesa: em vez disso, toma por campo todas as variantes da língua portuguesa, o que obriga a ter especial cuidado com os pontos em que entre elas se registram divergências, preceituando diversamente para cada variedade. São para isso determinantes as exemplificações, recolhidas em escritores brasileiros, portugueses e africanos, pois elas fornecem o principal critério da aceitação de determinada forma. Contra certos receios, verificou-se na prática que pouca ou nenhuma dificuldade resulta de uma gramática normativa que promove, ao mesmo tempo e em igualdade, normas relativamente diversas e que se acham em processo normal de diversificação. Se considerarmos, em termos tradicionais, que uma gramática normativa emite directivas unidireccionais, então esta será uma não-gramática.

Encerramos aqui a análise do primeiro grupo de gramáticas, as ditas tradicionais. Não podia ser diferente a escolha dos autores estudados, pelo inegável grau de contribuição que cada gramático deu ao estudo da língua portuguesa. Mais interessante, e também enriquecedor, foi perceber, em cada autor, um ponto de vista diferente a um mesmo fenômeno da língua.

Passemos ao estudo do segundo grupo de autores os das gramáticas tidas pedagógicas.

---

<sup>16</sup> O professor Celso Cunha não faz referência à não inclusão dessas orações na NGB.

## 5.4 Das Gramáticas Pedagógicas:

Voltadas aos Ensinos Fundamental e Médio, (antigos Primeiro e Segundo Graus) as gramáticas pedagógicas diferem um pouco das tradicionais por abordarem os conteúdos atendendo aos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN). Assim, utilizam-se de uma linguagem mais simples, adequada ao nível de ensino, trazem – além das categorizações, definições e exemplificações – exercícios de fixação, propostas de atividades de leitura, de produção textual, para que os alunos demonstrem a compreensão do conteúdo e a capacidade de aplicar efetiva e eficazmente o idioma. Então, essas gramáticas permitem desenvolver a competência comunicativa dos estudantes, regulam o uso eficaz da linguagem e, conseqüentemente, promovem a conscientização linguística, no que respeita ao trabalho com os discentes. Cabe ressaltar que, no plano teórico, ficam aquém das Gramáticas Tradicionais.

### 5.4.1 Faraco & Moura

Os professores Carlos Emílio Faraco e Francisco Marto de Moura apresentam, no capítulo denominado **Análise sintática do período** – Faraco & Moura (1987) –, a classificação das orações subordinadas substantivas.

A princípio, seguem a classificação adotada pela *NGB*, sem mudança alguma, em um nível de detalhamento básico que chamam de **nível 1**<sup>17</sup>. Depois, no chamado **nível 2**, em que abordam os conteúdos de forma mais ampla – PARTICULARIDADES –, apresentam uma série de observações sobre as orações substantivas e incluem as orações agente da passiva no rol das substantivas, conforme mostrado abaixo:

#### **II. PERÍODO COMPOSTO**

[...]

#### **2. Orações Subordinadas**

##### **1. Orações Subordinadas substantivas**

As orações subordinadas substantivas completam sempre o sentido da oração principal, exercendo função sintática própria de substantivo, a saber: sujeito, objeto direto, objeto

---

<sup>17</sup> Há uma graduação do conteúdo abordado em dois níveis de detalhamento: **nível 1**, que compreende apenas as noções básicas de cada assunto; **nível 2**, que apresenta uma abordagem mais completa e detalhada do assunto de cada unidade.

indireto, complemento nominal, predicativo e aposto. Vêm, geralmente, introduzidas por uma conjunção integrante (**que** ou **se**).

Seu Dagoberto ficou sabendo **que os homens eram de Itabira**. (Alcântara Machado)  
Não sei **se os homens são de Itabira**.

As orações subordinadas substantivas podem ser subjetivas, objetivas diretas, objetivas indiretas, completivas nominais, predicativas e apositivas.

[...]

#### **PARTICULARIDADES**

5. Há orações substantivas que exercem a função de agente da passiva. A **NGB**, no entanto, não classifica esse tipo de oração.

O quarto foi arrumado **por quem lá residia**.  
Foi vaiado **por quantos estavam na platéia**.

#### 5.4.2 Luiz Sacconi

Gramático, lexicógrafo, o professor Luiz Antonio Sacconi (1990) apresenta a classificação das orações agente da passiva no estudo das orações justapostas, que reproduzimos a seguir:

##### **Orações justapostas**

**Orações justapostas** são orações coordenadas ou subordinadas que aparecem sem conectivo. Não se confundem com as reduzidas, porque estas sempre trazem o verbo numa das formas nominais.

[...]

Exemplos de orações justapostas subordinadas:

[...]

Seremos julgados **por quem nos criou**. (substantiva de agente da passiva)

[...]

*Observações:*

[...]

5) A Nomenclatura Gramatical Brasileira (NGB) não reconhece as orações substantivas de agente da passiva. Mas, como se viu, elas existem.

#### 5.4.3 Nicola & Ulisses

Em *Gramática Contemporânea da Língua portuguesa* (1992), os professores José de Nicola e Ulisses Infante apresentam, no capítulo 6 destinado à análise do período composto, as classificações das orações subordinadas de acordo com a *NGB*. Assim, as orações subordinadas substantivas são classificadas tradicionalmente, como mostrado a seguir:

## CAPÍTULO 6

### PERÍODO COMPOSTO POR SUBORDINAÇÃO (I)

#### ORAÇÕES SUBORDINADAS SUBSTANTIVAS

[...]

#### 2. Classificação das orações subordinadas substantivas

As orações subordinadas substantivas exercem **funções substantivas** no interior da oração principal de que fazem parte. A NGB reconhece seis funções substantivas que podem ser desempenhadas por orações subordinadas: **sujeito**, **objeto direto**, **objeto indireto**, **complemento nominal**, **predicativo do sujeito** e **aposto** – daí as orações subordinadas substantivas serem classificadas, respectivamente, em **subjativas**, **objetivas diretas**, **objetivas indiretas**, **completivas nominais**, **predicativas** e **apositivas**.

Após desenvolver o estudo de cada tipo de oração substantiva, os professores abrem parênteses para tecer observações que julgam importantes. Vejamos:

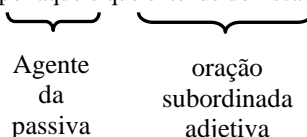
**Importante:** Há um tipo de oração cuja classificação tem dividido os gramáticos. [...] Vamos raciocinar um pouco sobre o seguinte exemplo:

Esta obra foi produzida **por quem entende do riscado**.  
É difícil indicar a função exercida pela oração destacada? Observe a locução verbal de valor passivo **foi produzida**, o sujeito paciente **esta obra**... Percebeu?! Sim, é isso!... Temos uma oração subordinada substantiva com função de **agente da passiva**. Fazendo a substituição:

Esta obra foi produzida **por Portinari**.

A NGB, no entanto, não reconhece a oração subordinada substantiva agente da passiva. Ora, como classificá-la, segundo a NGB? Teríamos de adotar então o desdobramento do pronome relativo **quem**.<sup>18</sup>

Esta obra foi produzida por aquele que entende do riscado.

	
Agente da passiva	oração subordinada adjetiva

#### 5.4.4 Cegalla

O professor Domingos Paschoal Cegalla – gramático, dicionarista, tradutor e poeta – também faz referência às orações agente da passiva em *Novíssima Gramática* (2005) no estudo das orações subordinadas substantivas, cujo excerto segue abaixo:

<sup>18</sup> A NGB não recomenda esse desdobramento, nem inclui a oração subordinada **agente da passiva** no rol das subordinadas adjetivas. A NGB simplesmente não classifica essa oração, não reconhece essa oração.

#### ORAÇÕES SUBORDINADAS SUBSTANTIVAS

As *orações subordinadas substantivas* são designadas de acordo com a sua função no período.

Compreendem sete espécies:

[...]

▪ orações com função de **agente da passiva**:

O quadro foi comprado **por quem o fez**. [= pelo seu autor]

A obra foi apreciada **por quantos a viram**.

**Observação:**

✓ A NGB não faz referência a esse tipo de oração substantiva.

#### 5.4.5 Hildebrando & Douglas Tufano

Fechando o grupo de gramáticas pedagógicas, foram consultados mais dois autores, a saber: Hildebrando A. de André, em *Gramática ilustrada* (1990), e Douglas Tufano em *Estudos de língua portuguesa – GRAMÁTICA* (1990). Não foi encontrada, nesses autores, nenhuma referência às orações agente da passiva, ou melhor, pode-se dizer que essas gramáticas estão em perfeita consonância com a *NGB*. Classificam, portanto, as orações subordinadas exatamente como preceitua a nomenclatura gramatical.

#### 5.5 Das Gramáticas Linguísticas

Pesquisamos, ainda, um grupo de gramáticas, que denominamos “gramáticas linguísticas”, para o qual escolhemos os seguintes autores:

- Maria Helena de Moura Neves: *Gramática de usos do português* (2000);
- Maria Helena Mira Mateus: *Gramática da língua portuguesa* (2003);
- José Carlos de Azeredo: *Gramática Houaiss da língua portuguesa* (2008);
- Ataliba T. de Castilho: *Nova gramática do português brasileiro* (2010);
- Mário A. Perini: *Gramática do português brasileiro* (2010)

Não encontramos, nessas gramáticas, qualquer menção às orações subordinadas agente da passiva. Talvez por ser esse tópico um detalhe irrelevante em face do rico e farto conteúdo abordado pelos seus autores em que a proposta é reduzir ao essencial a formalização.

Entretanto, na *Gramática Houaiss da língua portuguesa*, o professor José Carlos de Azeredo, ainda que não mencione especificamente as orações agente da passiva, deixa-nos claro como classifica as orações introduzidas pelo pronome indefinido *quem*, ao abordar as orações subordinadas substantivas completivas nominais. Vejamos o que diz Azeredo:

[...]

#### 14.11 ORAÇÕES SUBSTANTIVAS

Chamam-se orações substantivas os sintagmas nominais resultantes de transposição de uma oração.

[...]

##### 14.11.6 Orações completivas nominais

Uma oração substantiva pode servir de complemento a certos substantivos abstratos, adjetivos e advérbios, aos quais se une por meio de uma preposição opcional. Trata-se das orações substantivas completivas nominais:

- Temos certeza (de) **que** eles voltarão logo.
- Estou desconfiado (de) **que** os ingressos já terminaram.
- A esperança (de) **que** eles estejam vivos me consola.

[...]

**Obs.:** Creio que devem ser incluídas entre as completivas nominais as orações introduzidas pelo pronome indefinido *quem* que complementam um participio na voz passiva:

- “Não existia nenhum retrato de Tiradentes feito por **quem** o tivesse conhecido pessoalmente.” [CARVALHO, 2003: 65]

No que diz respeito às chamadas orações agente da passiva, ainda que a dúvida recaia apenas na classificação entre substantivas, adjetivas e adverbiais, o professor Azeredo indica-nos um novo caminho, quando propõe a inclusão dessas orações no rol das orações subordinadas substantivas completivas nominais.

## 5.6 Dos Sintaticistas

O último grupo de autores, o que chamamos de *sintaticistas*, não poderia deixar de figurar em uma pesquisa sobre sintaxe. Dedicados ao estudo específico da sintaxe, os seguintes autores foram escolhidos como representantes desse grupo: Gladstone Chaves de Melo, Walmírio Macedo, Adriano da Gama Kury, Evanildo Bechara, José Carlos de Azeredo e Cláudio Cezar Henriques, cujos estudos transcreveremos abaixo.



### 5.6.1 Gladstone Chaves de Melo

Gladstone Chaves de Melo, em seu *Novo Manual de análise sintática* (1971) faz questão de chamar atenção de que o manual foi ajustado à *NGB*. Assim, não faz alusão às orações agente da passiva. Mas, mesmo estando de acordo com a *NGB*, o autor inclui no texto um estudo sobre a *Correlação*, um processo sintático também não reconhecido pela *NGB*.

Diz-nos Gladstone no prefácio da 3ª edição:

Esgotada já há algum tempo a segunda edição, quiseram os editores, atendendo a pedidos multiplicados, lançar de novo o Manual.

Fizemos-lhe algumas modificações, com vistas a torná-lo mais útil ao público a que se destina. Retocamos a redação em vários pontos, substituímos diversos exemplos considerados difíceis pelos colegas que nos fizeram chegar suas críticas amigáveis, acrescentamos exemplos, incorporamos no texto o apêndice sobre a “*Correlação Alternativa*”, e ajustamos o livro à *Nomenclatura Gramatical Brasileira*, agora geralmente aceita. Com isso, estamos certos de ter melhorado o teor didático do trabalho.

Assim, acreditamos que o Manual esteja mais adequado ao seu escopo, que é servir aos professores e estudantes do Brasil, porfiados em cultivar as letras apesar do pragmatismo reinante e avassalador.

Renovamos os agradecimentos pela boa acolhida, e reafirmamos que continuaremos a receber como prezado favor as críticas e sugestões dos entendidos.

Rio, na festa de São Martinho, 11 de novembro de 1966.

G. C. M.

Entretanto, ao analisarmos a classificação das orações subordinadas substantivas, não encontramos menção às orações subordinadas substantivas predicativas e apositivas, ambas registradas na *NGB*. Reproduzimos os trechos a seguir:

[...]

O sujeito, o complemento verbal, o complemento nominal, o adjunto adnominal ou o adverbial podem ser expressos também por uma oração – uma oração gramatical, quer dizer oração formal, que na realidade é parte da outra, não possui autonomia. Aí temos a figura da oração subordinada.

[...]

As orações subordinadas, quanto à sua natureza, classificam-se em substantivas, adjetivas e adverbiais.

Oração subordinada substantiva é a que exerce uma função sintática integrante, normalmente desempenhada por substantivo: sujeito, complemento verbal, complemento nominal. É introduzida pelo conectivo chamado conjunção subordinativa integrante. Vejamos alguns exemplos:

a) Subjetiva

“Será necessário *que vos vades para o deserto, além dos mares congelados.*”  
(BERNARDES, *Nova Floresta*, V, 1728, pág.218);

b) Objetiva-direta:

“Também Pojuçã anunciara que... *jamais empunharia outro arco-chefe menos glorioso do que o do grande Tocantim.*” (ALENCAR, *Ubirajara*, B. L. Garnier, Rio, 1874, pág. 146)

c) Completiva do verbo:

“David se compungia *de que os seus pecados passassem acima da sua cabeça.*” (MACHADO DE ASSIS, *A Mão e a Luva*, Rio, 1907, pág. 32)

d) Completiva-nominal:

“Estevão ainda ficou algum tempo encostado à cerca, na esperança *de que ela olhasse.*”

Então, como mostrado acima, a classificação apresentada no Manual obedece parcialmente à uniformização proposta pela *NGB*, além de incluir o processo de Correlação em que estuda as orações *consecutivas, comparativas, proporcionais e alternativas*.

### 5.6.2 Walmírio Macedo

Em *Análise Sintática em nova dimensão – análise sintática estrutural* (1976), Walmírio Macedo apresenta-nos o seguinte estudo sobre as orações substantivas:

#### 28. ORAÇÃO SUBORDINADA SUBSTANTIVA

Há um artifício muito simples e de fácil aplicação para o reconhecimento de uma oração substantiva.

Substituímos a oração subordinada pelo pronome “isto”. Se for viável a substituição, a oração é substantiva.

Ex.: Quero que venhas.  
 Posso dizer: Quero isto.  
 Que venhas é substantiva

Uma vez substituída a oração por *isto* e atestada essa viabilidade, procuro identificar a função sintática do pronome isto.

Em “quero isto” *isto* é objeto direto. Logo a oração será substantiva objetiva direta.

#### 29. DUAS ENTIDADES IGUAIS A UMA TERCEIRA SÃO IGUAIS ENTRE SI

A oração substantiva equivale a um substantivo, tem valor de um substantivo, exerce função própria de um substantivo.

O pronome substantivo é aquele que equivale a um substantivo.

Daí se pode concluir que oração substantiva e pronome substantivo, equivalendo a um substantivo, se equivalem entre si.

Por isso é que, no item anterior, dissemos que a oração subordinada que puder ser substituída pelo pronome substantivo *isto* é, sem dúvida, substantiva.

Achamos oportuno consignar aqui esse estudo de Walmírio Macedo. O professor prossegue, agora, com a classificação das orações substantivas, como a seguir:

### 35. ORAÇÃO SUBSTANTIVA AGENTE DA PASSIVA

Tomemos o período: “Ele foi iludido por quem era seu amigo”.

Oração principal: ele foi iludido.

“por quem era seu amigo” – oração substantiva agente da passiva.

Há quem prefira incluir a oração “agente da passiva” no grupo das adverbiais. Não concordamos. Para nós, o agente da passiva corresponde a um sujeito da ativa. Ora, se a oração que funciona como sujeito da ativa, é considerada substantiva, porque é que não seria também a de “agente da passiva”?

Observe o período:

Pedro foi educado

por seu pai  
por um amigo  
por quem mais amava.

Passe-se para a ativa:

“quem mais (o) amava educou Pedro”.

A oração “quem mais (o) amava” é aqui sujeito de “educou”. É, pois, uma oração substantiva subjetiva.

No período de verbo na voz passiva, “por quem mais amava” é agente da passiva. Parece óbvio que é oração substantiva agente da passiva tanto quanto, na ativa, a subjetiva é um tipo de substantiva.

Diante dessa opção para a oração agente da passiva: adverbial/substantiva, ficamos com a classificação de substantiva pela razão ou razões expostas.<sup>19</sup>

### 5.6.3 Adriano da Gama Kury

Adriano da Gama Kury iniciou-se no campo filológico com sua *Pequena gramática para explicação da nova NGB* (1964), que, ao ser lançada, alcança logo oito edições. Já nessa obra, Kury logo se refere às orações agente da passiva. Transcreve-se a seguir o exemplo dado pelo Mestre:

**185.** *Orações subordinadas substantivas.*

[...]

\*G) – *Com função de agente da passiva* (sempre sem conjunção, \*justapostas): “Este trabalho foi feito [por quem entende do riscado]”.

Obs. – Na NGB não figura classificação para esta oração.

<sup>19</sup> O professor Walmírio Macedo não faz nenhuma observação sobre a não inclusão dessas orações na NGB.

Mas não é só nessa *Pequena gramática* que Gama Kury deixa claro seu ponto de vista. Também na primeira edição de *Lições de análise sintática* (1961), ele reafirma tal posição, e ainda esclarece mais alguns conceitos.

Chega-se, então, à edição de *Novas lições de análise sintática* (2001), que reproduz o texto original. Essa abordagem sobre as orações agente da passiva pode-se ver no excerto abaixo:

#### CLASSIFICAÇÃO DAS ORAÇÕES SUBORDINADAS SUBSTANTIVAS

**108.** As orações subordinadas substantivas, segundo a função que desempenham no período, recebem a seguinte classificação:

[...]

7) **COM FUNÇÃO DE AGENTE DA PASSIVA.** Estas orações são sempre justapostas, sem conjunção, introduzidas por pronome indefinido regido de *por* ou *de*. Não as consigna a *NGB*. Ex.:

“Êste trabalho foi feito [por quem entende do riscado]”; “É estimado [de quantos o conhecem].”

Percebe-se, desde a primeira publicação do autor a respeito do assunto, sua posição divergente da *NGB*.

#### 5.6.4 Evanildo Bechara

Em suas *Lições de português para análise sintática* (2000), Bechara mantém a mesma objetividade vista anteriormente em 6.3.3. Em sua explanação, o professor utiliza-se de exemplo bastante semelhante ao da edição de 1961 de sua *Moderna gramática*. Vamos ao fragmento:

#### LIÇÃO XI

##### 1 – Período composto

[...]

##### 24 – Orações subordinadas adverbiais justapostas

Os seguintes tipos de oração subordinada adverbial não se ligam à sua principal por meio de conectivo, sendo, por isso, justaposta:

a) *agente da passiva*: Fomos enganados *por quem não esperávamos*.

### 5.6.5 José Carlos de Azeredo

Em sua *Iniciação à sintaxe do português* (2001), o professor José Carlos de Azeredo faz um estudo diferenciado e minucioso da sintaxe portuguesa. Aborda aspectos sintáticos, semânticos, textuais e discursivos. Ao fazer um amplo estudo das estruturas sintagmáticas do português – os sintagmas nominais, verbais, adjetivos e adverbiais –, analisa, concomitantemente, as estruturas sintáticas de que esses sintagmas fazem parte, como as orações subordinadas substantivas, adjetivas e adverbiais, respectivamente.

Ainda assim, não encontramos, nesse detalhado estudo, a análise da oração agente da passiva.

### 5.6.6 Claudio Cezar Henriques

O professor Claudio Cezar Henriques em *Sintaxe: estudos descritivos da frase para o texto* (2008) elabora um estudo também pormenorizado da sintaxe, com o foco no texto, na construção dos sentidos, em que alia à sintaxe a semântica e a estilística em uma parceria conveniente e necessária. Não poderia deixar de assinalar a existência das orações agente da passiva, quando analisa o período composto. Vamos ao que diz o professor Claudio Cezar:

#### 2.3 ORAÇÕES SUBORDINADAS

Principal ↔ Subordinada

##### 2.3.1. SUBSTANTIVAS

Desempenham uma função sintática de natureza substantiva em relação à principal. Por isso, observemos a equivalência a seguir:

Principal ← = (prep. +) ISTO  
 ↓  
 Subordinada SUBSTANTIVA  
 (a função sintática desse termo é a mesma da oração)

Exemplos:

- É necessário [**que estudes**] = É necessário [isto].

↓ ↓  
 (a oração é SUBJETIVA porque “isto” é SUJEITO)

O professor continua sua exemplificação, apresentando os vários tipos da oração subordinada substantiva. Após, tece algumas observações em que comenta a oração agente da passiva. Vejamos:

**OBSERVAÇÕES:**

g) Há um tipo de oração substantiva que não pode ser construído com conjunção integrante, sendo introduzido sempre pela locução POR + QUEM, QUANTOS...

**Exemplo:**

(16) Eles só serão respeitados [por quantos valorizem o bom profissional].



(= **por estes**)

(a oração é AGENTE DA PASSIVA porque “**por estes**” é AGENTE DA PASSIVA)

O professor Claudio Cezar chama a atenção da não inclusão dessas orações na *NGB* e levanta três hipóteses para essa não inserção, cujo texto reproduzimos quando discutimos o porquê de a *NGB* ter omitido tal oração (ver item 6).

Chega-se, aqui, ao fim deste capítulo. Ao revisitarem-se os fundamentos teóricos dos gramáticos – tradicionais, linguísticos, pedagógicos – e dos autores sintaticistas, procurou-se revelar as semelhanças e divergências que aproximam ou afastam, respectivamente, uma teoria da outra.

Encerrada a pesquisa, passa-se à análise do *corpus*, em que se procurou mostrar, em trechos de textos jornalísticos, o funcionamento da oração agente da passiva no universo “vivo” da língua portuguesa, monta-se um quadro sinóptico dos autores estudados e as respectivas classificações da oração agente da passiva e tecem-se as considerações finais, mostrados nos capítulos seguintes.

## 5.7. Do *CORPUS*

Nada melhor para se comprovar o funcionamento e o uso da língua do que tomar como *corpus* trechos de jornais e revistas. Assim, escolhemos trechos publicados na *web* dos jornais, O Globo, Jornal do Brasil (JB), as revistas Veja e CartaCapital. A escolha de textos jornalísticos justifica-se porque “os textos midiáticos constituem importante objeto de pesquisa não só por atingirem milhões de brasileiros, mas também por constituírem um padrão médio de linguagem.”, como afirma André Valente (2007, p.129).

Jornais e revistas abordam os mais variados assuntos – política, economia, “cidade”, “país”, “o mundo”, educação, “ciência & saúde”, esporte, “diversão & TV”, gastronomia, “viagem” – que compõem o nosso cotidiano. São veículos de comunicação de massa, e isso faz com que estejamos próximos desses veículos e criemos, inclusive, identidades com muitos deles. Por isso não poderia ser outro tipo de texto o escolhido para formar o nosso pequeno *corpus*. Vamos aos excertos:

### 5.7.1 O Globo online

01.[...] Pelo menos dois terços dos 1.023 tripulantes do Costa Concordia estava no navio para trabalhar em seus bares, cassinos, lojas, teatros e piscinas. Esses funcionários, de cerca de 40 nacionalidades diferentes, estavam a bordo para entreter e servir os passageiros e superavam de longe o número de marinheiros qualificados para lidar com situações de emergência em alto-mar. Em um cruzeiro onde tudo ocorre como o programado, isso pode até não se tornar um problema, mas aumentou ainda mais o caos **vivido por quem estava a bordo do navio italiano** no último fim de semana. [...]

*In* <http://oglobo.globo.com/mundo/sobrevivente-brasileira-diz-que-equipe-do-navio-era-despreparada-3692285>

02.[...] De acordo com o Ministério da Educação (MEC), o maior número de inscrições veio de São Paulo: mais de 280 mil. Em seguida, vêm Minas Gerais, com 165 mil; Bahia, com 96 mil; Rio de Janeiro, com 95 mil; e Rio Grande do Sul, com 94 mil. Do total de bolsas oferecidas, 98 mil são integrais e 96 mil, parciais, que custeiam 50% da mensalidade. O benefício integral é destinado àqueles com renda familiar per capita mensal de até 1,5 salário mínimo. As bolsas parciais **podem ser pleiteadas por quem tem renda familiar per capita de até três salários mínimos**. [...]

*In* <http://oglobo.globo.com/educacao/prouni-ja-tem-733-mil-inscritos-para-disputar-bolsas-de-estudo-3694198>

03.Os trabalhos — classificados como de design intuitivo e espontâneo — foram divididos em cinco seções. Na “Design do Anônimo”, o público terá acesso a invenções que, de tanto imitadas, perderam a autoria.

— Na Maré, para não carregar água na cabeça, é usado um barril com pneus, chamado rola-rola. Há uma foto de 1961 que mostra o invento, comparado ao de um escritório de design sul africano que ganhou um prêmio com ele mais de 30 anos depois. **A gente tem em mente que design é algo construído por quem se formou, estudou**. Mas ele acontece o tempo todo — conta Ricardo, curador da exposição junto com Rodrigo. [...]

*In* <http://oglobo.globo.com/rio/o-design-sem-limites-da-favela-6759094>

04.BRASÍLIA - Em meio à turbulência financeira, não vista desde a Grande Depressão, no início do século passado, **cargos importantes na economia mundial começam a ser ocupados por quem nasceu nas décadas de 80 e 90**. E esses jovens — da chamada "geração Y" — tendem a ter um pensamento econômico próprio. Não há espaço para a clássica rivalidade entre liberais e desenvolvimentistas. [...]

*In* <http://oglobo.globo.com/economia/no-comando-geracao-se-opoe-yuppies-com-pensamento-proprio-3671102>

05. [...] O ex-presidente Bill Clinton surpreendeu seus médicos com um emagrecimento radical, graças a um cardápio diário rigorosamente livre de derivados de animais. Clinton circula agora acompanhado por dietistas, que controlam suas refeições. O ex-presidente segue também um programa de exercícios feito especialmente para quem faz a dieta. Isto porque, nas academias americanas, a combinação entre dieta vegan e exercícios de musculação **já é a receita mais procurada por quem quer emagrecer e esculpir o corpo.** [...]

*In* <http://oglobo.globo.com/saude/hollywood-se-rende-dieta-vegan-sem-produtos-de-origem-animal-3665959>

## 5.7.2 Jornal do Brasil online

06.[...] Na prática, cargos como de secretário, procurador-geral do estado e de Justiça, defensores públicos, diretores de agências reguladoras e chefes e delegados de polícia **não poderão ser ocupados por quem tenha sido condenado sem que caiba recurso.** A PEC foi apresentada pelos deputados Comte Bittencourt (PPS), Luiz Paulo (PSDB) e Robson Leite (PT). “Esta é uma emenda constitucional do Parlamento, a unanimidade mostra isso”, comemorou Luiz Paulo. [...]

*In* <http://www.jb.com.br/rio/noticias/2011/11/22/lei-ficha-limpa-e-aprovada-por-unanimidade-na-alerj-e-na-camara>

07.[...] As primeiras posições do "grid" **também eram ocupadas por quem veio de longe.** O estudante Thiago Muniz, 18 anos, veio de ônibus de Varginha, no Sul de Minas Gerais. Para chegar até o Playcenter, pediu informações a quase todos que encontrou no caminho desde a rodoviária. [...]

*In* <http://www.jb.com.br/cultura/noticias/2011/11/05/fas-de-strokes-chegam-na-noite-de-sexta-ao-planeta-terra>

08.[...] Para que assegure seu valor real, **ela deve ser emitida por quem tenha a legitimidade política para fazê-lo:** os eventuais governantes do Estado, como detentores da vontade nacional. Sem voto, nos estados democráticos como se identifica o nosso, não há poder legítimo. [...]

*In* <http://www.jb.com.br/coisas-da-politica/noticias/2011/09/02/os-juros-e-o-banco-central>

09. [...] Moda de princesa – O casamento do príncipe William com a plebeia Kate Middleton desencadeou uma busca pelos fascinators, espécie de adereço de cabeça com base de arco, pente ou um simples grampinho. Denis Linhares, que há 11 anos se dedica a lançar coleções de chapéus, atesta que, logo após o casório britânico, já recebia pedidos de headbands e fascinators. “Virou moda usar algo na cabeça. O fascinator é leve e jovem. **Os modelos extravagantes são procurados por quem vai aos Bals de Tête que se realizam aqui na Casa Julieta de Serpa**”, contou Denis, nos intervalos de atendimento a clientes que experimentavam os modelos em frente aos espelhos da loja na Rua Siqueira Campos. [...]

*In* <http://www.jb.com.br/estilo-iesa/noticias/2011/07/24/cabecas-decoradas>

10.[...] Segundo especialistas, alguns dos principais entraves para facilitar a adoção no país são o tempo de permanência em abrigos e o descompasso **entre o perfil de criança almejado por quem quer adotar e a realidade dos jovens em abrigos.** [...]

*In* <http://www.jb.com.br/pais/noticias/2011/07/14/senadores-apresentam-proposta-ao-supremo-para-agilizar-adocoes>



### 5.7.3 Revista Veja online

11.[...] O prazo de 180 dias para os órgãos se prepararem já venceu e só o Executivo está adiantado (mas não pronto). Cabe agora ao Ministério Público cobrar a implementação das mudanças em estados e municípios. Algumas das mais importantes são: [...]

- Qualquer pessoa terá acesso a todo tipo de documentação, sua e dos outros, desde que não infrinja a segurança nacional, o segredo de justiça e a privacidade. **Detentores de passaporte diplomático, por exemplo, serão conhecidos por quem quiser se informar.**

*In* <http://veja.abril.com.br/noticia/brasil/de-contas-bem-abertas>

12.Pelos corredores

**Os acessórios usados por quem passou pelo Fashion Business.**

Gilberto Júnior

Durante a temporada de desfiles, além da moda desfilada nas passarelas, a moda dos convidados do evento também chama a atenção. Confira na galeria de fotos os acessórios que as modelos e algumas convidadas usaram nos primeiros dias de Fashion Business. [...]

*In* <http://veja.abril.com.br/moda/fashion-business/noticia/2011/pelos-corredores-os-acessorios-do-fashion-business.shtml>

13.O DEM acabou. E é bom o PSDB se cuidar.

“É preferível ser o primeiro numa vila a ser segundo em Roma”.

Pois é... **A frase costuma ser mais elegantemente pronunciada por quem dispõe dos meios de... ser o primeiro em Roma!** Afinal, ninguém cuja ambição fosse ser o primeiro numa vila teria conseguido tornar o lema famoso. [...]

*In* <http://veja.abril.com.br/blog/reinaldo/geral/o-dem-acabou-e-e-bom-o-psdb-se-cuidar>

14.Direto ao Ponto

Celso Arnaldo, a candidata e o PNAD: **o analfabetismo visto por quem é do ramo.**

A candidata à Presidência inventada por Lula não teria nenhuma chance de êxito se fosse candidata a uma vaga no Enem, comprova o texto de Celso Arnaldo sobre o palavrório de Dilma Rousseff nesta quarta-feira. [...]

*In* <http://veja.abril.com.br/blog/augusto-nunes/direto-ao-ponto/celso-arnaldo-a-candidata-e-o-pnad-o-analfabetismo-visto-por-quem-e-do-ramo>

15.Uso da máquina pública em campanha é abuso, segundo especialistas.

Adriana Caitano e Luciana Marques

Em uma campanha em que um dos **candidatos tenta a reeleição ou é apoiado por quem está no poder**, é difícil saber até que ponto atua o governo e começa a militância. [...]

*In* <http://veja.abril.com.br/noticia/brasil/uso-da-maquina-publica-em-campanha-e-abuso-segundo-especialistas>

### 5.7.4 Revista CartaCapital online

16.Sociedade

[...] Horas depois, foi anunciado o afastamento do meliante (ops, policial), junto com um comparsa (ops, colega). Mas a questão está em aberto. Só mudou de patamar. Vale insistir: A PM paulista sabe lidar com seres humanos?

Parte das respostas pode estar incrustada sob o velho argumento de que foi só um caso isolado.

Não foi. A agressão ao estudante da USP, **assim como as agressões diárias sofridas por quem não tem sequer carteira de estudante para se defender de bordoadas**, é a crônica de uma guerra anunciada. A fórmula? Basta colocar policiais armados querendo mostrar serviço numa área pacificada. [...]

*In* <http://www.cartacapital.com.br/sociedade/a-pm-paulista-sabe-lidar-com-seres-humanos>

## 17. Política

Só mesmo no Brazil-zil-zil.

[...] A primeira é tradição desse pseudojornalismo arcaico: não se repercutem informações publicadas pela concorrência mesmo que se trate do assassinio do arquiduque, príncipe herdeiro. Tanto mais quando saem nas **páginas impressas por quem não fala a língua dos vetustos donos do poder e até ousa remar contracorrente**. A segunda razão é o próprio José Serra e o tucanato em peso. [...]

*In* <http://www.cartacapital.com.br/politica/so-mesmo-no-brazil-zil-zil>

## 18. Sociedade

[...] Imediatamente me lembro da CPI presidida pelo deputado estadual Marcelo Freixo. O relatório final é uma radiografia completa da máfia da milícia no Estado do Rio. **Merece ser lida por quem estuda o assunto (LEIA AQUI)**. Vale a pena.

*In* <http://www.cartacapital.com.br/sociedade/o-governo-pode-esvaziar-poder-das-milicias>

## 19. Sociedade

Paixão Platônica pelo poder.

Enquanto descia às gargalhadas a escada para me afastar de tudo aquilo, passei a imaginar: e se **a bela imagem do Redentor fosse administrada por quem está no comando do nosso futebol?** Poderia ser pior. Como? Bem, a primeira coisa que eles fariam, imagino, seria hipotecar a imagem. [...]

*In* <http://www.cartacapital.com.br/sociedade/paixao-platonica-pelo-poder>

## 20. Sociedade

[...] Vale insistir: A PM paulista sabe lidar com seres humanos?

Parte das respostas pode estar incrustada sob o velho argumento de que foi só um caso isolado.

Não foi. A agressão ao estudante da USP, **assim como as agressões diárias sofridas por quem não tem sequer carteira de estudante para se defender de bordoadas**, é a crônica de uma guerra anunciada. A fórmula? Basta colocar policiais armados querendo mostrar serviço numa área pacificada. [...]

*In* <http://www.cartacapital.com.br/sociedade/a-pm-paulista-sabe-lidar-com-seres-humanos>

Selecionamos apenas vinte trechos desses jornais e revistas, cinco de cada um, todavia poderíamos ter selecionado muitos mais, dada a facilidade de se encontrar nos textos o uso das orações agente da passiva. Comprova-se assim que seu emprego é natural, ou mesmo comum. Legitima-se o seu uso e mostra-se o quão ambientadas estão as orações agente da passiva no universo da sintaxe portuguesa.

## 5.8 Considerações finais

Antes de, efetivamente, tecermos as considerações finais, apresentamos um quadro sinóptico com a visão global da classificação das orações agente da passiva. (Quadro 2)

		Orações Subordinadas Agente da Passiva				
Gramáticas	Autores	substantivas	adjetivas	adverbiais	Segue a <i>NGB</i>	não classifica
tradicionais	M. Said Ali					<b>x</b>
	Rocha Lima		<b>x</b>			
	Bechara			<b>x</b>		
	Celso Cunha	<b>x</b>				
linguísticas	M. H. Moura Neves					<b>x</b>
	M. H. Mira Mateus					<b>x</b>
	J. C. Azeredo					<b>x</b> <sup>20</sup>
	Ataliba de Castilho					<b>x</b>
	Mário Perini					<b>x</b>
pedagógicas	Faraco & Moura	<b>x</b>				
	Sacconi	<b>x</b>				
	Nicola & Ulisses	<b>x</b>				
	Cegalla	<b>x</b>				
	Hildebrando				<b>x</b>	
	Douglas Tufano				<b>x</b>	
sintaticistas	Gladstone C. M.				<b>x</b>	
	Walmírio Macedo	<b>x</b>				
	Adriano G. Kury	<b>x</b>				
	Bechara			<b>x</b>		
	J. C. Azeredo					<b>x</b>
	Claudio Cezar H.	<b>x</b>				

Quadro 2 – Classificação das orações agente da passiva - quadro sinóptico. Fonte: do autor

<sup>20</sup> O professor José Carlos de Azeredo propõe a classificação dessas orações como substantivas completivas nominais.

Escolhidos os autores, divididos os grupos, feita a pesquisa, escolhido o *corpus*, podemos tecer algumas considerações.

Percebemos que não há consonância entre os gramáticos tradicionais. Dos quatro autores estudados, Said Ali não deixa explícito seu pensamento sobre a classificação da oração agente da passiva. Dos outros três, cada autor adota uma classificação diferente: Rocha Lima – adjetiva; Bechara – adverbial e Celso Cunha – substantiva.

Dos autores pesquisados, apenas Rocha Lima considera a oração agente da passiva oração subordinada adjetiva. Para isso, adota o desdobramento do pronome *quem* em *aquela que*. Esse desdobramento é comentado e criticado pela maioria dos autores.

Do mesmo modo, Bechara é o único que a classifica como adverbial, levado, talvez, pelo estudo diacrônico da estrutura (construção latina com *per* + *ablativo*, por exemplo), conforme pressupõe o professor Claudio Cezar Henriques.

Os autores, Hildebrando A. de André, Douglas Tufano e Gladstone Chaves de Melo, seguem a classificação adotada pela *NGB*. Isso quer dizer que não citam, em suas obras, as orações agente da passiva, mas deixam claro que seguem estritamente o que recomenda a *NGB*, portanto classificam as orações coordenadas e subordinadas exatamente como classificadas na Nomenclatura Gramatical Brasileira. Gladstone segue parcialmente essa classificação ao omitir as orações subordinadas substantivas predicativas e apositivas.

Dos gramáticos ditos pedagógicos, Faraco & Moura, Sacconi, Nicola & Ulisses e Cegalla classificam as orações agente da passiva como orações substantivas. Adotam, portanto, a mesma linha de raciocínio. Como dissemos acima, Hildebrando e Douglas Tufano, os dois últimos representantes desse grupo, seguem à *NGB*.

Há um maior consenso entre os gramáticos pedagógicos. Pelo fato dessas gramáticas serem voltadas para o ensino da língua, para o trabalho em sala de aula, é de se esperar que haja mesmo uma afinidade de opiniões entre os autores.

Dos autores sintaticistas, Walmírio Macedo, Adriano da Gama Kury e Claudio Cezar Henriques classificam a oração agente da passiva como subordinada substantiva. Bechara, claro, mantém a classificação de adverbial e Azeredo não faz menção a essa oração.

Por fim, os autores do grupo que denominamos de gramáticas linguísticas não registram em suas obras a oração agente da passiva. Talvez pelo tipo de abordagem – que tem como objetivo um estudo mais rico e amplo do idioma, em que o estudo da sintaxe privilegia a descrição das propriedades das construções das estruturas sintáticas de frases simples e

complexas reduzindo-se ao essencial a formalização e a dependência teórica – esse nível de detalhamento seja secundário.

O professor Azeredo propõe uma nova classificação das orações “agente da passiva” em orações subordinadas substantivas completivas nominais.

Percebe-se, nos autores, o reconhecimento da oração agente da passiva e prevalece a classificação de oração subordinada substantiva.

Mais importante do que classificar, do que dar um nome às orações, é reconhecer que elas existem, que têm uso dentro do idioma. Depois é conhecer o funcionamento das orações, ou a maneira como elas funcionam no corpo da língua. A nomenclatura é importante, sim, por questões didáticas, facilita a abordagem e a aprendizagem do assunto em sala de aula, mas não é fundamental. Conhecer as estruturas da língua e seus funcionamentos é o que há de maior valor.

Substantivas, adjetivas, adverbiais, todas as classificações são possíveis e justificáveis para essa oração. Isso se dá porque nosso idioma é rico, generoso, flexível, plástico. Desde que se tenha um argumento válido, lógico, possível e que atenda aos princípios que fundamentam a gramática portuguesa, a nomenclatura é secundária e decorrente disso.

Mostrou-se, por meio do pequeno *corpus* selecionado, o pleno e perfeito funcionamento das orações subordinadas agente da passiva no corpo da língua portuguesa. E não foi difícil encontrarmos trechos com seu uso. O difícil foi escolher os que melhor representariam o uso das orações agente da passiva. Isso nos mostra que não é incomum o uso dessas orações, ou melhor, o quanto é normal e comum esse uso. Mostram também que as orações agente da passiva encontram, naturalmente, seu “*habitat*” na sintaxe portuguesa.

As teses foram afirmadas, os argumentos apresentados. Cabe agora ao estudioso analisá-los e formar o próprio convencimento.

## 6 AS ORAÇÕES SUBORDINADAS ADVERBIAIS

As orações adverbiais são aquelas que têm valor de advérbio. Exercem, portanto, a função sintática de adjunto adverbial do verbo da oração principal (oração regente).

Constituem verdadeiros sintagmas circunstanciais. Quando desenvolvidas, vêm introduzidas pelas conjunções subordinativas. Essas conjunções estabelecem uma relação semântica entre a oração subordinada e a oração principal.

Sendo o advérbio a palavra que se refere ao verbo acrescentando-lhe uma determinada circunstância ou intensificando a idéia expressa pelo verbo, por um adjetivo ou por um advérbio, as orações adverbiais, por ocuparem, no período, o mesmo lugar do advérbio, exprimem, semanticamente, as mesmas circunstâncias ou as diversas modalidades relativas ao conteúdo da oração principal, ao fato expresso na oração principal. Mas há uma grande diferença entre o rol de adjuntos adverbiais apontado nas gramáticas e a lista de orações adverbiais registradas na *NGB*.

Enquanto a classificação de advérbios pode ser, praticamente, considerada aberta, visto que a identificação do advérbio depende do entendimento de seu significado em relação ao outro vocábulo, e, por isso, pode assumir uma vasta gama de significados, a *NGB* classifica, simplificada, as orações adverbiais em apenas nove subclasses, a saber: *Causal, Comparativa, Concessiva, Condicional, Conformativa, Consecutiva, Final, Proporcional, Temporal*.

Por sua vez, boa parte das gramáticas e dos livros didáticos, repetem essa lista de orações, citam exemplos e formulam exercícios para o reconhecimento delas.

Torna-se, evidentemente, notório que a classificação feita pela *NGB* não contempla o vasto número de relações semânticas estabelecidas por esse tipo de oração. Basta que se observe a dissonância, já mencionada, entre o rol de adjuntos adverbiais e o de orações adverbiais. Como exemplo, podemos descrever um pequeno “*corpus*” de orações adverbiais não contempladas pela *NGB* estabelecendo entre elas uma classificação semântica:

*O inimigo vai atacar com os armamentos que tiver (instrumento).*

*Viviam de pedir esmolas (meio).*

*Só devemos sair com quem conhecemos (companhia).*

*Vendo-lhe este computador por quanto me custou (preço).*

*Além de cuidar da casa, ainda trabalha fora (acréscimo).*

*Construiu um galpão com quanta madeira havia (matéria).*

*Não há iluminação pública onde eu moro (locativa).*

*Ele concordou comigo sem dizer uma palavra (modal).*

*Ele chegou cantando (modal).*

Esse tipo de análise só é possível se pensarmos em paralelismo. Se um termo, dentro de uma oração, exerce uma determinada função sintática, qualquer termo que venha substituí-lo exercerá idêntica função dentro da mesma estrutura.

Compare-se:

Moro em Icaraí.

Sujeito: Simples = Eu (desinencial).

Predicado: Verbal = Moro em Icaraí.

Núcleo do predicado: Moro (verbo intransitivo).

Adjunto Adverbial de lugar: em Icaraí.

Ao substituir o adjunto adverbial por um outro termo, teremos:

“Moro *onde não mora ninguém*”.

Agora, o adjunto adverbial está expresso em forma de oração e, naturalmente, deve receber a mesma classificação semântica do advérbio anterior, ou seja, advérbio de lugar.

Portanto a oração deve ser classificada como oração subordinada adverbial de lugar, ou oração subordinada adverbial locativa.

Assim, essas orações existem, fazem parte do corpo da língua, suas construções são comuns, e permanecem vivas na gramática de uso dos falantes da língua, ainda que em algumas gramáticas e em muitos livros didáticos não sejam reconhecidas.

Este capítulo destina-se, pois, ao estudo dessas orações adverbiais, que não encontram registro na Nomenclatura Gramatical Brasileira.

## 6.1 As Orações Adverbiais Modais

As orações adverbiais modais são as que equivalem a um adjunto adverbial de modo. Expressam, portanto, a maneira, o modo pelo qual se realiza o fato verbal na oração principal. A *NGB*, injustificadamente, não reconhece a classificação de modal para essas orações.

Muito se tem comentado a respeito dessas orações adverbiais. Antes da *NGB* era comum, ao se abrir uma gramática de língua portuguesa, ou um livro de sintaxe, encontrar, no rol de classificação das subordinadas adverbiais, a oração modal.

Autores notáveis como Laudelino Freire, Silveira Bueno, Carlos Góis, entre outros faziam alusão a essas orações. Mesmo assim as opiniões divergem quando o assunto é oração modal. Alguns autores só as reconhecem na forma reduzida, outros as reconhecem tanto na forma reduzida quanto na forma desenvolvida.

Segue, então, a posição destes autores antes da vigência da *NGB*.

Laudelino Freire (1937) classifica as orações subordinadas em integrantes, incidentes e circunstanciais.

Circunstanciais são, para o Mestre, as orações que exprimem uma circunstância qualquer do fato anunciado na oração principal. A oração circunstancial pode ser: *condicional, temporal, final, causal, concessiva, comparativa, proporcional, modal* ou *correlativa*, segundo a natureza da conjunção que a caracteriza.

Modal é a que exprime circunstância de *modo* do fato enunciado, e vem ligada à principal pela loc. *de modo que*, ou outra conj. ou loc. conjuntiva da mesma espécie; ex.: O orador falou *de modo que* (*de maneira que, por forma que*, etc.) agradeceu a todos.

Interessante notar como eram classificadas as orações subordinadas antes da *NGB* e como a nomenclatura adotada para cada uma delas era de acordo com o entendimento do próprio autor, o que tornava essa classificação, muitas vezes, particular e desuniforme, conforme se pode constatar na classificação do professor Laudelino.

Outro autor, Francisco da Silveira Bueno (1944) páginas 489 a 491 – § 555 a 561 – ao classificar as orações subordinadas, o faz sob dois aspectos: primeiro sob o aspecto do conectivo; depois, sob o aspecto da função lógica que exercem no período. Quanto ao primeiro, classifica as orações em subordinadas conjuncionais, relativas ou justapostas. Já nessa classificação faz alusão às modais como segue:



Orações subordinadas conjuncionais – segundo for a conjunção que a reja, assim será a oração subordinada, portanto: temporal (Eras pequeno quando te conheci); condicional (Teria muitos livros se não custassem tão caro); causal (Foi reprovado porque não estudou); final (Estuda para que sejas aprovado); modal (Assim como os outros são aprovados, sê-lo-ei também); concessiva (Hei de ser alguma cousa embora tenha de estudar muito); consecutiva (Engordou tanto que parece uma bola); integrante (Sonhei que era interventor).

No parágrafo 561, define as subordinadas adverbiais como sendo as orações que correspondem às circunstâncias e acrescenta que “são tantas quanto às espécies de advérbio.” Por isso, remete o estudo aos parágrafos que tratam não só da classe adverbial como também das conjunções subordinativas.

Em 168-A, o autor apresenta um rol dessas conjunções no qual se podem destacar, em 5, as conjunções subordinativas modais *como*, *assim como*, *bem como*, *como que*, *segundo*, *conforme*, *consoante* etc. Em seguida Silveira Bueno mostra alguns exemplos:

“Era maior a força em demasia, segundo para trás nos obrigava.”

(Camões – V – 67);

“E se quisesse Deus que este tão ilustre e tão numeroso auditório saísse hoje tão desenganado da pregação como vem enganado com o pregador.”

(Vieira – I – 1);

“Era conforme relatou o mensageiro, deste modo que ele ria.”

(Herculano, Lendas e narrativas – I – 42).

É relevante notar-se aí, na visão de Silveira Bueno, o caráter modal dessas conjunções que, após a *NGB*, passaram a expressar conformidade, e, por conseguinte, as orações que introduzem foram classificadas como orações subordinadas adverbiais conformativas.

O professor Carlos Góis (1955) na 12ª lição, p. 57, apresenta o quadro de classificação das orações subordinadas, as quais, para ele, têm duas espécies: as conjuncionais e as relativas. As conjuncionais são as que têm por conectivo uma conjunção de 2ª classe e se dividem em substantivas e adverbiais. Já as relativas são aquelas que têm por conectivo um pronome relativo; e essas se classificam apenas como adjetivas. Completa a sua classificação, ao subdividir as substantivas em *subjetivas*, *objetivas* e *completivas terminativas*; as adverbiais em *circunstanciais*; e as adjetivas em *atributivas*. Carlos Góis continua sua explanação, acrescentando que serão adverbiais as orações que equivalem a um advérbio, e essas, circunstanciais, pois funcionam sempre exprimindo uma circunstância: *modais*,  *finais*, *causais*, *condicionais*, *concessivas*, *temporais*, *correlativas*, *proporcionais* etc. Segue o que diz Carlos Góis:

6 – As conjuncionais classificam-se, quanto ao valor, em substantivas e adverbiais. São adverbiais se equivalem a um advérbio.

Equivalem a um advérbio:

- a) se encerram uma “circunstância” de *tempo, modo, causa*, etc.;
- b) se podem ser substituídas por um advérbio ou locução adverbial, ex.: Cheguei, quando a noite decorria = Cheguei de noite;
- c) se exercem a função lógica “de advérbio” (adjunto adverbial).

Carlos Góis não tece maiores comentários sobre cada uma dessas orações nem amplia muito sua explanação, mas pode-se notar a presença das modais na sua classificação, o que era normal, como já dito, na visão dos autores antes do advento da *NGB*.

A seguir, analisar-se-á a posição dos autores selecionados, conforme já indicados nos capítulos anteriores, não só a respeito das orações adverbiais modais, como a de outras que, como as modais, não encontram registro na *NGB*.

## 6.2 Das Gramáticas Tradicionais:

### 6.2.1 Said Ali

Viu-se, anteriormente, que Said Ali (1969) classifica as orações adverbiais em: *hipotéticas e condicionais, concessivas, temporais, finais, consecutivas, comparativas, proporcionais, e causais*.

Curioso é constatar que não aparecem nessa classificação as orações conformativas. Mas se essa edição da *Gramática secundária da língua portuguesa* foi revista de acordo com a *NGB*, por que essa omissão?

No capítulo dedicado ao estudo das preposições e conjunções, Said Ali aborda esse assunto. Para não deixar essa dúvida em branco, cabe-nos reproduzir o estudo.

#### PREPOSIÇÕES

[...]

Preposições denotadoras de conformidade são: *segundo* (do latim *secundum*, que se filia a *sequi*, “seguir”), *conforme* (outrora *conforme a*) e *consoante*, sendo estas duas adaptações de adjetivos à função preposicional.

Locuções de sentido análogo: *em conformidade de* (ou com), *de acordo com*, *em harmonia com*, etc.:

*Segundo* o costume daquele gentio da Índia, os sobrinhos filhos das irmãs são os herdeiros (Barros).

*Conforme* o uso do oriente, todos têm os seus reis (Vieira).

Sacudindo o pó dos sapatos, *conforme* o conselho de Cristo (Vieira).

*Em conformidade* do que V. S.<sup>a</sup> foi servido avisar-me (Vieira).

## CONJUNÇÕES

[...]

A maior parte das conjunções resultaram de adaptações e combinações de palavras de outras categorias.

*Segundo* e *conforme*, que já conhecemos como preposições, podem também fazer o papel de conjunção subordinativa:

*Conforme* cada um tem no coração, assim profetiza (Vieira).

Deu-lhe o que verdadeiramente não devia e fez, *segundo* parece, o que não devera (Vieira).

O qual lugar, *segundo* atrás dissemos, parecia que em outro tempo fôra a mais ilustre povoação daquela costa (Barros).

[...]

Ainda, no estudo das orações comparativas, o autor faz uma observação em relação à partícula *como*, que *segundo* o Mestre, “pode denotar acordo ou conformidade com um fato anterior, sendo nesse caso substituível por *segundo*, *conforme*”. Ex.: “Esta questão, *como* mostramos, é uma das mais difíceis.” / “Farei *como* me ensinaste.” / “As coisas não se passaram exatamente *como* se havia enunciado”.

Esclarecida essa lacuna, retomemos nosso tema base. Vê-se que não há menção alguma às orações modais em Said Ali.

Entretanto, se não se encontram entre as orações adverbiais desenvolvidas as orações modais, Said Ali as reconhece na forma reduzida. Afirma que muitas vezes o gerúndio pode denotar o modo, o meio, a maneira ou o instrumento com o qual se realiza o fato expresso na oração principal e exemplifica:

“A disciplina militar presente não se aprende, Senhor, na fantasia, sonhando, imaginando, ou estudando; senão vendo, tratando e planejando. (Camões);

“Muitos dos naturais de Cohem se passavam do reino as outras partes, fugindo de noite em barcos.” (J. de Barros);

“Escreveu a dissertação empregando tinta encarnada.”

“O ladrão abriu a porta servindo-se de gazua.”

“Os mouros se afastaram do navio remando a toda pressa.”

Não se encontra em Said Ali qualquer referência a outros tipos de orações adverbiais.

### 6.2.2 Rocha Lima

O professor Carlos Henrique da Rocha Lima (1972) apresenta a seguinte classificação para as orações adverbiais: 1) *causais*, 2) *concessivas* (ou de oposição), 3) *condicionais* (e hipotéticas), 4) *conformativas*, 5) *comparativas*, 6) *consecutivas*, 7)  *finais*, 8) *modais*, 9) *proporcionais* e 10) *temporais*.

Mesmo ao classificar as orações adverbiais incluindo na classificação as modais, o Mestre faz uma observação ou uma ressalva em relação a estas orações:

O modo (juntamente com o tempo e o lugar) é o mais fundamental das circunstâncias. Mas em português, assim como não existem conjunções locativas, assim também não existem conjunções modais (...)

Assim, Rocha Lima afirma que, em português, as orações modais não se apresentam na forma desenvolvidas, mas tão somente nas formas reduzidas de infinitivo ou de gerúndio.

[...]

“Assim, a função, por exemplo, de adjunto adverbial de tempo pode expressar-se:

a) Por termo não oracional (advérbio ou locução adverbial):

*Durante o verão*, as cigarras ficam zonzas de alegria;

b) Por oração subordinada de forma desenvolvida:

*Quando chega o verão...*;

c) Por oração subordinada de forma reduzida:

*Ao cegar o verão...* (com o infinitivo);

*Chegando o verão...* (com o gerúndio);

*Chegado o verão...* (com o particípio).

Nem sempre, porém, encontramos tal riqueza de equivalência sintática: [...] o adjunto adverbial de *modo* somente aparece sob a forma de advérbio ou locução adverbial, ou oração reduzida (de infinitivo ou de gerúndio): não reveste a forma de oração desenvolvida.

[...]

Também algumas orações adverbiais (as de modo, meio e exceção) desaceitam a forma desenvolvida, constituindo-se tão-só como reduzidas:

Os estudantes receberam-no / *cantando hinos patrióticos*. (modo)

Vivia / *de guardar alheio gado*. (meio)

Nada fazia / *exceto dormir*. (exceção)

Analisando-se o ponto de vista de Rocha Lima, percebe-se certa concordância com a classificação adotada pela *NGB*. Mas o professor acrescenta que, no plano do período composto por subordinação, a circunstância de modo somente aparece sob a forma de oração reduzida (de gerúndio).

A disciplina militar presente  
 não se aprende, Senhor, na fantasia,  
sonhando, imaginando, ou estudando;  
 senão vendo, tratando e planejando. (Camões)

É notória a consonância total com o pensamento de Manoel Said Ali, ou seja, o de admitir apenas o caráter modal do gerúndio. Rocha Lima, inclusive, faz uso do mesmo exemplo adotado por Said Ali.

Em relação às orações locativas, Rocha Lima, como já mencionado acima, observa que não existem conjunções que caracterizam circunstância de lugar, não havendo, portanto, orações desenvolvidas locativas, nem mesmo na forma reduzida. Nada mais acrescenta em relação a qualquer outro tipo de oração adverbial.

### 6.2.3 Evanildo Bechara

Evanildo Bechara não poderia deixar de registrar, em sua *Moderna gramática portuguesa*, a existência das orações adverbiais modais locativas, etc. Após quase quarenta anos, em sua *Edição revista e ampliada* (1999), o professor não só alarga como aprofunda o estudo apresentado no texto original da edição de 1961. Assim, achou-se conveniente apresentar o conteúdo das duas edições dessa tradicional gramática portuguesa.

Na edição de 1961, Bechara divide as orações adverbiais, quanto à ligação, em justapostas e conectivas, sendo estas introduzidas pelas conjunções subordinativas adverbiais. Já no estudo das conjunções subordinativas, o Mestre inclui a circunstância de modo entre as conjunções adverbiais. Vamos ao fragmento:

**Conjunções subordinativas** – As conjunções subordinativas compreendem dois grupos: as integrantes e as adverbiais.

[...]

As adverbiais iniciam orações que exprimem uma circunstância adverbial de outra oração dita principal e se subdividem em:

1) causais; 2) comparativas; 3) concessivas; 4) condicionais; 5) conformativas;  
 6) consecutivas; 7) finais; 8) modais; 9) proporcionais; 10) temporais.

Em seguida, classifica as orações adverbiais, de acordo com a circunstância que exprimem, em:

a) de agente da passiva (justapostas); b) causais; c) comparativas [assimilativas e quantitativas (de igualdade, de superioridade e de inferioridade)]; d) concessivas (conectivas e justapostas); e) condicionais – e hipotéticas – (conectivas e justapostas); f) conformativas; g) consecutivas; h) finais (conectivas e justapostas); i) locativas (justapostas); j) modais; l) proporcionais; m) temporais (conectivas e justapostas).

Bechara descreve doze tipos de orações subordinadas, diferentemente da *NGB* que determina apenas nove. Desses, o que interessa a este trabalho são as orações de agente da passiva, estudada no capítulo 6, as modais e locativas. Voltemos à 1ª Edição da *Moderna Gramática*:

[...]

i) Locativas (justapostas iniciadas por *onde*, *quem*, *quanto* sem referência à antecedente):

“Os meninos sobejam *onde estão*, e faltam *onde não se acham*” (M. de Maricá).

“Não pode haver reflexão *onde tudo é distração*” (ID.).

“Onde o luxo cresce, a probidade *afraça e desfalece*” (ID.).

Afastava-se *de quem o recriminasse*.<sup>(2)</sup>

j) Modais:

“De um relance leu na fisionomia do mancebo, *sem que suas pupilas extáticas se movessem nas órbitas*” (J. de ALENCAR, *Sertanejo*, 157, ed. Melhoramentos)<sup>(2)</sup>

Em nota de rodapé, o professor chama a atenção de que as orações em (2) não constam da *NGB*.

Encerrado o estudo das orações desenvolvidas, segue-se o das orações reduzidas, em que novamente se constata a presença de orações adverbiais que não constam na *NGB*. Vamos ao excerto:

## 7 – ORAÇÕES REDUZIDAS

[...]

### Orações reduzidas dependentes

[...]

#### C) ADVERBIAIS

Têm o verbo (principal ou auxiliar) no:

1) *Infinitivo* (caso em que normalmente se emprega precedido de preposição adequada):

[...]

f) *Locativas*: com a preposição *em*:

“Filha, *no muito possuir* não é que anda posta a felicidade, mas sim *no esperar e amar muito*”<sup>21</sup> (A. F. de CASTILHO *apud Seleta Nacional*, I, 37)

g) orações de meio e instrumento: com as preposições *de*, *com*:

<sup>21</sup> Nesse caso, Bechara observa que essa oração pode, também, não ser considerada oração reduzida, “quando o infinitivo, sem referência a qualquer sujeito, exprime a ação de modo vago, à maneira de substantivo”.

"E Machado de Assis acaba o conto instalando o seu desencanto dos homens na alma de oficial, *com dizer* que ele foi mandado a Calcutá..." (M. BANDEIRA, *Poesia e Prosa*, 11, 360).

"Eu não sou, minha Nise, pagueiro,

Que vive *de guardar alheio gado*" (T. A. GONZAGA, *Poesias*, ed. R. Lapa, 1, 15)<sup>(1)</sup>

h) Modais: com as preposições *sem, a*:

"Vivemos com loucos e entre loucos: é feliz ou muito hábil quem pode tratar com eles *sem os ofender nem ser ofendido*" (M. de Maricá).

"Ele esteve alguns instantes de pé *a olhar para mim*" (M. DE Assis, Brás Cubas, 86)<sup>(1)</sup>

Mais uma vez, em nota de rodapé, Bechara observa que as orações em (1) não constam da *NGB*. Retomemos o estudo das orações reduzidas:

2) *Gerúndio*

[...]

e) orações que denotam modo, meio, instrumento:

"O amor, como o menino, *começa brincando e acaba chorando*" (M. DE MARICÁ)

"Os viciosos amam os seus inimigos, *amando os seus próprios vícios*" (ID.).

OBSERVAÇÃO: Alguns autores preferem não considerar o gerúndio como oração à parte quando, indicando modo, meio ou instrumento, aparece sem complemento como no primeiro exemplo acima.

[...]

Em 1999, publica-se a 37ª edição da *Moderna Gramática Portuguesa*, revista, ampliada, atualizada e enriquecida. Atualizada no plano teórico da descrição do idioma e enriquecida por um maior número possível de fatos gramaticais trazidos à discussão e à orientação normativa. Destarte, não houve seção que não tenha passado por esse processo de reformulação, pelo processo de "modernização" dessa *Moderna Gramática Portuguesa*.<sup>22</sup> Não foi diferente com o capítulo destinado à sintaxe, ao estudo das orações.

Ao analisar as orações adverbiais, Bechara distingue-as em dois grupos: as adverbiais propriamente ditas e as subordinadas comparativas e consecutivas, agrupando, ao que parece, as adverbiais segundo uma orientação semântica e não uma ordem meramente alfabética, como na maioria das vezes. Segue o que diz Evanildo Bechara:

#### **Orações complexas de transposição adverbial**

Refletindo a classe heterogênea dos advérbios, também as orações transpostas que exercem funções de natureza do advérbio se repartem em dois grupos:

a) as subordinadas adverbiais propriamente ditas, porque exercem função própria de advérbio ou locução adverbial e podem ser substituídas por um destes (advérbio ou locução adverbial): estão neste caso as que exprimem as noções de tempo, lugar, modo (substituíveis por advérbio), causa, concessão, condição e tempo (substituíveis por locuções adverbiais formadas por substantivo e grupos nominais equivalentes introduzidos pelas respectivas preposições);

b) as subordinadas comparativas e consecutivas.

<sup>22</sup> Não quis evitar o trocadilho.

### As subordinadas adverbiais propriamente ditas

As adverbiais do 1º grupo exercem função própria de advérbio que é, como vimos, um adjunto ou determinante circunstancial não-argumental do núcleo verbal. Do ponto de vista constitucional, estão representados por advérbios (os de *tempo, lugar e modo*) ou pelas chamadas locuções adverbiais, constituídas por substantivos ou grupos nominais equivalentes introduzidos pelas respectivas preposições (as circunstâncias anteriores e, especialmente, as que denotam *causa, concessão, condição e fim*).

Daí tais orações adverbiais, do ponto de vista constitucional, se assemelharem às substantivas, já que se identificam com estas em funções adverbiais, como ocorre com o substantivo transposto ao papel de advérbio mediante o concurso de preposição:

Saiu de noite.  
Estudamos com prazer.  
Trabalhas na fábrica.  
Passeamos pela cidade.

Destarte, quando as orações mediante o transpositor *que* se transpõem a subordinadas substantivas e passam a funcionar como adverbiais são marcadas pela respectiva preposição, constituindo assim as impropriamente chamadas de *locuções conjuntivas: sem que, para que, desde que, porque (por + que), que*, etc. Impropriamente locuções conjuntivas, porque não se trata de uma unidade complexa, mas de dois elementos com papéis diferentes: a preposição assinala a noção circunstancial de que semanticamente se reveste a oração transposta ou subordinada; o *que* marca o novo papel da oração independente originária que passa a funcionar, num plano inferior, como termo sintático dentro da oração complexa.

Os alunos estudam muito *para que possam preparar-se para as exigências da vida*.  
Os convidados saíram *sem que fossem notados*. (modal – grifa-se aqui)  
O advogado não o defendeu *porque o réu só mentiu no depoimento*.

**Outras particularidades nos tranpositores das orações adverbiais** – Além do *que* precedido da conveniente preposição como vimos até aqui, devemos assinalar as seguintes outras particularidades:

a) Quando usados sem referência a antecedente, os advérbios relativos *onde, quando, como e quanto* (este com preposição) transpõem a oração a que pertencem, que passa a exercer papel de adjunto adverbial:

*Onde me esperam* fico.  
Saíste *quando a festa melhorava*.  
O prédio foi construído *como estava planejado*. (modal – grifa-se aqui).  
Só trabalhava *por quanto dinheiro ganhasse para a viagem*.

[...]

### Outras particularidades das orações adverbiais

**Tipos de oração adverbial** – A oração adverbial funciona como adjunto adverbial da sua oração principal:

[...]

8 – **LOCATIVAS:** (iniciadas por *onde, quem, quanto* sem referência à antecedente)

“Os meninos sobejam *onde estão*, e faltam *onde não se acham*” [MM].

“Não pode haver reflexão *onde tudo é distração*” [MM].

“Onde o luxo cresce, a probidade *afraça e desfalece*” [MM].

9 – **MODAIS:**

“De um relance leu na fisionomia do mancebo, sem que sua pupilas estáticas se movessem nas órbitas” [JÁ.1,157].<sup>23</sup>

Se a oração principal estiver na negativa, usar-se-á de *que não* + subjuntivo:

Não emite um parecer *que se aconselhe com o diretor*.

[...]

<sup>23</sup> Os exemplos utilizados aqui são os mesmos da edição de 1961, como já visto anteriormente.



### Análise do SEM QUE

De modo geral, tem-se enquadrado a locução *sem que* no grupo das chamadas “conjunções condicionais”. A verdade é que a locução assume variados sentidos contextuais, entre ao quais lembramos:

[...]

6) denota simplesmente que tal ou qual circunstância não se deu, aproximando-se da idéia de *modo* (subordinada modal):

Entrou em câs *sem que* tomasse nenhum alimento.

Retirou-se *sem que* chamasse seus colegas.

A *Nomenclatura Gramatical Brasileira*, entretanto, desprezou as orações modais.

Em lugar de *sem que* pode-se usar também de *sem + infinitivo*:

Saiu *sem ser* preciso.

Estes foram os melhores teatrólogos, *sem falar* em Machado de Assis e Franklin Távora, mais ilustres no romance e no conto.

Em lugar de *sem que*, depois de uma principal de valor negativo, usa-se também *que não*, para indicar que a consequência se dá a todo o transe, se repete sempre que ocorrer o fato expresso na principal (o verbo da subordinada está no subjuntivo):

Não brinca *sem que* acabe chorando.

Não brinca *que não* acabe chorando.

“Eu não posso abrir um livro de história *que não me ria*” [AGa.5,255].

OBSERVAÇÃO: Alguns autores dão à construção *não...que não* valor condicional. Cf. [AGo, 420] e [MBa.7,48-9].

[...]

### 3 – AS CHAMADAS ORAÇÕES REDUZIDAS

[...]

#### Orações adverbiais reduzidas

Têm o verbo, principal ou auxiliar, no:

A) *infinitivo*: caso em que, normalmente, se emprega o verbo regido de preposição adequada. Para o desdobramento da reduzida em desenvolvida basta substituir a preposição ou locução prepositiva por uma conjunção ou locução conjuntiva do mesmo valor e pôr o verbo na forma finita. É de toda conveniência conhecermos as principais preposições que correspondem a “conjunções” subordinativas adverbiais, porque isso melhor nos adentra na plástica da sintaxe portuguesa:

[...]

3) para as condicionais (e hipotéticas)

a) *a*:

[...]

No seguinte trecho vale por uma comparativa hipotética do tipo de *como se* ou modal:

“... depois veio a mim, que estava sentado, deu-me pancadinhas na testa, com um só dedo, *a repetir*: – Isto, isto – e eu não tive remédio senão rir também, e tudo acabou em galhofa” [MA.1,209].

[...]

6) para iniciar orações locativas reduzidas (correspondem a orações justapostas): *em*:

“Filha, *no muito possuir* não é que anda posta a felicidade, mas sim *no esperar e amar muito*” [AC apud JR.5, I, 37].

7) para as idéias de *meio e instrumento*:

a) *com*:

“... até o (D. Afonso) induzirem a mandá-lo (D. Pedro) sair da corte, ao que D. Pedro atalhou *com retirar-se* antes que lho ordenassem” [AH.2, 190].

b) *de*:  
 "Eu não sou, minha Nise, pegureiro,  
 Que viva *de guardar alheio gado*"<sup>24</sup> [T G.1, 15].

B) *gerúndio* e aí equivale a:

[...]

5) uma oração que denota modo, meio, instrumento:

"Um homem agigantado e de fera catadura saiu da choupana *murmurando sons* mal articulados" [AH.1 *apud* ED.2, § 316, b,1].

"E não os (destinos) podia realizar senão *ceifando cidades em lugar de farragiais, e enfeixando com mão robusta povos*" [AC.1 *apud* ED.2, 2].

[...]

#### **Orações reduzidas fixas**

A nossa língua possui certo número de orações reduzidas que normalmente não aparecem sob forma desenvolvida. Neste grupo se acham:

[...]

3) *meio* ou *instrumento* (verbo no infinitivo ou gerúndio) e *modo* (verbo no gerúndio, embora aqui haja conjunção correspondente):

"Salvou-o o senado, *segurando-lhe a pessoa* até poder sair a bordo de uma nau holandesa a 21 de maio" [RS.2, IV, 244].

Desmoralizou-o *com desmenti-lo em público*.

"Procurou este logo estorvar-lhe (a missão) por todos os ombros, *prendendo-o ou matando-o*." [RS.2, 244].

Enfrenta a vida *sorrindo dos perigos*.<sup>1</sup>

Em nota de rodapé, Bechara faz uma ressalva de que às vezes procura-se desdobrar esse tipo de oração – descrita em (1) – em desenvolvidas temporais introduzidas por *quando* ou *enquanto*. Afirma ser isso "mero expediente, pois a noção de tempo não é equivalente à de modo ou meio de fazer alguma coisa [SA.2, 183]".

Foi significativo comparar as duas edições da *Moderna Gramática Portuguesa*, a primeira edição – de 1961 – com a 37ª ed. – a primeira após a ampla revisão nela promovida. Constatar o caráter objetivo e didático da edição de 1961 e o caráter mais científico e reflexivo da de 1999, ainda que respeitado o arcabouço teórico que embasa ambas as edições.

Notável, como sempre, Evanildo Bechara faz um profundo e meticuloso estudo das orações adverbiais, analisando tanto os aspectos semânticos quanto os sintáticos. Não poderia, portanto, deixar de reconhecer a existência das orações modais, das locativas, das de meio ou instrumento, bem como não poderia também deixar de registrar o equívoco da *NGB* não as incluir na classificação das orações subordinadas adverbiais.

<sup>24</sup> Ainda que o autor tenha utilizado o mesmo exemplo, o verbo *viver* está conjugado em modos diferentes nas duas edições, a de 1961 e a de 1999.

#### 6.2.4 Celso Cunha

Mantendo a coerência como um dos membros da Comissão que elaborou a *NGB*, Celso Cunha, em sua *Nova Gramática do Português Contemporâneo* (2001), adota rigorosamente o que recomenda a portaria nº 36 de 1959. Desta maneira, desde o capítulo destinado às conjunções subordinativas, por conseguinte, à classificação das orações subordinadas o autor adota a classificação dada pela nomenclatura oficial. Não há, portanto, qualquer registro das orações modais, locativas, de meio, ou outras.

No capítulo 16, destinado à Conjunção, o Mestre apresenta a seguinte classificação das conjunções subordinativas: *causais, concessivas, condicionais, finais, temporais, comparativas, consecutivas e integrantes*. Logo a seguir, faz a seguinte observação: “A Nomenclatura Gramatical Brasileira inclui ainda as conjunções *conformativas* e *proporcionais*, que a Nomenclatura Gramatical Portuguesa não distingue das *comparativas*”.

Conseqüentemente, classifica as orações subordinadas adverbiais da mesma maneira em: *causais, concessivas, condicionais, finais, temporais, consecutivas e comparativas*. Igualmente, tece, em seguida, esta observação: “Como na classificação das conjunções subordinativas a Nomenclatura Gramatical Brasileira inclui as *conformativas* e as *proporcionais*, conseqüentemente admite ela a existência de orações subordinadas adverbiais *conformativas* e *proporcionais*”.

Mesmo no estudo dedicado às orações reduzidas, Celso Cunha mantém-se fiel à *NGB* e apresenta a seguinte classificação:

**Orações reduzidas de infinitivo:**

Adverbiais: *causais, concessivas, condicionais, consecutivas, finais e temporais*;

**Orações reduzidas de gerúndio:**

Adverbiais: *temporais*<sup>25</sup>, *causais, concessivas e condicionais*;

**Orações reduzidas de participio:**

Adverbiais: *temporais (as mais comuns), causais, concessivas e condicionais*.

---

<sup>25</sup> Celso Cunha destaca que as orações reduzidas de gerúndio, em sua maioria, correspondem a orações subordinadas adverbiais temporais, em face do gerúndio exprimir, geralmente, a circunstância de tempo.

Vê-se que Celso Cunha adota exatamente o que recomenda a *NGB*, não fazendo, portanto, menção a qualquer outro tipo de oração subordinada adverbial, tanto na forma desenvolvida quanto na forma reduzida, que não esteja consignado na Nomenclatura Gramatical Brasileira.

### 6.3 Das Gramáticas Pedagógicas:

#### 6.3.1 Faraco & Moura

Faraco & Moura (1987) classificam as orações adverbiais de acordo com a *NGB*, portanto em *causais, comparativas, concessivas, condicionais, conformativas, consecutivas, finais, proporcionais e temporais*.

Após definir cada tipo de oração adverbial, explicitando as principais conjunções para cada uma delas e mostrar o funcionamento dessas orações através de exemplos retirados da literatura, os autores fazem a seguinte ressalva:

OBSERVAÇÃO: A *NGB* não faz referência a dois tipos de oração subordinada adverbial: modal e locativa.

A modal exprime o modo como se dá o fato expresso na oração principal:

Saiu **sem que ninguém visse**.

A locativa equivale a um adjunto adverbial de lugar, introduzida pelo advérbio **onde**:

Ficou **onde caiu**.

Ainda que não as inclua explicitamente na classificação das adverbiais, os professores não deixam de admitir a existência das orações modais e locativas, bem como registram essa ausência na *NGB*.

Já na seção dedicada ao estudo das orações adverbiais reduzidas, o caráter de modo da oração adverbial reduzida de gerúndio é normalmente incluído no rol das orações adverbiais.

Vejamos:

#### 1. Orações reduzidas de infinitivo

[...]

ADVERBIAL

1. Causal: Morreu **de tanto esperar**.

2. Concessiva: **Apesar de sentir medo**, não fugiu.

3. Condicional: Não saia **sem pedir licença**.
4. Consecutiva: O exame foi difícil **a ponto de provocar revolta nos alunos**.
5. Final: Maria Clara acordou de seu sonho **para encarar a realidade**. (B. Rocha)
6. Temporal: **Ao começar o século**, ainda éramos um satélite da França. (*Nosso Século*)

## 2. Orações reduzidas de gerúndio

[...]

ADVERBIAL

1. Causal: **Não vendo o poste**, colidiu com ele.
2. Concessiva: **Sendo rico**, mentiu que era pobre. (D. Trevisan)
3. Condicional: **Havendo demanda**, haverá previsão maior. (*Visão*)
4. Modal: Por aqui passou Garrincha, **inventando dribles e alegrias**. (A. Nogueira)

## 3. Orações reduzidas de particípio

[...]

ADVERBIAL

1. Temporal: **Acabada a aula**, fomos ao clube.
2. Causal: **Amargurado**, queria suicidar-se.
3. Concessiva: **Advertido do perigo**, continuava lutando.
4. Condicional: **Aceitas as condições do contrato**, estaríamos fracassados.

Sem maiores explicações, nem muitos detalhes, Faraco & Moura, de uma forma ou outra, acabam registrando as orações modais e locativas entre as adverbiais, mas apenas essas, sem menção a nenhum outro tipo de adverbial.

### 6.3.2 Luiz Sacconi

Ao definir as orações adverbiais, Sacconi (1990) nos diz que existem dez tipos de orações adverbiais. Daí, já se percebe uma a mais das registrada na *NGB*, e é exatamente a adverbial modal.

#### Orações adverbiais

**Orações adverbiais** são as que funcionam como adjunto adverbial da oração principal, sendo introduzidas por conjunção subordinativa (exceto a integrante, que inicia oração substantiva). Existem dez tipos:

1- causais

[...]

10 Modais – iniciadas por **sem que**, exprimem o modo como o fato se realiza

Leu toda a página **sem que as pupilas se movessem nas órbitas**.

Ifigênia ria **sem que mostrasse os dentes**.

O homem andava **sem que pudéssemos abrir a boca** para dizer o que fosse.

*Observação:*

A Nomenclatura Gramatical Brasileira não agasalha as orações modais. Prefere distribuí-las entre as conformativas, consecutivas e comparativas. Curiosamente, porém, admite a oração reduzida modal.<sup>26</sup>

É claro que o professor não poderia deixar de listar a presença das orações modais também nas orações reduzidas.

**Orações reduzidas**

*Orações reduzidas* são as que têm o verbo numa das formas nominais (gerúndio, particípio ou infinitivo). Por isso existem as:

1 – Orações reduzidas de gerúndio

*Serão quase sempre adverbiais: raramente adjetivas ou substantivas.*

[...]

“Deus às vezes castiga o homem, *enriquecendo-os*.” (Adv. modal)

[...]

3 – Orações reduzidas de infinitivo

*Serão sempre adverbiais ou substantivas: raramente adjetivas.*

[...]

Ficou alguns minutos *a pensar na vida*. (Adv. modal)

Além dessas, não há registro de nenhuma outra oração adverbial no estudo apresentado pelo professor Luiz Sacconi.

### 6.3.3 Nicola & Ulisses

Nicola & Ulisses (1992), seguem estritamente a recomendação da *NGB* e adotam, portanto, a classificação estabelecida na norma: *causa, consequência, condição, concessão, comparação, conformidade, finalidade, proporção e tempo*. Essa classificação aparece na seção destinada às orações desenvolvidas.

Em relação às orações adverbiais reduzidas ao invés de apresentarem um estudo sobre o tema, os autores fazem uma observação, que se reproduz abaixo:

#### 4. Sobre as orações reduzidas

O estudo das orações reduzidas é ainda campo de infundáveis discussões entre incontáveis gramáticos. Há quem não aceite a existência de orações subordinadas adjetivas reduzidas de particípio. Outros falam em orações subordinadas adverbiais causais reduzidas desse mesmo particípio. E outros detalhes mais...

<sup>26</sup> A *NGB* não faz referência alguma às orações modais, nem mesmo na forma reduzida, como afirma o professor.

Não há nenhum motivo para que você, um estudante cujo interesse é adquirir um melhor manejo prático da língua portuguesa, seja envolvido por essas disputas. Caso tenha pendor para investigações mais profundas das sutilezas estruturais e semânticas do português, basta procurar algum livro especializado no assunto.

Há, todavia, um fato muito importante ligado às orações reduzidas: é a possibilidade que oferecem de conferirmos maior leveza e concisão ao que escrevemos, por meio da eliminação de conjunções e pronomes relativos.

Esse fato é decorrência da própria natureza das orações reduzidas, que se constroem ao redor das formas nominais do verbo, dispensando normalmente o conectivo ou atuando com uma simples preposição.

Em nenhum momento, os professores fazem menção às orações modais, locativas, ou qualquer outra diferente das tradicionalmente mencionadas.

#### 6.3.4 Cegalla

Cegalla (2005) divide as orações adverbiais em dois grupos: o grupo **1** formado pelas orações adverbiais introduzidas pelas conjunções subordinativas – neste estão incluídas as orações *causais, comparativas, concessivas, condicionais, conformativas, consecutivas, finais, proporcionais, temporais e modais* – e o grupo **2** composto pelas orações adverbiais introduzidas por advérbio, em que inclui as orações adverbiais *locativas*. Vamos ao excerto:

##### ORAÇÕES SUBORDINADAS ADVERBIAIS

As orações subordinadas adverbiais têm a função dos adjuntos adverbiais, isto é, exprimem circunstâncias de *tempo, modo, fim, causa, condição, hipótese*, etc.

São iniciadas, quando desenvolvidas, pelas conjunções subordinativas (excluindo-se as subordinativas integrantes). É importante saber distinguir os diferentes tipos dessas conjunções.

##### 1 ORAÇÕES SUBORDINADAS ADVERBIAIS

As orações subordinadas adverbiais classificam-se de acordo com as conjunções que as introduzem. Portanto, podem ser:

[...]

- **modais** – exprimem modo, maneira. Exemplos:

Aqui viverás em paz, **sem que ninguém te incomode**.

Entrou na sala **sem que nos cumprimentasse**.

Essas orações não estão consignadas na NGB, o que constitui uma omissão.

##### 2 ORAÇÕES ADVERBIAIS LOCATIVAS

Equivalem a um adjunto adverbial de lugar e são iniciadas pelo advérbio onde (que pode vir precedido de preposição), sem antecedente. Exemplos:

“**Onde me espetam**, fico.” (MACHADO DE ASSIS)

“Não pode haver reflexão **onde é tudo distração**.” (MARQUÊS DE MARICÁ)

Quero ir **aonde estás**.

Venha **por onde eu passar**.

“**Onde quer que farejem raposas**, perseguem-nas com fúria.” (GUSTAVO BARROSO)

Observação:

✓ Essas orações não são mencionadas na NGB.

No capítulo seguinte, o professor nos apresenta o estudo das orações reduzidas em que também se incluem as orações adverbiais modais, nas orações reduzidas de infinitivo e de gerúndio, como a seguir:

## 1 ORAÇÕES REDUZIDAS

Oração reduzida é a que se apresenta sem conectivo e com o verbo numa forma nominal.

[...]

### ▪ reduzidas de infinitivo

Podem ser:

[...]

#### n) adverbiais modais:

Retirei-me discretamente, *sem ser percebido*.

“O funcionário da polícia tinha passado *sem fazer a saudação de costume*.”

(GRACILIANO RAMOS)

“Eugênia saiu *sem despedir-se do pai*.” (CAMILO CASTELO BRANCO)

“Ela o encarou por algum tempo, em silêncio, *como a analisa-lo*.” (ÉRICO VERÍSSIMO)

[...]

### ▪ reduzidas de gerúndio

Estas orações podem ser:

[...]

#### f) adverbiais modais:

Aprendeu-se um ofício *praticando-o*.

O homem entrou na sala *dando empurrões*.

“Caminhava ao meu encontro *sinistramente sorrindo*.” (CECÍLIA MEIRELES)

As alunas espalharam-se pelo pátio, *rindo e papagueando*.

“O ladrão abriu a porta *servindo-se de gazua*.” (SAID ALI)

“Tive a idéia extravagante de chegar à cidade *andando sobre as árvores*.”

(GRACILIANO RAMOS)

A oração adverbial modal traduz o modo como se realiza o fato expresso pela oração principal.

**Observação:**

✓ As orações adverbiais modais não são mencionadas na NGB.

Cegalla reconhece a existência das orações modais tanto na forma desenvolvida quanto na forma reduzida. Curioso, em relação às locativas, foi ter dividido as orações adverbiais desenvolvidas em duas classes: as introduzidas por conjunções subordinativas e as introduzidas por advérbio, apenas para anotar as orações adverbiais locativas.



### 6.3.5 Hildebrando

Hildebrando A. de André, em sua *Gramática Ilustrada* (1990), acolhe exatamente o que dispõe a *NGB*. Assim, ao classificar as orações adverbiais, lista os nove tipos descritos na norma, invertendo apenas o ordenamento: 1. Finais; 2. Conformativas; 3. Proporcionais; 4. Comparativas; 5. Temporais; 6. Condicionais; 7. Concessivas; 8. Causais e 9. Consecutivas.

Um leitor mais desatento pode, apressadamente, deduzir que se o autor adotou o que prescreve a nomenclatura, não há o que se falar em orações modais, locativas ou qualquer outro tipo de oração adverbial. A princípio essa lógica faz sentido. Todavia, ao conceituar as subordinadas adverbiais, o professor menciona a oração modal, mas, surpreendentemente, como sinônimo de conformativa e não como uma circunstância em si. Confere-se a seguir:

#### **SUBORDINADAS ADVERBIAIS**

As orações adverbiais expressam circunstâncias: finalidade, conformidade ou modo, comparação, proporção, tempo, condição, concessão, causa, consequência. Exercem, assim, a função de adjunto adverbial. São introduzidas por conjunções subordinativas.

[...]

##### **Conformativas**

A oração “conforme havia previsto o astrólogo” expressa circunstância de conformidade ou modo. Será denominada **subordinada adverbial conformativa**. *Conforme* é conjunção conformativa.

Exemplos de orações adverbiais conformativas: “Mais abaixo estavam os outros deuses todos assentados *como a razão e a ordem concertavam*.” (Camões) – *Como disse Buda*, tudo é dor. – Resolvi os problemas *conforme o professor ensinou*. – As tarefas, *consoante as regras estabeleciam*, foram concluídas em três horas.

A *NGB* adotou expediente semelhante ao incluir as modais entre as conformativas e comparativas, mas banuiu o termo “modal”, em momento algum há menção à circunstância de modo. Parece ser esta uma nova proposta, a apresentada pelo professor. Outrossim, não há registro de nenhum outro tipo de oração adverbial.

Hildebrando também apresenta o estudo das orações reduzidas e, igualmente como fez no exame sobre as desenvolvidas, não menciona as modais:

- reduzidas de infinitivo – orações adverbiais: finais, conformativas, concessivas, temporais, causais, temporais, causais, condicionais, consecutivas;
- reduzidas de gerúndio – orações adverbiais: temporais, condicionais, concessivas, causais.

Mas, ao tipificar as orações adverbiais conformativas reduzidas de infinitivo, o professor utiliza exemplos que, em vez de exprimirem a circunstância de conformidade, exprimem, verdadeiramente, o caráter de modo.

#### **SUBORDINADAS REDUZIDAS**

[...]

##### **Exemplos de orações reduzidas de infinitivo**

[...]

##### i) Adverbiais conformativas

“Eu me divirto aqui no alto *a ver os teus apuros*.” (apud Rocha Lima) – “Cavalguei *sem dizer palavras*.” (Herculano) – “Sentiu a vontade de passar os dias longe da vida, lendo, *sem pensar em mais nada*.” (Rubem Braga) – “Ele esteve alguns instantes de pé, *a olhar pra mim*.” (M. de Assis) – “O roceiro andou lá pelos fundos da roça, *a colher uns pepinos temporões*...” (H. Carvalho Ramos)

Ainda que, em alguns dos exemplos citados, as orações reduzidas de infinitivo poderiam ser transformadas em reduzidas de gerúndio, por exemplo, “Eu me divirto aqui *a ver teus apuros*” em “Eu me divirto aqui *vendo teus apuros*” ou “O roceiro andou lá pelos fundos da roça, *a colher uns pepinos temporões*...” em “O roceiro andou lá pelos fundos da roça, *colhendo uns pepinos temporões*...”, o autor não insere, nas orações reduzidas de gerúndio, as orações adverbiais conformativas, simples desdobramento das reduzidas de infinitivo, haja vista o gerúndio ser equivalente à estrutura *preposição a + infinitivo*, como nos afirma Napoleão Mendes de Almeida (1999) em *Gramática Metódica da Língua Portuguesa*.

Nas locuções verbais que indicam continuidade de ação o gerúndio pode ser substituído pelo infinitivo preposicionado: andar a estudar, estar a trabalhar, viver a pensar, ficar a chorar etc. Escapam, porém, a esta substituição locuções verbais que indicam desenvolvimento gradual de ação, formadas com os verbos ir e vir: ir aprendendo, ir indo, vir vindo.

Então, é de se estranhar a falta das orações conformativas (verdadeiramente modais) nas reduzidas de gerúndio.

#### 6.3.6 Douglas Tufano

Douglas Tufano (1990) é outro autor que segue rigorosamente a *NGB*. Logo, mantém a mesma classificação encontrada na nomenclatura oficial e não apresenta nenhum outro estudo diferente desse. Não há alusão a orações modais, locativas, meio ou instrumento, nem na forma desenvolvida, nem na forma reduzida.

## 6.4 Das Gramáticas Linguísticas:

### 6.4.1 Maria Helena de Moura Neves

A professora Maria Helena de Moura Neves (2000), no estudo sobre as conjunções subordinativas adverbiais e suas construções, analisa as conjunções temporais, causais, condicionais, concessivas, finais, comparativas, consecutivas, conformativas, proporcionais e modais. Mostra-se abaixo o estudo das modais:

[...]  
J) AS CONJUNÇÕES MODAIS  
AS CONSTRUÇÕES MODAIS

A construção **modal** expressa por um **período composto** é constituída pelo conjunto de uma **oração nuclear**, ou **principal**, e uma **modal**. Não é muito usual a expressão da relação **adverbial modal** por meio de uma oração. Ela se faz especialmente com **SEM QUE**, e com o verbo no **subjuntivo**:

*Os momentos passaram, todavia, SEM QUE lograsse coordenar um só pensamento.* (A)  
*Costura-se, passando a agulha por dentro da trança, indo de uma a outra e SEM QUE os pontos apareçam.* (CCE)  
*Contudo, esse crescimento se realizava SEM QUE houvesse modificações sensíveis na estrutura do sistema econômico.* (FEB)

Mais raramente, usa-se a **conjunção COMO**, que conserva um matiz **conformativo**. O **modo verbal** é o **indicativo**.

*Se continuarei a “enganar” Carlos, COMO o fiz nesse primeiro momento de “reencontro” carnal, não sei.* (A)

**Orações modais** com o **verbo** no **infinitivo** se constroem com a **preposição SEM**:

*O jovem tentou respirar SEM fazer ruído.* (BOI)  
*Ela continuava em sua busca, SEM dar confiança a ninguém.* (ANA)

Vê-se que, além das conjunções tradicionais, Moura Neves reconhece também as conjunções modais e constrói exemplos com a locução conjuntiva *sem que* e com a conjunção *como*. Na forma reduzida, as orações modais são apresentadas com a estrutura *sem + infinitivo*. Não apresenta construções de gerúndio. Além das mencionadas, Neves não faz menção a nenhum outro tipo de construção adverbial, nem tece qualquer observação em relação à *NGB*.

Cabe aqui comentar que a gramática da professora não é uma gramática comum, normativa como a maioria das outras, é uma gramática que registra os usos da língua, de cunho funcionalista, o que reforça, em muito, encontrar nela as orações adverbiais modais.

#### 6.4.2 Maria Helena Mira Mateus

Logo ao iniciar o capítulo 17 – Subordinação Adverbial –, Ana Maria Brito, *in* Maria Helena Mira Mateus *et alii* (2003) – *Gramática da Língua Portuguesa* –, orienta-nos sobre a abordagem que será dada neste capítulo em relação às adverbiais, que será privilegiada a sintaxe dessas orações, e também algumas de suas propriedades semânticas e afirma que a subordinação adverbial inclui as orações **condicionais**, **causais**,  **finais**, **concessivas** e **temporais**. Em seguida, em nota de rodapé, faz a seguinte observação:

Como se mostrará no capítulo seguinte, as orações comparativas, as consecutivas e as proporcionais típicas não têm propriedades de subordinação adverbial, contrariamente ao que é, em geral, assumido pela tradição gramatical portuguesa. As orações conformativas serão objeto de análise nesse capítulo e aí mostraremos que têm algumas propriedades comuns à subordinação adverbial. Bechara (1999) inclui na subordinação adverbial as relativas sem antecedente exposto introduzidas por *onde*, *quando*, *como*; nesta gramática, as orações de *onde* são estudadas no âmbito das orações relativas; as de *quando* e de *como* são estudadas neste e no próximo capítulo. O presente texto retoma Mateus *et alii* (1983/1989) privilegiando os aspectos sintáticos e dando uma atenção mínima à caracterização semântica.

Segue o capítulo 17 em que a autora trata das *propriedades sintáticas gerais das orações subordinadas adverbiais* e em seguida analisa cada um dos cinco tipos já descritos acima. No capítulo 18, analisam-se as orações **comparativas**, **consecutivas**, **conformativas** e **proporcionais**.

O estudo feito pela professora Ana Maria Brito é detalhado e denso, com ênfase na estrutura sintática das orações adverbiais. Todavia, não há nenhuma referência às orações modais e, em relação às locativas, a autora as analisa dentre as orações relativas (orações adjetivas) sem antecedente exposto, também chamada por “relativas livres”, pela professora.

Assim, para Ana M. Brito, estas orações compõem-se de frases complexas, subordinadas, são constituintes de uma oração principal (superior, para a autora), com função sintática própria em relação à principal (oração matriz). Abaixo, alguns exemplos:

- *Quem vai ao mar* perde o lugar. = sujeito;
- Recebi *quem tu recomendaste*. = objeto direto;
- Dei a *quem precisava mais*. = objeto indireto;
- Moro *onde encontrei casa mais barata*. = oblíquo;<sup>27</sup>
- A Maria é *quem está mais atenta nas aulas*. = predicativo;
- Convoquei *quantos estão inscritos*. = sujeito;
- Eu trouxe *quantos me pediste*. = objeto direto;
- *Onde eu moro* é agradável. = oblíquo.

Então, não há o que se falar em orações adverbiais modais ou locativas. Percebe-se, ao final, que a classificação adotada pela professora Ana Maria Brito acaba por coincidir com a adotada pela *NGB*, ainda que abordadas em dois grupos distintos.

#### 6.4.3 José Carlos de Azeredo

Em uma abordagem funcionalista, Azeredo (2008), apresenta-nos um estudo diferenciado das orações adverbiais.

Logo no início do capítulo dedicado às orações adverbiais, o professor afirma:

“Uma matriz proposicional pode ocorrer no texto sob a forma de um sintagma adverbial, tradicionalmente conhecida por ‘oração adverbial’. A respectiva transposição é efetuada por uma conjunção adverbial, uma espécie de palavra gramatical que, colocada antes da oração, forma com ela uma unidade apta a um posicionamento flexível em relação à oração base: *O cachorro avançou no carteiro / O cachorro estava solto. O cachorro avançou no carteiro quando estava solto ~ Quando estava solto, o cachorro avançou no carteiro ~ O cachorro, quando estava solto, avançou no carteiro.*

Assim, Azeredo atribui à presença da conjunção a mobilidade da oração adverbial e diz ser essa uma característica das orações adverbiais típicas. A seguir, o professor faz uma observação bastante interessante, em que associa a relevância das orações adverbiais no discurso ao fato de serem essas orações sintaticamente termos acessórios:

<sup>27</sup> A função sintática de *oblíquo* é o que Bechara (1999) chama de complemento relativo.

Por serem sintaticamente acessórias, tornam-se relevantes no discurso pela informação que acrescentam ao texto, ou em outros termos, pela importância que assumem na organização coerente ou lógica do raciocínio. É por isso que certas relações se expressam por meio tanto de conjunções subordinativas adverbiais quanto de conjunções coordenativas (ver 14.10). Algumas conjunções estão exclusivamente a serviço da construção do raciocínio lógico, tanto que são conectivos característicos dos textos dissertativos de opinião; outras indicam basicamente relações circunstanciais próprias do discurso narrativo, mas podem assumir cumulativamente papéis relacionados à construção do discurso de opinião.

Desta forma, Azeredo divide as orações adverbiais, de maneira geral, em função dos sentidos expressos em quatro grandes grupos, a saber: (a) relação de causalidade, (b) relação de temporalidade, (c) relação de contraste, (d) relação de modo/comparação. Cada grupo representa uma macro relação semântica que englobará *stricto sensu* as seguintes relações:

- (a) relação de causalidade: orações causais, condicionais, consecutivas e finais;
- (b) relação de temporalidade: orações temporais e proporcionais;
- (c) relação de contraste: orações adversativas e concessivas;
- (d) relação de modo/comparação: qualificação, quantificação, orações modais, comparativas e conformativas.

Dos quatro grupos, interessa-nos, neste trabalho, o grupo (d), que denota as relações de modo e comparação, especificamente as relações de modo. Vamos à passagem:

#### 14.14 QUALIFICAÇÃO, QUANTIFICAÇÃO E ORAÇÕES MODAIS

Esta seção tem um lugar à parte em função das peculiaridades das respectivas estruturas, como se verá. Uma ‘ação’ (*caminhar*), um ‘processo’ (*brotar*) ou um ‘estado’ (*macio*) são conceptualizações passíveis de quantificação (*caminhava pouco*, *brotou em excesso*, *assento muito macio*), ou de qualificação (*caminhava elegantemente*, *brotava raramente*, *assento surpreendentemente macio*). A ‘qualificação’ de verbos é ordinariamente opcional, com raras exceções como o verbo *passar* (João passou **bem** após a cirurgia). Já a ‘quantificação’ é sempre acessória, seja junto a verbos, a adjetivos ou a substantivos.

A ‘qualificação’ apresenta uma subdivisão de sentidos: *meio* (*la para o trabalho de bicicleta*), *instrumento* (*Cortou o papel com um canivete*), *medida* (*Comprou bananas a quilo*), *companhia* (*Sempre passeava com o cachorrinho*), *frequência* (*Saiu raramente de casa*), *modo* (*O balão caía lentamente*).[...]

A ‘qualificação’ e a ‘quantificação’ também podem ser construídas a partir de matrizes proposicionais, dando origem a ‘orações subordinadas’ adverbiais modais e comparativas: *Conhecia as árvores da floresta como* (conhecia) *a palma da própria mão*. Neste exemplo temos uma qualificação comparativa (cf. : *Conhecia as árvores da floresta muito bem/melhor do que seus companheiros*). A expressão verbal da qualificação pura, de base não comparativa, utiliza comumente gerúndios (*Enriqueceu comercializando antiguidades*.) ou infinitivos precedidos da preposição *sem* (*Saiu sem se despedir*). Por serem formas de expressão de polaridade negativa (ver 4.4), as construções do tipo *sem* + infinitivo implicam sempre algum subentendido (no caso deste exemplo, a ideia de que, em nossa cultura, as pessoas costumam despedir-se quando se ausentam). Assim, a oração modal de *Prendeu o assaltante sem que desse um só tiro* extrai sua relevância informativa da ideia corrente de que, nessas ocasiões, é habitual a polícia atirar. Estas informações pertencem ao domínio dos ‘implícitos e subentendidos’ (ver 4.5.6.2.3.2.2), às vezes mais decisivos para a construção dos sentidos do que as partes explícitas.

Ainda que de forma nada tradicional, Azeredo contempla as orações modais, tanto na forma desenvolvida (*Prendeu o assaltante sem que desse um só tiro*), como na forma reduzida de infinitivo e de gerúndio (*Saiu sem se despedir / Enriqueceu comercializando antiguidades*). Essa visão funcionalista da língua valoriza ainda mais a presença das modais no rol das suas *matrizes proposicionais* (orações adverbiais).

No estudo da comparação, o professor apresenta a *comparação modal*, orações introduzidas pela conjunção *como*: *Ela nadava como um peixe / Jogou hoje como em seus melhores dias / Cortei as batatas como você pediu: em cubos*. Também, de maneira especial, introduzidas pela conjunção composta *como se + verbo no pretérito* (imperfeito ou mais-que-perfeito) do subjuntivo, expressando uma comparação hipotética, ou seja, o conteúdo da oração comparativa exprime uma fato irreal ou hipotético: *O santo falava aos pássaros como se estes o entendessem / Passado o susto do acidente, o sapateiro voltou ao trabalho como se nada tivesse acontecido*.

No parágrafo seguinte, apresenta-se o estudo sobre O INFINITIVO. Todavia não se encontra nele nenhuma referência às orações reduzidas; basicamente ao uso do infinitivo e de sua flexão.

Já no parágrafo dedicado ao GERÚNDIO E PARTICÍPIO, pode-se encontrar alusão às orações reduzidas:

[...]

São comuns ao participio e ao gerúndio certas funções adverbiais e predicativas. Nos exemplos abaixo, *sentadas* e *dormindo* servem de predicativo ao SN *as crianças*:

- Encontrei as crianças *dormindo* na calçada.
- Encontrei crianças *sentadas* na calçada.

Por outro lado, é sempre circunstancial ou modalizador o valor do participio ou do gerúndio que, condensando uma estrutura oracional (necessariamente passiva, no caso do participio), posicionam-se antes da oração principal. Trata-se de autênticas orações reduzidas, já que podem apresentar sujeito distinto da oração principal. Nos exemplos que se seguem temos as duas situações:

- “*Conhecendo* o histórico do pai, meu irmão alterou o itinerário do passeio.” [CONY, C.H. 1995:78]
- *Amarrados* com barbante (= se forem amarrados) os pacotes podem abrir no caminho.
- *Aberto* o embrulho (= quando/depois que abriu/abriram), Ana levou um susto

[...]

Nessas construções, tanto o gerúndio como o participio absorvem certos valores circunstanciais (*tempo, condição, causa*) que, nas variantes em forma finita ou em forma infinitiva, vêm respectivamente expressos pelas conjunções ou pelas preposições: *quando abriam, se forem amarrados, por conhecer*.

[...]

Confundem-se noções como *modo* e *meio*. O gerúndio que as expressa denota um fato simultâneo ao do verbo usado em forma finita:

- Subia o morro *cantando*. (modo)
- Sobreviveram no mar *bebendo* água da chuva. (meio)

O gerúndio que denota um fato anterior ao do verbo em forma finita tende a exprimir *tempo, causa* e *condição*, frequentemente mesclando estas noções. Comparem-se as seguintes variantes dos exemplos acima:

- *Bebendo* água da chuva, eles sobreviveram no mar. (causa)

- *Bebendo* água da chuva, eles sobreviverão no mar. (condição)  
[...]

Na visão funcionalista, no estudo da língua em uso, em que se adota um arcabouço teórico que abarca critérios discursivos, a produção do enunciado (resultado da interação linguística), é dessa forma que José Carlos Azeredo nos brinda com um estudo relevante e profundo sobre as orações adverbiais. Não há classificações, não há nomenclatura “oficial”, mas há um posicionamento claro do autor do funcionamento dessas orações na produção dos sentidos, na elaboração do discurso.

#### 6.4.4 Ataliba T. de Castilho

Ataliba T. de Castilho (2010) é outro autor que segue o viés funcionalista; logo, apresenta um estudo também voltado ao funcionamento da língua. Analisa as orações adverbiais no contexto discursivo, o da produção de sentidos.

Para o autor, as orações adverbiais existem precisamente para acrescentar informações ao verbo da oração principal (sentença matriz, para o professor).

Observa, ainda, que a tradição gramatical tenta categorizar essas informações adicionais em nove tipos (causal, condicional, temporal, final, concessiva, comparativa, consecutiva, conformativa ou modal, proporcional) e afirma que se identificássemos todas as relações de sentido que as adverbiais provocam na oração principal (sentença matriz), essa tipologia seria inesgotável.

No campo da abordagem funcionalista, Ataliba integra as adverbiais em três grandes grupos: (i) causalidade *lato sensu*: causais, condicionais, concessivas, explicativas ou conclusivas; (ii) temporalidade: temporais e proporcionais; (iii) finalidade.

Nas seções seguintes, expõe um estudo sobre as causais, condicionais, finais, concessivas e temporais. Não aborda as conformativas, em que inclui as modais, nem as proporcionais.

Após isso, apresenta um estudo sobre as orações subordinadas não conjuncionais infinitivas, gerundiais e participiais – as orações reduzidas.



As infinitivas adverbiais – as adverbiais finais, temporais e comparativas podem ter o verbo no infinitivo preposicionado: *Mandei seu presente logo cedo, **para você receber** o meu antes dos outros. / **Depois de/antes de tocar fogo** no mato, escondeu-se da polícia florestal. / **Ao apertar** minha mão, vi que estava nervoso. / O incendiário foi bastante/demasiado/muito decidido **para tocar fogo** no mato.*

Em relação as reduzidas de gerúndio, diz-nos o professor:

As gerundiais adverbiais exploram os valores típicos do caso ablativo, que tinha “como função básica exprimir o complemento de meio, de instrumento e de modo, que se mantém nas línguas românicas” (Maurer Jr., 1959:1488).

Dadas suas propriedades de adjetivo e de advérbio verbais, o gerúndio passou a operar em nossa língua como núcleo de sentenças adjetivas e adverbiais.

[...]

Gerundiais adverbiais

(123) **Reclamando** do barulho, acabou arranjando encrenca com o vizinho.

(123') *Porque reclamou do barulho, acabou arranjando encrenca com o vizinho.*

Apesar de mencionar como função básica do gerúndio exprimir as circunstâncias de meio, instrumento e modo, Ataliba utiliza-se de uma oração causal para exemplificar as reduzidas de gerúndio. Então, não há efetivamente menção às orações modais, locativas ou outra qualquer.

#### 6.4.5 Mário A. Perini

Pelas próprias características (descritas pelo autor na apresentação do livro), a *Gramática do português brasileiro* de Mário Perini (2010) dedica-se a descrever a língua falada, o português falado no Brasil. Sendo a língua falada completamente diferente da língua escrita, não se espera encontrar, nesta gramática, descrições a que estamos acostumados, voltadas à língua escrita. E é isso exatamente o que acontece. Não há, na gramática de Perini, nenhuma abordagem das orações subordinadas adverbiais, não há classificação de orações, tipificação das orações, exemplificações, nem mesmo no capítulo dedicado à coordenação e subordinação.

## 6.5 Dos Sintaticistas

Já abordamos no capítulo 4 como esses autores nos apresentam o estudo das orações subordinadas. Faltava apenas detalharmos o estudo da orações modais, locativas ou outras, que, naquele capítulo, sinalizávamos haver um capítulo apropriado a este estudo.

Então, cabe aqui, complementar o capítulo 4 com o detalhamento das modais, da locativas ou outras orações descritas pelos autores que não estão contempladas na *NGB*.

### 6.5.1 Gladstone Chaves de Melo

Viu-se, no capítulo 4, que Gladstone classifica as subordinadas adverbiais em temporais, condicionais, finais, concessivas, modais, causais e que inclui as consecutivas, comparativas, conformativas e proporcionais (junto com as alternativas) no estudo da correlação.

Em seguida exemplifica cada caso, cabendo, aqui, destacar o exemplo da adverbial modal:

- (e) modal: “Põe tu, Ninfa, em efeito meu desejo  
*Como merece a gente lusitana,*” (Camões, *Lus.*, III, 2)

Gladstone não trata das orações reduzidas, até porque, para o autor, as formas nominais do verbo, infinitivo, gerúndio e particípio, são nomes verbais: o infinitivo e o gerúndio são substantivos verbais e o particípio é um adjetivo verbal. Isto quer dizer que esses substantivos e adjetivos são impregnados de qualidades, de categorias próprias do verbo. Dinâmicos, traduzem um processo, um movimento haja vista a diferença entre: “A corrida cansa / Correr cansa”, ou ainda como em “Vi um menino correndo” / “Vi um menino em lágrimas; em que se percebe claramente o processo verbal, o movimento a ação expressa pelo gerúndio. Continua o autor:

Pròpriamente, pois, infinitivo, gerúndio e particípio são nomes, - dinâmicos, não importa, são nomes. E, como tais, fazem parte de uma oração, exercendo nela função de sujeito, de objeto, de adjunto, de predicativo, etc. Sendo nomes verbais, no entanto, nada de estranhar que possam trazer complementos verbais ou referir-se a um sujeito próprio, claro ou oculto.

Do exporto já se viu que não devemos falar em, *orações reduzidas* de gerúndio, de infinitivo, de particípio. Menos ainda se hão de *desdobrar* tais orações, porque isto é um processo de muletas, condenável, tanto mais quanto, na verdade, se analisou a outra oração, a equivalente, e não o que estava escrito; isto é, a análise ultrapassou a expressão lingüística, erro de método denunciado e condenado logo no início dêste manual.

[...]

O gerúndio, continuação que é do ablativo do gerúndio latino, exerce funções circunstanciais várias.

Em

“Na opinião dêle, êste sentimento, não *sendo* mais profundo que o outro, amofina muito mais,” (MACHADO, *Brás Cubas*, pág. 342)

Não *sendo* (= embora não seja) é adjunto adverbial de concessão

Em

“A disciplina militar prestante

Não se aprende, senhor, na fantasia,

*Sonhando, imaginando* ou *estudando*

Senão *vendo, tratando* e *pelejando*.” (CAMÕES, *Lus.*, X, 153)

Os gerúndios todos são adjuntos adverbiais de modo ou instrumento; estão coordenados, e o segundo grupo de três se opõe ao primeiro, por meio da adversativa *senão*.

[...]

Todavia, o Mestre afirma que há dois casos de emprego de gerúndio que se pode falar em oração gerundial (mas não usa o termo oração reduzida), quando o gerúndio denota um tempo posterior ou o efeito de uma causa. Nestes casos, pode-se encontrar um equivalente sintático em uma oração autônoma, coordenada à uma outra. Apresentou dois exemplos de *Os Lusíadas*, um deles o mesmo usado por Said Ali (2001, p. 358). Vejamos:

[...]

Estão os portugueses no Oceano Índico:

“Já no largo oceano navegavam,

As inquietas ondas *apartando*;

Os ventos brandamente respiravam

Das naus as velas côncavas *inchando*;”

Como se vê, conseqüência de as caravelas navegarem era cortarem o mar, apartarem as ondas; conseqüência de os ventos soprarem era incharem as velas das naus.

Exemplo de gerúndio temporal, a indicar ação que se realizou *depois* do verbo principal, temos em:

“Mas o leal vassalo, conhecendo

Que seu senhor não tinha resistência

Se vai ao castelhano *prometendo* [= e promete]

Que êle faria dar-lhe obediência.” (CAMÕES, *Lus.*, III, 36)

Destarte, para Gladstone, não há o que se falar em orações reduzidas, nem de infinitivo, nem de gerúndio, nem de particípio. Os gerúndios são, para o Mestre, simples adjuntos adverbiais, que expressam circunstâncias várias.

Nem tão de acordo com a *NGB*, com alguns ajustes a ela, talvez, o fato é que se encontra no *Novo Manual de Análise Sintática* a citação às orações *modais*, ainda que desenvolvidas, não havendo alusão a nenhum outro tipo de adverbial.

### 6.5.2 Walmírio Macedo

Walmírio Macedo (1976) em *Análise sintática em nova dimensão*, segue basicamente a *NGB*, então a classificação apresentada das adverbiais é a tradicional. Entretanto, nos parágrafos de 43 a 61, o professor mostra-nos um detalhamento maior em relação às adverbiais, alguns casos sintáticos específicos tais como orações com o *quando concessivo*, *desde que*, *como*, *onde*, *sem que* e em seguida o estudo das as orações reduzidas. Desses parágrafos, interessa aqui o que analisa as orações com *como*, *onde* e *sem que*. Vamos a esses trechos:

43. COMO CAUSAL  
**Como** Sofia não confessasse nada, Rubião chamou-lhe de bonita”
49. ORAÇÃO COM *COMO*
- Pode ser substantiva:  
 Ex.: Ignoro *como* vives. – Substantiva objetiva direta.  
 O “como” não é conectivo no caso. É advérbio interrogativo de modo.  
 Pode ser adverbial:
- a) Conformativa (se é igual a conforme).  
 b) Causal (se é igual a porque e vem antes da principal).  
 Ex.: *Como choraste*, vou-me embora.  
 c) Comparativa:  
 Exs.: Vive como um rei (vive).  
 Ele é tão feliz como o pai (é).  
 Trabalha como se fosse o dono da casa.  
 – comparativa condicional (estabelece uma comparação hipotética)
50. ORAÇÃO COM *ONDE*
- Pode ser adjetiva.  
 Ex.: Essa é a casa *onde* nasci. – (na qual nasci)  
 Pode ser substantiva.  
 Ex.: Quero saber *onde* nasceste – (substantiva objetiva direta)  
 Pode ser adverbial locativa.  
 Ex.: *Onde* me espetam fico.
51. ORAÇÃO COM *SEM QUE*
- Sem que = se não – Adverbial *condicional*  
 Ex.: Sem que se esforce, não conseguirá bom resultado.

Sem que – de tal maneira que não – Adverbial *consecutiva*

Exs.: Não fala *sem que diga três bobagens*.

Vive *sem que seja importunado*.

Sem que – ainda que não – Adverbial *concessiva*

Ex.: Farei tudo *sem que me peças*.

Não se vê, em momento algum, alusão às orações adverbiais modais, nem mesmo nas seções em que é comum a presença das modais, como nas orações com *como* e *sem que*.

Nem no estudo das orações reduzidas – de infinitivo e de gerúndio – em que normalmente se encontram as orações modais, há alusão a elas. Segundo Walmírio Macedo, as orações reduzidas de infinitivo podem ser:

- *Substantivas:*

Julguei *seres o culpado*. = objetiva direta;

Maria não gosta *de seres tão mau*. = objetiva indireta;

Nosso propósito é *vê-lo feliz*. = predicativa;

Lembro-te a necessidade de *vires a minha casa*. = completiva nominal;

Um fato deixou-me apreensivo: *Terem os alunos faltado à aula*. = apositiva.

- *Adverbiais:*

*Apesar de seres meu amigo*, não te dou apoio. = concessiva;

*Ao chegar*, todos me saudaram. = temporal.

- *Adjetivas:*

Não sou pessoa *de ter duas palavras*. (*que tenha duas palavras*) = restritiva.

As orações reduzidas de gerúndio podem ser:

- *Adverbiais:*

*Não estudando*, foste reprovado. = causal;

*Não estudando*, serás reprovado. = condição

Nesses casos, chama a atenção para o verbo no pretérito e no futuro: não há o que se falar em causa de um fato que ainda não aconteceu. O verbo no passado marca que o gerúndio pode indicar a causa do fato principal: *Como não estudaste*, foste reprovado. / Foste reprovado *porque não estudaste*. Já o verbo no futuro marca que o gerúndio denota a condição para a realização do fato principal: *Caso não estudes*, serás reprovado. / Serás reprovado, *se não estudares*.

*Adjetivas:*

Vi os meninos *chorando muito*. (que choraram muito)

Encontrei-os *jogando*. (que jogavam)

A singularidade foi a citação às orações adverbiais *locativas*, em ORAÇÃO COM *ONDE*, já que Walmírio Macedo segue basicamente a *NGB*. De qualquer modo, estão registradas as orações adverbiais locativas.

### 6.5.3 Adriano da Gama Kury

Adriano da Gama Kury (1964), já em sua *Pequena gramática para explicação da nova NGB*, refere-se, no item (g) da p. 108, às orações modais, tanto na sua forma desenvolvida como na sua forma reduzida, esta não só de gerúndio, mas também de infinitivo; e, no item (l) da p. 109, às orações locativas, (estas sempre justapostas). Estão transcritos a seguir os exemplos dado pelo mestre:

**187. Orações subordinadas adverbiais:**

[...]

g) Modais -

1) desenvolvidas: Ele saiu [sem que ninguém percebesse].

2) reduzidas:

a) de infinitivo: "Retirou-se [sem verificar se o inimigo desaparecera].";

b) de gerúndio: "O ladrão abriu a porta [servindo-se de gazua]."

[...]

l) Locativas (sempre justapostas = sem conectivo): "[Onde me espetam], fico" – "Para ir [onde ela mora], / são caminhos e caminhos." – "O gado já saía [donde estava]".

Observa Adriano que a *NGB* não inclui em sua classificação, *injustificadamente*, as orações modais e remete o item (g) à observação 3, o que se faz necessário transcrevê-la abaixo, para que se possa entender mais claramente o pensamento de Gama Kury:

Obs. 3 – Embora tenhamos procurado, como se tem visto no decorrer deste livro, conformar-nos com o que determina a *NGB*, parece-nos que não há justificativa para a exclusão das orações modais. Se a ilustre comissão resolveu adotar, ao que parece, a classificação de Said Ali (GS<sup>2</sup>, 187 segs.), destacando apenas, das comparativas, as conformativas (Id., ib., 201), não lhe terá ocorrido, entretanto, que noutra local (pág. 248), o mesmo Mestre, ao tratar do emprêgo do gerúndio, mostra que a oração reduzida de gerúndio pode denotar, além de tempo, condição, concessão, causa, também o modo. E, conforme se pode ver da nossa exemplificação, há igualmente orações modais desenvolvidas, e reduzidas de infinitivo, as quais de maneira nenhuma se identificam às conformativas ou às comparativas. Cf., ainda, o

nosso 2º modelo de análise sintática – Assim, vimo-nos forçado a incluir a classe das orações modais (nas quais se englobam as de meio e instrumento).

Do mesmo modo, ao citar as locativas no item (1), o professor remete-o à observação 5, também transcrita abaixo:

Obs. 5 – Não nos foi possível, apesar do nosso desejo de seguir à risca a *NGB*, encontrar nela classificação que englobasse as ‘locativas’, que aqui incluímos com a devida ressalva. Cf. O. Guterres da Silveira, *Orações subordinadas sem conectivo*.

Percebe-se, desde a primeira publicação do autor a respeito do assunto, sua posição contrária à *NGB*. Em outro momento, da primeira edição de *Lições de análise sintática* (1961), até à edição de *Novas lições de análise sintática* (2001), Kury ratifica seu ponto de vista de forma ainda mais incisiva. Esta outra abordagem sobre as locativas e modais pode-se ler nos trechos abaixo:

**144.** 8) ORAÇÕES LOCATIVAS – Equivalem a um complemento adverbial de lugar. Apresentam-se sempre como desenvolvidas sem conjunção, introduzidas pelo advérbio *onde* (combinado ou não com preposição):  
 “Os mortos ficam bem [onde caem].” (M. de Assis, *MA*, 10)  
 “Para ir [onde ela mora], / são caminhos e caminhos.” (Alberto de Oliveira)  
 “Precipitou-se [para onde mais cerrado fervia o pelejar].” (Herc. *Eur.*, cap. )  
 “[Por onde ele atravessava], nem as fileiras se uniam nem os godos achavam adversários.” (Id., *ibid.*)  
**Nota** – Estas orações não figuram na *NGB*.

Kury não tece muitos comentários a respeito das locativas, apresenta-as e destaca a não inclusão delas na *NGB*. Já em relação às modais, o professor é mais crítico e detalhista:

**145.** 9) ORAÇÕES MODAIS – Equivalem a um adjunto adverbial de modo. Expressam a maneira, o meio pelo qual se realiza o fato enunciado na oração principal. A *NGB* não inclui as modais entre as orações subordinadas adverbiais. Em que classificação se enquadram então as orações que assim vinham sendo indevidamente chamadas?

“Em que classificação se enquadram então as orações que assim vinham sendo indevidamente chamadas?” Com essa pergunta, Adriano da Gama Kury questiona a classificação dada pela *NGB*, com a qual não concorda, chegando a dizer que não há como justificá-la; ao responder à pergunta, demonstra, dentro da classificação oficial, onde foram enquadradas as modais e segue analisando cada uma delas.

1) Entre as comparativas, as que são encabeçadas pela conjunção *como* com valor de *tal qual*, *assim como*, *do mesmo modo que*:  
 “Eu deixo a vida [como deixa o tédio / Do deserto o poento caminheiro].”

A propósito consulte-se Oiticica, *MA*, pág. 67.

2) Entre as conformativas, as que são introduzidas por *como* com a significação de *conforme*, *segundo*, *consoante*:

“A voz dele, [*como* dizia o pai], era muito mimosa.

A esse respeito, consultem-se Said Ali, *GS*, pág. 201, e Oiticica, *MA*, pág. 65.

3) Entre as consecutivas, as que se iniciam com as locuções *de modo que*, *de sorte que*, *de forma que*:

“Todos estavam exaustos, [*de modo que* se recolheram logo].”

4) Entre as concessivas, nalguns casos, as que começam pela locução *sem que*, sinônimo de *embora não*, *ainda que não*:

“Todos os dias vêm ao mundo marrecos, perus e pintos [*sem que* isso ponha comichões na pena dos novelistas].”

Note-se que locução *sem que* tem outros valores: condicional, (= se não), consecutiva (= que não) (V. exemplos anteriores)

O Mestre chama a atenção de que é admissível, na maioria dos casos, desviar para a classificação das concessivas as orações de *sem que* aparentemente modais, embora reconheça que, em alguns casos, fique um tanto forçado esse sentido concessivo e exemplifica:

“[*Sem que* eu desse fé], foi à sala de jantar, e arrebatou-me as famosas xícaras de Sèveres.” (Marques Rebelo, *SAP*, 105);

“Depois, os desconhecidos partiam [*sem que* ninguém ousasse atalhar-lhes os passos].” (Herculano, *Eur.*, cap. IX.)

Mas em alguns exemplos, continua o professor, não é possível, por mais boa vontade que se tenha, deixar de reconhecer o valor modal das orações desenvolvidas introduzidas pela locução *sem que*, ou as suas equivalentes reduzidas de infinitivo introduzidas pela preposição *sem*; e ilustra com alguns exemplos:

“Em casa estudo à vontade, [*sem que* ninguém me perturbe].”;

“Cavalguei [*sem* dizer palavra].” (Herc., *MC*. 35);

“Cheguei-me a ele [*sem que* me sentisse].” (Id. *Ibid.*, 22);

“Sentiu vontade de passar os dias longe da vida, lendo, [*sem* pensar mais nada].”

(R. Braga, *Q.*, 75.);

“Retirou-se à francesa, isto é, [*sem* se despedir de ninguém].”

Em seguida são exemplificadas as orações modais reduzidas de infinitivo introduzidas pela preposição *com*:

Há igualmente modais reduzidas de infinitivo introduzidas pela preposição *com*:

“Nem vos tome nunca a tentação de largardes as vossas tarefas úteis, [*com* dizer] que os frutos do vosso esforço e trabalho outros os hão de colher e não vós.”

(Latino Coelho, “O califa e o plantador de árvores”.)

Logo após, o professor dedica-se à análise das orações modais reduzidas de gerúndio e, nesse momento, diz ser mais estranho ainda o fato de essas orações estarem omissas na



*NGB*, pela frequência com que o gerúndio exprime o *modo* ou o *meio* e cita o ensinamento do Mestre Said Ali, que já foi abordado anteriormente, mas que se repete abaixo na escrita de Adriano da Gama Kury:

Ainda mais estranhável foi a omissão das orações adverbiais modais, pela frequência com que o gerúndio exprime o modo ou o meio. Ouçamos a Said Ali:  
 “Com o gerúndio absoluto constituem-se orações implícitas [= reduzidas] de várias espécies... Muitas vezes o gerúndio denota o MODO, meio ou instrumento :  
 Muitos dos naturais de Cochim se passavam do reino a outras partes, *fugindo* de noite em barcos. (J. de Barros).  
 A disciplina militar prestante não se aprende, senhor, na fantasia, *sonhando, imaginando, ou estudando*; senão *vendo, tratando e pelejando*. (Camões)  
 Escreveu a dissertação empregando tinta encarnada.  
 O ladrão abriu a porta servindo-se de gazua.  
 Os Mouros se afastaram do navio remando a toda pressa”  
 (*Gramática Secundária*, p. 248)

E ainda este outro passo:

“As proposições de caráter adverbial podem-se expressar pela forma explícita, excetuadas as de MODO, meio ou instrumento, para cuja enunciação nos valem sempre da ORAÇÃO GERUNDIAL” (Id, *ibid.*, 183)

O professor Adriano segue a explanação, defendendo seu ponto de vista argumentando contra os que se opõem ao seu pensamento:

Alega-se que o gerúndio, nesses casos, não forma oração: será simples adjunto adverbial de modo, pois continua com o mesmo valor, o ablativo latino de que se origina.  
 O argumento não nos parece ter qualquer solidez: a análise sintática é estrutural, não histórica; se se admitem orações reduzidas de gerúndio causais, condicionais, temporais, por exemplo, é porque, no período, exercem a função de adjunto adverbial de causa, condição, tempo; e o mesmo raciocínio se deve fazer para as modais de gerúndio: são orações porque contêm um verbo que forma predicado; adverbiais modais porque têm no período a função de adjunto adverbial de modo.

Conforme o professor nos mostra, não há mesmo nenhuma dúvida de que foi realmente um equívoco essas orações não figurarem na classificação dada pela *NGB* às orações adverbiais. É o que ele conclui:

Que importa, para a análise da estrutura da frase, que umas remontem ao latim, e outras tenham formação românica?  
 Parece-nos, pois, de toda a conveniência rever, neste como noutros pontos, a *NGB*.

Por fim, o Mestre ratifica todo o seu posicionamento, como se pode ler abaixo:

Para se aquilatar a frequência desse tipo de orações, transcrevemos, ainda, alguns exemplos extraídos, quase ao acaso, de autor contemporâneo (Godofredo Rangel, *Vida Ociosa*):  
 “E [*tropeçando* no escuro], aos tombos, aflitos, a olhar para trás, fugimos [*correndo*] quanto podíamos.” (112);

“Então, [*recobrando* alento], pudemos gemer as nossas contusões, e, [*acendendo* pedaços de taquara e palha de pinheiro], conseguimos achar o caminho da fazenda.” (Id., *ibid.*)  
 E, esperto na sua placa, [*revivendo* também antiqüíssimas memórias], ilusão de um retrocesso ao bons tempos, o papagaio quebrou sua obstinada nudez, [*clamando* em falsete estridente]” (Id., *ibid.*)

Como se percebe, Adriano da Gama Kury realizou, talvez, o mais contundente e abrangente estudo sobre as orações modais. Seu ponto de vista é transparente, seu raciocínio é perfeito e sua explanação é clara o suficiente para dirimir qualquer dúvida quanto à classificação desse tipo de oração, as orações subordinadas adverbiais modais.

#### 6.5.4 Evanildo Bechara

Já se sabe que Bechara (2000) enumera dez tipos de orações adverbiais: causais, comparativas, concessivas, condicionais, conformativas, consecutivas, finais, proporcionais, temporais e modais, respectivamente. Cabe aqui analisar as orações modais, o que se faz a seguir. Vamos ao fragmento:

**22 – Tipos de oração adverbial** – A oração adverbial funciona como adjunto adverbial da sua oração principal:

Toca sempre a sineta, *quando terminam as aulas*  
 (subordinada adverbial temporal)

As orações subordinadas adverbiais conectivas iniciam-se pelas conjunções subordinativas adverbiais que são:

[...]

10 – *modais* (não arroladas pela *Nomenclatura* oficial): quando a oração subordinada denota o modo da ação expressa na principal: *sem que*:

Saiu *sem que chamasse seus colegas*.

#### **23 – Análise de SEM QUE**

De modo geral, tem-se enquadrado a locução *sem que* no grupo das chamadas “conjunções condicionais”. A verdade é que a locução assume variados sentidos contextuais, entre os quais lembrarei:

- 1) *condição* (subordinada condicional)  
*Sem que estude, não passará.*
- 2) nega uma consequência (subordinada consecutiva)  
*Estudou sem que conseguisse aprovação.*
- 3) exprime uma *consequência* esperada (depois de negativa)  
*Não brinca sem que acabe chorando.* (todas as vezes que brinca acaba chorando)
- 4) exprime uma *concessão* (subordinada concessiva):  
*Ele é responsável, sem que o saiba, por todas essas coisas erradas.*
- 5) Nega uma causa, chegando quase a exprimir *concessão* (subordinada causal ou concessiva)

Estudou *sem que seus pais lho pedissem* (nega-se a causa ou uma das causas do estudo: o pedido dos pais, vale quase por: *estudou ainda que seus pais lho pedissem*).

- 6) denota simplesmente que tal ou qual circunstância não se deu, aproximando-se da idéia de *modo* (subordinada modal):

Cavalgou *sem que dissesse uma palavra*.

Entrou em casa *sem que tomasse nenhum alimento*.

Retirou-se *sem que chamasse seus colegas*.

A *Nomenclatura Gramatical Brasileira*, entretanto, desprezou as orações modais.

Em lugar de *sem que* pode-se usar também de *sem + infinitivo*:

Saiu *sem ser preciso*.

Estes foram os melhores teatrólogos, *sem falar* em Machado de Assis e Franklin Távora, mais ilustres no romance e no conto.

Em lugar de *sem que*, depois de uma principal de valor negativo, usa-se também *que não*, para indicar que a conseqüência se dá a todo o transe, se repete sempre que ocorrer o fato expresso na principal (o verbo da subordinada está no subjuntivo):

Não brinca *sem que acabe chorando*.

Não brinca *que não acabe chorando*.

“Eu não posso abrir um livro de história *que não me ria*” (GARRET, *Viagens na Minha Terra*, II, 225)

OBSERVAÇÃO: Alguns autores dão à construção *não...que não* valor condicional. Cf. ALFREDO GOMES, *Gramática Portuguesa*, 19.<sup>a</sup> ed., 420 e MÁRIO BARRETO, *Fatos da Língua Portuguesa*, 48-9.

Em seguida, Bechara expõe o estudo das orações reduzidas em que se podem encontrar as orações *modais*, as *locativas*, as com valor de *meio* e *instrumento*.

São reduzidas as orações que “apresentam o seu verbo (principal ou auxiliar, este último nas locuções verbais), respectivamente, no *infinitivo*, *gerúndio* e *particípio* (reduzidas infinitivas, gerundiais e participiais)”.

Antes de efetivamente abordar o assunto, o Mestre abre uma nota sobre a *Nomenclatura Gramatical* em que afirma haver duas maneiras de se conceituar a oração reduzida. A primeira, mais tradicional e “seguida pela maioria de nossos mestres”, considera *reduzida* toda oração que tenha infinitivo, gerúndio e particípio, independentes de uma locução verbal ou de certas construções de infinitivo substantivo ou qualificativo como *recordar é viver*, *sala de jantar*. “A segunda, levando em conta o problema histórico, considera dois empregos das formas nominais: um como *nome* e outro como *verbo*”. Destarte, não há adjetivas reduzidas de particípio nem reduzidas de gerúndio com valor de modo, meio e instrumento, porque, em ambos os casos, o particípio e o gerúndio assumem valores nominais. Bechara segue o critério tradicional, por considerá-lo mais coerente e oferecer maior “comodidade didática”. Segue o estudo das orações adverbiais reduzidas.

## 5 – Orações adverbiais reduzidas

Têm o verbo, principal ou auxiliar, no:

C) *infinitivo*: caso em que, normalmente, se emprega o verbo regido de preposição adequada. Para o desdobramento da reduzida em desenvolvida basta substituir a preposição ou locução prepositiva por uma conjunção ou locução conjuntiva do mesmo valor e pôr o verbo na forma finita. É de toda conveniência conhecermos as principais preposições que correspondem a conjunções subordinativas adverbiais, porque isso melhor nos adentra na plástica da sintaxe portuguesa:

[...]

3) para as condicionais (e *hipotéticas*)

c) *a*:

“... houve quem visse, ou fingisse ver, um notável reflexo, *que a ser verdadeiro* devia nascer das muitas luzes que provavelmente estariam acesas” (ALEXANDRE HERCULANO, *Fragmentos*, 83).

No seguinte trecho vale por uma comparativa hipotética do tipo de *como se* ou modal:

“... depois veio a mim, que estava sentado, deu-me pancadinhas na testa, com um só dedo, *a repetir*: – Isto, isto – e eu não tive remédio senão rir também, e tudo acabou em galhofa” (MACHADO DE ASSIS, *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, 209).

[...]

6) para iniciar orações *locativas* reduzidas (correspondem a orações justapostas)

“Filha, *no muito possuir* não é ainda posta a felicidade, mas sim *no esperar e amar muito*” (CASTILHO *apud Seleta Nacional*, I, 37).<sup>2</sup>

<sup>2</sup> Pode-se enquadrar esse tipo no § 7,a).

7) para as idéias de meio e instrumento:

a) *com*:

“... até o (D. Afonso) induzirem a manda-lo (D. Pedro) sair da corte, ao que D. Pedro atalhou *com retirar-se* antes que lho ordenassem” (ALEXANDRE HERCULANO, *ibid.*, 91).

[...]

d) *de*:

“Eu não sou, minha Nise, pegureiro,  
Que viva *de guardar alheio gado*” (GONZAGA, *Poesias*, ed. R. LAPA, I, 15)

D) *gerúndio* e aí equivale a:

[...]

5) uma oração que denota modo, meio, instrumento:

“Um homem agigantado e de fera catadura saiu da choupana *murmurando* sons mal articulados” (ALEXANDRE HERCULANO, *Eurico, o Presbítero apud* EPIFÂNIO DIAS *Sintaxe Histórica* Portuguesa, § 316, b,1).

“E não os (destino) podia realizar senão *ceifando cidades em lugar de farragiais e enfeixando com a mão robusta povos*” (CASTILHO, *Fastos apud* EPIFÂNIO DIAS, *ibid.*, 2)

Notável, como sempre, Evanildo Bechara faz um profundo estudo das orações adverbiais, analisando tanto aspectos semânticos quanto sintáticos. Reconhece, portanto, a existência das orações locativas, modais, das com valor de meio e instrumento e não podia deixar de comentar o equívoco de a *NGB* não incluí-las na classificação das adverbiais.

### 6.5.5 José Carlos de Azeredo

José Carlos de Azeredo (2001) fez, igualmente, um estudo bastante apurado sobre as modais. Sempre sob a ótica funcionalista, ao fazer um estudo da estrutura sintagmática do português, no parágrafo denominado *SAdv e transposição: as orações adverbiais*, o professor faz um importante comentário sobre essas orações. Já na definição, Azeredo apresenta a diferença na formação dos sintagmas adverbiais, todos formados por transposição, sendo que um tendo como instrumento dessa transposição as conjunções e o outro, o gerúndio:

#### B) *SAdv e transposição: as orações adverbiais*

Formam-se por transposição os SAdv oriundos de orações. O instrumento dessa transposição são as conjunções. Outro tipo de transposição adverbial é o que constitui o gerúndio.

Chamam-se tradicionalmente ‘orações adverbiais’ os SAdv transpostos por intermédio de conjunção. As seguintes orações adverbiais – em grifo nos exemplos – se distinguem das adjetivas e das substantivas por sua maior flexibilidade posicional no contexto do período.

328 a – O tatu sai em busca de alimento *quando anoitece*

328 b – *Quando anoitece*, o tatu sai em busca de alimento.

328 c – O tatu sai, *quando anoitece*, em busca de alimento.

329 a – *Se a chuva aumentasse*, o rio certamente alagaria a cidade.

329 b – O rio, *se a chuva aumentasse*, certamente alagaria a cidade.

Nos exemplos acima, os períodos são constituídos de uma oração base modificada pela oração adverbial. A oração adverbial ocorre livremente antes ou depois da oração base e em algumas fronteiras sintagmáticas no interior dela.

O professor mostra, com estes exemplos, que as orações adverbiais se acham à margem da oração principal, que subsiste sintaticamente sem elas. Acrescenta que as adverbiais exprimem, sintaticamente, ou circunstâncias, como em 328 (circunstância de tempo) ou modalidades diversas “relativamente ao conteúdo da oração base” (causa, oposição, finalidade, resultado, etc.), como em 329 (modalidade de condição). Faz, ainda, uma observação quanto às gramáticas tradicionais classificarem as adverbiais por ordem alfabética, não levando em conta as propriedades formais, distribucionais ou semânticas dessas orações.

Adverte que, formalmente, as gramáticas não têm ido além da distinção entre desenvolvidas e reduzidas conectivas e justapostas. Critica essa classificação apenas por ordem alfabética, afirmando que em nada ela esclarece sobre as propriedades semânticas linguisticamente relevantes das orações adverbiais. Por fim, propõe uma nova classificação, que as distribui em cinco grupos baseados nos conteúdos expressos pelas orações,

caracterizados, cada um, por um sentido genérico fundamental, a saber: (a) situação/movimento, (b) causa, (c) modo, (d) contraste e (e) resultado. Faz uma análise detalhada de cada grupo. Aqui serão abordados o primeiro grupo – situação/ movimento – em que nele se incluem as *locativas* – e o terceiro grupo, o que expressa *modo*.

- *Situação/movimento*

Pertencem a esse grupo as orações que exprimem as circunstâncias de tempo e de espaço referidas ao conteúdo da oração base. São elas as *temporais* e as *proporcionais* (tempo) e as *locativas* (espaço).

330 – *Quando chega o verão*, as praias inflamam de turistas (tempo)

331 – *À medida que se aproxima o verão*, as praias recebem mais turistas (tempo)

332 – Eles só vão armar a barraca *onde não haja poluição* (espaço)

As circunstâncias de tempo e espaço acham-se estreitamente relacionadas, tanto que se exprimem geralmente por meio das mesmas preposições: ‘estamos *em junho*’ (situação no tempo), ‘estamos *em Petrópolis*’ (situação no espaço), ‘eles trabalham *de sol a sol*’ (movimento no tempo), ‘eles voaram *de Minas a Brasília*’ (movimento no espaço). [...]

Os conectivos ‘quando’ e ‘onde’ exprimem, respectivamente, situação no tempo e no espaço. [...]

- **Modo**

As orações deste grupo expressam dois conteúdos cuja afinidade vem ilustrada em 362 e 363:

362 – Eles trabalham na fábrica como declararam

363 – Eles trabalham na fábrica, como declararam

Em 362 ‘como declararam’ equivale a uma caracterização do predicado ‘trabalham na fábrica’ e pode dar lugar a ‘de uniforme’, ‘em más condições’, ‘dedicadamente’, modificadores que denotam *modo* de trabalhar. Este ‘como’ é modal.

Em 363, a construção de ‘como’ refere-se a uma conformidade entre o dado da realidade e o conteúdo da enunciação verbal. 363 pode ser parafraseado por ‘Eles declararam que trabalham na fábrica, o que é verdade’. Este ‘como’ é *conformativo*.

Há entre essas duas construções de ‘como’ duas importantes diferenças: uma, semântica, a que nos referimos, e outra, sintática. A construção modal integra o predicado e descreve o modo pelo qual se manifesta o conteúdo desse predicado; a construção conformativa integra o período e tem ao seu lado a oração base, à qual modifica à maneira de um modalizador como *aparentemente, de fato etc.*

364 – *Conforme declararam*, eles trabalham na fábrica

365 – *De fato*, eles trabalham na fábrica.

366 – *Segundo parece*, eles trabalham na fábrica

367 – *Aparentemente*, eles trabalham na fábrica

Azeredo destaca o fato de as orações modais não terem a mobilidade típica das orações adverbiais. O deslocamento de *como declararam* só é possível na interpretação conformativa mostrada em 363.

Em seguida, Azeredo faz uma análise das orações modais em relação à *NGB*, como mostrado a seguir:

Em gramáticas escritas ainda no início do século, essas orações foram chamadas modais. Com a Nomenclatura Gramatical Brasileira, umas passaram a chamar-se ‘conformativas’ e outras ‘comparativas’.

Alguns exemplos dados por Bechara, Celso Cunha e A.G. Kury, contudo, não deixam ver clara a diferença entre umas e outras: ‘Conseguiu fazer o trabalho, *como lhe ensinaram*’ (conformativa, segundo Bechara), “Não lhe restava senão uma esperança: a de morrer

rodeado dos entes que amava, cercado de sua família, *como um fidalgo português devia morrer, com honra e coragem*” (conformativa, segundo Celso Cunha), “Eu deixo a vida *como deixa o tédio / Do deserto o poento caminheiro*” (comparativa, segundo A.G. Kury).

Depois, Azeredo chama a atenção para o fato do caráter comparativo dessas construções ser uma particularização da ideia geral de *modo* que se pode depreender do seguinte par de exemplos: “Ele nada como um peixe (cf. Ele nada velozmente) / Eles dançam como quem flutua (cf. Eles dançam com muita leveza)”.

O Mestre também faz uma releitura de A.G. Kury em função das críticas que este faz ao abandono pela *NGB* das classes das *modais*. Lembra o que Kury diz em relação a um grupo de orações que só podem ser classificadas como *modais*: as orações introduzidas pela locução *sem que*, ou as respectivas reduzidas, introduzidas pela preposição *sem*: “Em casa estudo à vontade, *sem que ninguém me perturbe*; Cavalguei *sem dizer palavra*” (Kury, 1985, p.101). Kury também afirma serem distintas as classes das *comparativas* e *conformativas*, ainda que, às vezes, confundem-se: “Se o *como* for substituível por *conforme*, a oração será conformativa; e será comparativa quando o *como* corresponder a *assim como, qual*” afirma A.G. Kury. Azeredo acredita que apenas essa substituição, de *como* por *conforme*, seja pouco esclarecedora, visto que esta conjunção também pode assumir valor comparativo e cita um exemplo dado por Celso Luft para as conformativas: “ ‘Conforme é o pássaro, assim é o ninho’ (Luft, 1986, p.61)”.

Por fim, o autor conclui que a classificação de conformativa deve limitar-se às orações que possam ser deslocadas para antes da oração base, a oração principal, sem que se possa fazer uma correlação com conectivos *assim como, ... assim ...* que, para ele, são exclusivos da comparação, visto que esse deslocamento, ainda para o Azeredo, não é possível para as *modais*.

Ainda, apresenta um estudo dos sintagmas adverbiais que têm como base um gerúndio, *as construções gerundiais*. Veja-se o trecho:

c) *As construções gerundiais*

Os sintagmas adverbiais que têm por base um gerúndio ocorrem no enunciado, assim como outros SAdv, nos papéis de modalizador e circunstancializador. Como modalizadores, constituem às vezes expressões um tanto cristalizadas de encadeamento do discurso: ‘*Pensando bem*, essa chuva até que veio na hora certa’, ‘*Mudando de assunto*, a sua irmã já se casou?’, ‘*Parafraseando Pascal*, o coração dá motivos de sobra para uma loucura dessas’. Nesses exemplos, o SAdv modifica a oração que se segue.

Segue dizendo que os circunstancializadores modificam tanto orações quanto predicados. Os que modificam orações denotam em geral *tempo*, *causa*, *concessão*, *condição* ou *meio*, normalmente precedem a oração que modificam; os que modificam predicados tendem a expressar *oposição*, *adição*, *consequência*, *modo* e se posicionam preferencialmente após o verbo. Adiante apresenta um estudo dos *modificadores nominais* e dos *modificadores verbais*, sendo este último o que nos interessa. Vejamos:

- *Modificadores verbais*

403 – “Tudo ia *correndo* bem” (Sabino, 1979, p.71)

404 – “Ora, eu estava assim um dia, *sonhando*, de olhos abertos... quando o ar de nossa sala foi cortado pelo vôo da gaivota...” (Nava, 1973<sup>a</sup>, p.65)

405 – “Corri à janela e na rua deserta e cheia de sol, vi minha prima Amair *apressando* os passos, *deixando* nossa calçada e *atravessando* a rua em direção de sua casa.” (Nava, 1973<sup>a</sup>, p.65)

406 – “Eu vi um tumulto se fechar e, *correndo* para o teu lado, uma mulher de blusa aberta. (Machado, 1976, p.162)

407 – “A tão sublime doideira, os poderes constituídos responderam com providências enérgicas, *lançando* os gêmeos do alto de um penedo.” (Andrade, 1977, p.106)

408 – Tateei o couro cabeludo, *forcejando* por descobrir lá embaixo as suturas e as saliências.” (Ramos, 1976, p.180)

O valor genérico desses gerúndios é ‘modo’. Modificadores verbais, já que integram o SV, esses gerúndios se referem a SNs que funcionam como sujeito ou como objeto (exceto, obviamente nas orações sem sujeito, como ‘Está chovendo’). Observe-se a semelhança deles com os SAdjs: ‘Ele vive *sonhando*/Ele vive *doente*’, ‘Encontrei-a *chorando*/encontrei-a *feliz*. [...]

Assim, o Mestre conceitua as orações adverbiais modais, tanto na forma desenvolvida, como na forma reduzida de gerúndio e as orações locativas, estas na forma desenvolvida.

#### 6.5.6 Claudio Cezar Henriques

Claudio Cezar Henriques (2003) classifica as orações adverbiais, a princípio, conforme a *NGB*. Todavia, ao abordar as orações adverbiais sem conjunção (p. 126, 10), assinala não só a existência das orações modais, dentre as adverbiais, como também a de várias outras que não se encontram classificadas na *NGB*, mostrando, com isso, que as orações adverbiais não se restringem apenas aos nove tipos listados na *NGB*. Escreve o professor:



## 10. Adverbiais sem conjunção

Os nove tipos de oração adverbial citados pela NGB têm em comum a existência de uma conjunção subordinativa. A análise do relacionamento sintático entre as orações mostrará, porém, que as adverbiais não se restringem à listagem da NGB. Vejamos alguns desses casos: Moro numa rua deserta. X Moro onde não mora ninguém.

→ Os trechos sublinhados têm a mesma função sintática: adj. adv. de lugar

Vou à praia com minha família. X Vou à praia com quem me dê carona.

→ Os trechos sublinhados têm a mesma função sintática: adj. adv. de companhia  
Falarei sobre Literatura. X Falarei sobre quem você mais admira.

→ Os trechos sublinhados têm a mesma função sintática: adj. adv. de assunto  
Jogo sinuca contra qualquer um. X Jogo sinuca contra quem quiser.

→ Os trechos sublinhados têm a mesma função sintática: adj. adv. de oposição  
Partiremos com lágrimas nos olhos. X Partiremos chorando.

→ Os trechos sublinhados têm a mesma função sintática: adj. adv. de modo

Orações desse tipo, embora não sejam introduzidas por conjunções, são adverbiais. Por isso, devem ser analisadas normalmente, apenas com a ressalva de serem justapostas, classificação que se aplica a qualquer oração desprovida de conectivo, como ocorre com estas outras estruturas adverbiais:

Exs.: Não fora eu um exímio bailarino, teria sido acertado pelas balas.

→ condicional (mais-que-perfeito em lugar do imperfeito do subjuntivo)

Há/Faz muitos meses (que) não nos encontramos.

ou Não nos encontramos há/faz muitos meses.

ou De/ Desde há muitos meses (que) não nos encontramos.

ou Até há quinze minutos eles estavam nessa sala.

ou Ainda há/faz duas semanas nós estivemos juntos.

→ temporal (o “que” é expletivo, e a oração não sublinhada deve ser classificada como principal.

(a) Vais embora sem as minhas despedidas?

(b) Vais embora sem que me despeças de ti?

(c) Vais embora sem me despedir de ti?

→ Nesse caso, o adjunto adverbial de modo está apresentado de três formas diferentes: na letra (a), como um termo da oração; na letra (b) como uma oração desenvolvida com conectivo (o verbo não é forma nominal e *sem que* é a locução conjuntiva); na letra (c) como uma oração reduzida (o verbo é forma nominal e não há conectivo).

Nota-se que o professor Claudio Cezar Henriques amplia bastante o leque das orações adverbiais. Reconhece não só a oração modal, como também as orações que expressam outras circunstâncias, como as *locativas*, as *de companhia*, as *de assunto*, *de oposição*, e outras.

No estudo das orações reduzidas, o Mestre não apresenta muitas novidades. Cita os três tipos de orações reduzidas exemplificando cada caso. Abaixo, mostra-se apenas a classificação das orações reduzidas:

- Reduzidas de Infinitivo:

Substantivas: subjetiva, predicativa, objetiva direta, objetiva indireta, completiva nominal e apositiva;

Adjetivas (sempre regidas por *a* ou *de*);

Adverbiais: causal, concessiva, condicional, consecutiva, final e temporal.

- Reduzidas de Gerúndio:

Coordenadas: aditiva e adversativa;

Adjetivas;

Adverbiais: causal, concessiva, condicional, e temporal.

- Reduzidas de Particípio:

Adverbiais: causal, concessiva, condicional, e temporal.

Vê-se que não há referência às orações modais dentre as orações reduzidas. Entretanto, o professor reconhece a existência de certas orações reduzidas que, sem correspondentes desenvolvidas, exprimem circunstâncias que não possuem conjunções correspondentes. Seguem alguns exemplos:

- Aquela mulher segue a vida [cantando]. Adverbial modal, reduzida de gerúndio;
- [Em vez de acompanhar a família], ele fica jogando bilhar. Adverbial de substituição, reduzida de infinitivo (*em vez de* é locução prepositiva);
- Sua família não tinha outra alternativa, [a não ser rezar]. Adverbial de exceção, reduzida de infinitivo (*a não ser* é locução denotativa de exceção).

O professor Claudio Cezar foi além dos seus colegas. Mostrou que as diversas circunstâncias expressas pelo advérbio podem ser expressas também na sua forma oracional. Apresentou uma boa gama de exemplos para comprovar sua teoria e, acreditamos, poderia ter apresentado um rol mais extenso, se assim fosse necessário.

## 6.6 Do *CORPUS*:

Mantendo-se o mesmo critério adotado no capítulo 6 para as orações com valor de agente da passiva, retiram-se trechos dos jornais O Globo e JB e das revistas Veja e CartaCapital, todos *online*, em que se constata o uso e o funcionamento das orações adverbiais modais e locativas. Para compor o *corpus*, manteve-se o mesmo quantitativo do definido para o capítulo 6 – cinco recortes de cada periódico, neste caso, para cada tipo de oração: modais e locativas respectivamente.

## 6.6.1 O Globo online

### 6.6.1.1 Adverbiais Modais

21. [...] — Jogar logo depois da Davis, sem muito descanso nem tempo para se adaptar é difícil. Foi uma vitória da raça, porque aqui a quadra está mais rápida, a bolinha é outra, **ganhei como pude**, mesmo não apresentando um bom tênis. Agora é treinar para se adaptar mais rápido para a próxima partida - explicou Rogerinho. [...]

*In* <http://oglobo.globo.com/esportes/rogerinho-silva-passa-da-primeira-rodada-em-campinas-6130378>

22. [...] Hermano tinha me dito que a gente fechava o blog e ele ficava ali aberto a visitação, **como se fosse um museu**, embora ninguém pudesse mais postar comentários ou o que fosse. Quando li que ele nada encontrara ao procurá-lo, pensei que fosse uma brincadeira. Mas senti que o tom era mais para o sério. Fui conferir. De fato não se vê mais nada. [...]

*In* <http://oglobo.globo.com/cultura/blog-6034761>

23. [...] O gol não abateu o Botafogo, que cresceu em campo em busca do empate, que veio cinco minutos depois. Bruno Mendes **passou como quis** por Dedé na direita e cruzou rasteiro. A bola passou por Fernando Prass e Juninho ainda tentou cortar, mas ela sobrou limpa para Elkeson empurrar para a rede. [...]

*In* <http://oglobo.globo.com/esportes/botafogo-vence-classico-contra-vasco-de-virada-com-gol-nos-acrescimos-6450499>

24. [...] Caso o projeto de lei complementar enviado ao Congresso seja aprovado, o governo poderá fazer redu es tributárias indiscriminadas tendo por justificativa o "excesso de arrecada o", **sem que tenha que comprovar outra fonte para cobrir a renúncia**. [...]

*In* <http://oglobo.globo.com/cultura/bretton-woods-keynes-a-utopia-da-cooperacao-7192863>

25. [...] No dia do desfile, vai aportar na Sapucaí com uma Inocentes de Belford Roxo estreia no Grupo Especial cercada de pol mica fantasia banhada a ouro, cria o do estilista Carlinhos Barzellai, que já fez figurinos carnavalescos para Juliana Paes e Luiza Brunet. No ensaio de rua, o maior desafio de Lucilene foi evoluir na pista irregular:

— **Tenho que sambar fugindo dos buracos** [...]

*In* <http://oglobo.globo.com/carnaval-2013/inocentes-de-belford-roxo-estrela-no-grupo-especial-cercada-de-polemica-7408152>

### 6.6.1.2 Adverbiais Locativas

26. [...] O secretário (ministro) encarregado do País de Gales, Peter Hain, disse que, **onde o partido governista não tem chance de vitória**, os simpatizantes do governo devem votar "com a cabeça, não com o cora o". [...]

*In* <http://oglobo.globo.com/mundo/trabalhistas-defendem-voto-util-em-liberais-democratas-3014349>

27. [...] Aos 44 anos, em plena forma e com o cofre cheio pela gorda pensão paga pelo senador, o cach  da revista "Playboy" e o saldo de emprego nos Diários Associados até pouco tempo atrás, a agora celebridade da sociedade belo-horizontina ainda **provoca estragos por onde passa**. [...]

*In* <http://oglobo.globo.com/pais/os-estragos-do-furacao-monica-7345732>

28. [...] Quando saem do papel, açudes para matar a sede do nordestino **são cavados onde não mora ninguém**. Locais tão despovoados quanto o próprio Dnocs<sup>28</sup>, cuja maioria do pessoal debandou nos últimos anos sem que houvesse reposição. Quem ainda não foi embora estará apto a se aposentar em oito anos. [...]

*In* <http://oglobo.globo.com/politica/cem-anos-sem-tirar-seca-do-sertao-2938065>

29. [...] — O filme vai mostrar o processo de amadurecimento do Erasmo. Ele começa jovem, muito solto na vida, e termina com um homem que sabe o que quer. **Para chegar aonde quer**, ele cai. E para se levantar, é um custo. [...]

*In* <http://oglobo.globo.com/cultura/biografia-de-erasmo-carlos-vai-virar-filme-de-lui-farias-7325456>

30. [...] — Vamos perseguir os criminosos **onde quer que estejam** e não vamos parar até encontrá-los — disse o ministro do Interior, Andrés Chadwick. A aplicação da lei gerou um debate intenso entre o governo conservador e a oposição socialista, que considera um excesso invocá-la nessa ocasião. [...]

*In* <http://oglobo.globo.com/mundo/crime-reacende-polemica-indigena-no-chile-7280325>

## 6.6.2 JB online

### 6.6.2.1 Adverbiais Modais

31.[...] Quem conseguiu ingressos, assistiu nas arquibancadas do Estádio de Wembley à vitória do México sobre o Brasil por 2 a 1 neste sábado, na final masculina do futebol da Olimpíada de Londres. Quem não conseguiu, **se virou como pôde**, assistindo pela televisão, pela internet, ouvindo pelo rádio. [...]

*In* <http://www.jb.com.br/londres-olimpiada-2012/noticias/2012/08/11/em-pub-festa-mexicana-tem-michel-telo-e-provocacao-a-brasileiros>

32.[...] Como você conseguiu visualizar a rotina de um paulistano executivo de banco? Eu pesquisei bastante, conversei com diversos deles, **convivi como pude e ouvi muita conversa**.

*In* <http://www.jb.com.br/cultura/noticias/2009/11/27/em-livro-ricardo-lisias-vinga-os-excluidos-do-mundo-corporativo>

33.Brasília – É possível melhorar a segurança energética brasileira e evitar apagões **sem que isso represente aumento na conta de luz**. A afirmação do presidente da Associação Brasileira de Grandes Consumidores Industriais de Energia e de Consumidores Livres (Abrace) [...]

*In* <http://www.jb.com.br/economia/noticias/2012/12/19/abrace-e-possivel-melhorar-seguranca-energetica-sem-aumentos-na-conta-de-luz>

34.Entretanto, um pouco depois a Terra, **como que se vingando**, produziu uma diversidade de vida, como nunca antes. É nesta era, quando apareceram as flores, que nossos ancestrais entraram no cenário da evolução. [...]

*In* <http://www.jb.com.br/sociedade-aberta/noticias/2013/01/16/dilma-desconsidera-a-opiniao-dos-trabalhadores-eleitores-e-parlamentares>

---

<sup>28</sup> Departamento Nacional de Obras Contra as Secas

35. O ex-jogador de Corinthians e Santos Zé Elias, preso desde o dia 21 de julho no 33º DP (Pirituba), em São Paulo, falou com exclusividade ao Terra através de uma carta enviada à sua mulher, Renata Loreto Ribeiro. Descrevendo a rotina de detento e a saudade dos filhos, **ele afirmou que passa a maior parte do tempo escrevendo um livro de memórias e ajudando os companheiros de cela.**

"Agora eu estou cozinhando para todos os cinco da cela aqui, lavo louça e também, além de escrever meu livro, leio um livro em voz alta para um amigo de cela, que é cego. **Passo a maior parte do tempo escrevendo a biografia** e quando não estou escrevendo, colho depoimentos de outros presos para colocar no livro", disse Zé Elias. [...]

*In* <http://www.jb.com.br/esportes/noticias/2011/07/28/cozinheiro-lavo-louca-e-escrevo-um-livro-diz-ze-elias-ex-corinthians-na-prisao>

### 6.6.2.2 Adverbiais Locativas

36. [...] Apesar de não pensar em retornar ao Brasil após mais uma sequência de tremores que abalaram a Itália nesta terça-feira, a jornalista Barbara Bueno, 31 anos, conta que a sensação diante de um terremoto é de "completa impotência".

"Eu estava sozinha em casa, tinha acabado de ligar o computador quando começou. Tremia tudo, a mesa, a luminária. Não sabia o que fazer, para onde correr, **então fiquei onde estava, esperando o pesadelo passar**", disse a paulista que mora há 7 anos na região da Toscana. [...]

*In* <http://www.jb.com.br/internacional/noticias/2012/05/29/italia-tremia-tudo-e-nao-sabia-para-onde-correr-diz-brasileira>

37. [...] "O ministro nos disse que todos os anos sobram recursos para a realização de obras de contenção de encostas no país por absoluta falta de projetos adequados. Nossa administração não permitirá que isso ocorra aqui em Angra dos Reis. Vamos acelerar a elaboração de projetos e vamos atrás destes recursos **onde quer que eles estejam**", disse a prefeita Conceição Rabha. [...]

*In* <http://www.jb.com.br/rio/noticias/2013/01/05/prefeitura-de-angra-dos-reis-quer-que-governo-federal-libere-r-77-milhoes>

38. [...] Efetivamente, **para onde quer que dirijamos o olhar**, para o grande e para o pequeno, para fora e para dentro, para o alto e para o baixo, para todos os lados, encontramos o Mistério. O Mistério não é o desconhecido. É o conhecido que nos fascina e nos atrai para conhecê-lo mais e mais. [...]

*In* <http://www.jb.com.br/leonardo-boff/noticias/2012/10/15/deus-esse-desconhecido-onhecido>

39. [...] Enquanto isso, no Cairo, os ministros árabes e russo das Relações Exteriores, que expressam posições divergentes em relação à crise, pediram o fim da violência, **de onde quer que venha**, no país onde a repressão à revolta deixou milhares de mortos em um ano. [...]

*In* <http://www.jb.com.br/internacional/noticias/2012/03/10/mesmo-com-visita-de-kofi-annan-bombardeios-nao-cessam-na-siria>

40. [...] Anilton diz que está vivendo de catar latas e outros materiais recicláveis. Afirma ganhar cerca de R\$ 30 por semana, quando vende tudo que encontrou.

Querida mesmo uma oportunidade de mudar minha vida. A rua é muito ruim. Olhe a minha mulher, veja como essa vida deixa a pessoa doída. Ela não sabe nem o nome, eu chamo de Aline, porque acho que ela se parece com esse nome.

Esgotado pelo sofrimento daquela gente, o repórter decide se afastar. Atrás de si, enquanto caminha, ouve Anilton cantarolar, rindo, um velho sucesso do Agepê.

"**Moro onde não mora ninguém / Onde não passa ninguém / Onde não vive ninguém...**"

[...]

*In* <http://www.jb.com.br/rio/noticias/2009/11/04/rio-sem-teto-que-moram-debaixo-de-viaduto-sao-vizinhos-da-prefeitura>

### 6.6.3 Revista Veja online

#### 6.6.3.1 Adverbiais Modais

41. [...] A explicação é que o governo havia afrontado a Lei: a presidente violou garantia prevista no artigo nº 150 da Constituição, que dispõe que o cidadão não pode ser surpreendido com aumento de imposto **sem que se respeite a noventena**.

A resolução, quando enfim entrou em vigor, lançou por terra as vendas de automóveis importados. [...]

*In* <http://veja.abril.com.br/noticia/economia/com-reformas-de-dilma-brasil-nao-e-mais-porto-seguro>

42. [...] A promessa do governo estadual era de, nesta segunda-feira, estabelecer novos contratos com três clínicas, que juntas ofereceriam 150 vagas.

Como toda medida anunciada **sem que se tenha de fato a solução para o problema**, a retomada do funcionamento das clínicas não aconteceu. O governo do estado informou que “começará a capacitar” esta semana a equipe que atenderá os dependentes nas clínicas de Santa Cruz e de Campo Grande, bairros da zona oeste do Rio, e da cidade de Casemiro de Abreu. [...]

*In* <http://veja.abril.com.br/noticia/brasil/saude-publica-esta-longe-de-conseguir-tratar-dependentes-de-crack>

43. [...] O público da praia não deve passar por esse problema. Nem por outro gravíssimo, para os fãs inquietos em uma noite de dose dupla da música negra: espaço para dançar. A plateia do Imperator **se comportou como pôde**, até que a sequência de ‘Aquele Abraço’ e ‘Palco’ fez das cadeiras objetos inúteis. Com Stevie Wonder, o senta-levanta foi interminável: em alguns momentos, o público se calava absolutamente para escutar as minúcias e prestar atenção aos pedidos do maestro. Em outros, avançava para a frente do palco, como no encerramento do show. [...]

*In* <http://veja.abril.com.br/noticia/celebridades/o-coral-de-copacabana-a-espera-de-stevie-wonder>

44. [...] O tempo todo foi massacrado pelo Atlético de Madrid, campeão da Liga Europa, que ainda colocou três bolas na trave e poderia ter feito mais gols.

Aos 4 minutos, Falcão Garcia acertou a primeira bola na trave. Aos 8, fez o primeiro gol. E foi logo um golaço. O colombiano passou **como quis** pelo marcador e bateu tirando de Peter Cech e de David Luiz, que tentava tirar em cima da linha. [...]

*In* <http://veja.abril.com.br/noticia/esporte/com-3-de-falcao-atletico-goleia-chelsea-na-supercopa>

45. [...] Os dois tenistas duelaram com muito equilíbrio também no segundo set, mas nesta vez quem se deu melhor no tiebreak foi Del Potro. A derrota no desempate da parcial abalou psicologicamente Roddick, que não conseguiu manter o mesmo nível de partida no terceiro set e foi derrotado rapidamente. O norte-americano entrou no quarto set precisando da vitória. Vibrante e com agressividade, Roddick reequilibrou o duelo, mas acabou superado pelo rival.

**Nos games finais, a torcida local o apoiou bastante, vibrando e aplaudindo de pé cada ponto conquistado por ele, que chegou a salvar um match point.** Sua carreira, no entanto, foi selada com uma bola para fora depois de 3h15 de partida. [...]

*In* <http://veja.abril.com.br/noticia/esporte/roddick-leva-virada-de-del-potro-nos-eua-e-se-aposenta-do-tenis>

### 6.6.3.2 Adverbiais Locativas

46. Presidente é agredido **onde a Primavera Árabe começou**

Milhares de manifestantes de Sidi Buzid protestavam contra a incapacidade de Monsef Mazouki de relançar o país e de aplicar programas de desenvolvimento [...]

*In* <http://veja.abril.com.br/noticia/internacional/presidente-da-tunisia-e-apedrejado-na-cidade-onde-primavera-arabe-comecou>

47. [...] O relatório destaca que no Brasil há 130 celulares para cada 100 habitantes, o que faria desses dispositivos uma "escolha natural para o aprendizado". "O celular permite ao aluno estudar sempre que quiser e **onde estiver**. Os diferentes aplicativos abrem a porta para inúmeras utilizações no aprendizado", afirma Bruno Gomes, assessor de Tecnologias Educacionais do Sistema Firjan. [...]

*In* <http://veja.abril.com.br/noticia/educacao/game-celular-e-tablet-estarao-na-sala-de-aula-em-breve>

48. “[...] Acredito que posso ajudar na posição e o Vágner Mancini também acredita nisso. Mas o Marcos também está vindo de uma boa sequência, assim como o time todo, numa crescente. Minha posição original é no meio-campo, mas o Cruzeiro tem vários volantes e eu estou à disposição do clube para jogar **onde for preciso**”, declarou. [...]

*In* <http://veja.abril.com.br/noticia/esporte/volante-amaral-admite-mudar-de-posicao-para-ser-titular-no-cruzeiro>

49. [...] Israel construirá **onde bem entender** em Jerusalém, sua “capital eterna”, incluindo a parte leste anexada da Cidade Santa - em que os palestinos querem estabelecer a capital de seu futuro estado -, afirmou nesta quarta-feira o primeiro-ministro Benjamin Netanyahu. "Construiremos em Jerusalém porque é nosso direito e nossa obrigação, não um castigo, mas o direito fundamental de nosso povo", declarou Netanyahu ao Parlamento israelense.

*In* <http://veja.abril.com.br/noticia/internacional/netanyahu-diz-que-israel-construira-onde-bem-entender-em-jerusalem-2>

50. [...] Zezé disse que o estado de Luciano era bom, e que espera que ele tenha alta neste sábado.

Sobre a ameaça feita pelo irmão de deixá-lo, foi firme. “A gente nasceu para cantar junto. Se o Luciano pedir para sair, vou atrás dele **onde for**. Foi só um desentendimento de irmãos.” [...]

*In* <http://veja.abril.com.br/noticia/celebridades/zeze-di-camargo-canta-sozinho-hoje-mas-jura-nao-deixar-luciano>

## 6.6.4 Revista CartaCapital online

### 6.6.4.1 Adverbiais Modais

51. [...] Até agora, a permissão de saída era negada seletivamente **sem que as autoridades dessem explicações**. No entanto, cerca de 38 mil cubanos emigravam anualmente de forma legal e muitos outros visitavam familiares e amigos no exterior. [...]

*In* <http://www.cartacapital.com.br/internacional/cubanos-poderao-viajar-ao-exterior-sem-pedir-autorizacao-ao-governo>

52. [...] Além disso, justificou o Planalto, a revogação do Item 22 do Inciso II do Artigo 167 da Lei no 6.015, de 31 de dezembro de 1973, dispensa a averbação da reserva legal **sem que haja ainda um sistema substituto** que permita ao Poder Público controlar o cumprimento das obrigações legais. [...]

In <http://www.cartacapital.com.br/politica/mensagem-presidencial-explica-os-nove-vetos-ao-codigo-florestal>

53. [...] Segundo o pontífice, quem deseja a paz não pode tolerar “atentados e delitos contra a vida”. “Como é possível pretender conseguir a paz, o desenvolvimento integral dos povos ou a própria salvaguarda do ambiente, **sem que seja tutelado o direito à vida dos mais frágeis, começando pelos que ainda não nasceram?**” [...]

In <http://www.cartacapital.com.br/sociedade/papa-diz-que-aborto-eutanasia-e-casamento-gay-afetam-a-paz-mundial>

54. [...] Para as empresas, o quadro é preocupante, capaz de prejudicar a produtividade, reduzir a competitividade e frear projetos de expansão. **Elas estão respondendo como podem.**

Para atrair, desenvolver e manter seus quadros, muitas empresas estão seduzindo estagiários e trainees, fazendo parcerias com instituições de ensino, investindo em universidades corporativas, aumentando salários e tornando seus regimes de trabalho mais flexíveis. [...]

In <http://www.cartacapital.com.br/sociedade/talentos-escassos>

55. [...] Em 2006, vários jornais belgas apresentaram queixas contra o Google, acusando seu serviço *Google Actualités* de reproduzir seus artigos sem pagar direitos autorais.

**Os jornais ganharam o processo e a corte de apelações confirmou em 2011 a condenação do Google, impondo à empresa a retirada dos artigos em questão.** Em represália, o Google deixou de referenciar os sites dos jornais em questão, embora tenha revisado depois parcialmente sua decisão. [...]

In <http://www.cartacapital.com.br/sociedade/brasil-alemanha-e-belgica-tres-formas-de-lidar-com-o-google>

#### 6.6.4.2 Adverbiais Locativas

56. [...] Mas para prevenir, não adianta só firmar a impossibilidade de se construir ou morar em certos lugares perigosos. É certo criticar quem mora **onde não pode**. Mas quem não pode, mora onde?

O país abriu mão de fazer, décadas atrás, sua reforma agrária. Consolidou gigantescos latifúndios e expandiu como nunca a população das cidades, com o êxodo rural que a concentração da propriedade gerou. [...]

In <http://www.cartacapital.com.br/politica/desastre-revela-urgencia-da-reforma-urbana>

57. [...] Outra que acredita na vitória do movimento é a ex-doméstica Márcia, que há dois anos vive de ocupação em ocupação crente que o dia de ter o seu teto chegará. Antes ela morava em casas de famílias e quando tinha alguma ocupação, dormia **onde o movimento estivesse ocupado** e trabalhava durante o dia. Porém, desde 2008, mora **onde a FLM estiver estabelecida**. “Graças a Deus eu criei o meu filho, que tem trabalho, esposa, filho. [...]

In <http://www.cartacapital.com.br/sociedade/na-luta-por-comida-e-moradia-2>

58. [...] Curioso: de Caetano não me lembro. Faço força e não me vem à memória o dia em que fomos apresentados. Não me lembro de ver alguém chegar e dizer: “cara, você precisa ouvir esse cara, precisa ouvir este CD”. Não precisava: era como se ele estivesse no ar o tempo todo, como no Rio está o Redentor; você pode passar a vida toda sem subir a seus pés, mas vai esbarrar sempre com ele **por onde quer que se olhe** ou respire.

Com Caetano é assim: uma onipresença inevitável. [...]

In <http://www.cartacapital.com.br/cultura/o-mais-doce-barbaro>



59. [...] Sabato estava **onde não o colocavam**, entre a solidariedade de um militante social e a depressão existencialista. “Este século é atroz e terminará de forma atroz. [...]”  
*In* <http://www.cartacapital.com.br/cultura/dom-quixote-lugubre>

60. E uma cervejinha não faz mal a ninguém. Muito pelo contrário. Ninguém aqui está defendendo motorista que dirige embriagado nem estimulando o alcoolismo. Só quer ter o direito de se divertir **onde quiser**. Que mal há nisso?”  
Para os manifestantes, não há mal algum. [...] *In* <http://www.cartacapital.com.br/sociedade/joao-do-violao-e-a-resistencia-boemia>

Mais uma vez, tornou-se fácil comprovar o emprego espontâneo, mesmo simples, tanto das orações adverbiais modais, como das orações adverbiais locativas. Assim fica claro o equívoco cometido na *NGB* em ter-se desprezado essas duas classes dentre as outras classificações das adverbiais.

Como ensina o professor Azeredo, as orações adverbiais, ainda que sejam acessórias, são relevantes na produção do discurso por acrescentarem ao texto informações, ou circunstâncias, que contribuirão, consideravelmente, na composição coerente do pensamento, na lógica do raciocínio e as circunstâncias de *modo*, de *meio*, de *tempo*, de *fim*, de *lugar* são medulares, fundamentais, na organização e manifestação do pensamento, na elaboração do discurso.

## 6.7 Considerações finais:

Antes de, efetivamente, tecermos as considerações finais, apresentamos um quadro sinóptico com a visão global da classificação das orações subordinadas adverbiais. (Quadro 3)

		Orações Subordinadas Adverbiais							
		modais			locativas			Segue a <i>NGB</i>	outros
Gramáticas	Autores	Desenvolvidas	Reduzidas		Desenvolvidas	Reduzidas			
			Infinitivo	gerúndio		infinitivo	gerúndio		
tradicionais	M. Said Ali			x					
	Rocha Lima			x					
	Evanildo Bechara	x	x	x	x	x			
	Celso Cunha							x	
pedagógicas	Faraco & Moura	x		x	x				
	Luiz Sacconi	x	x	x					
	Nicola & Ulisses							x	
	Cegalla	x	x	x	x				
	Hildebrando André							x	
	Douglas Tufano							x	
linguísticas	M.H. Moura Neves	x	x						
	M.H. Mira Mateus								x
	J.C. Azeredo	x	x	x					
	Ataliba Castilho								x
	Mário Perini								x
sintaticistas	Gladstone C.M.	x							
	Walmírio Macedo				x				
	Adriano G. Kury	x	x	x	x				
	Evanildo Bechara	x	x	x	x	x			
	J.C. Azeredo	x		x	x				
	Claudio Cezar H.	x	x	x	x				

Quadro 3 – Orações adverbiais modais e locativas – quadro sinóptico. Fonte: do autor

Diferentemente do capítulo anterior, em que a discussão era de como os autores classificavam a oração agente da passiva, uma vez reconhecida, em substantivas, adjetivas ou adverbiais, neste capítulo o problema é se os autores reconhecem ou classificam as orações adverbiais modais, locativas ou outras.

Terminada a pesquisa e após a apresentação do *corpus*, algumas observações fazem-se necessárias:

Dentre os gramáticos tradicionais, há uma consonância de pensamento entre Said Ali e Rocha Lima, haja vista que ambos admitem o valor modal do gerúndio, ou seja, que as orações adverbiais modais só são expressas na forma reduzida de gerúndio. Já Bechara as reconhece tanto na forma desenvolvida, quanto nas formas reduzidas de infinitivo e de gerúndio. Também reconhece as orações locativas, desenvolvidas ou na forma reduzida de infinitivo. Celso Cunha segue estritamente a *NGB* e adota a classificação descrita na norma.

No grupo das gramáticas pedagógicas, Nicola & Ulisses, Hildebrando e Douglas Tufano adotam a classificação da Nomenclatura Oficial. Faraco & Moura, Sacconi e Cegalla reconhecem as orações adverbiais modais nas formas desenvolvida e reduzida de gerúndio; Sacconi e Cegalla, também na forma desenvolvida de infinitivo. Já as orações adverbiais locativas, só as reconhecem Faraco & Moura e Cegalla. Percebe-se que o consenso demonstrado neste grupo em relação às orações agente da passiva não se repete quando o assunto passa a ser as orações adverbiais modais e locativas. O grupo se divide: três autores seguem a *NGB* e três classificam as orações modais e locativas.

Das gramáticas funcionalistas, aqui denominadas linguísticas, M. H. de Moura Neves, além da classificação tradicional, classifica também as orações modais e as apresenta na forma desenvolvida, introduzidas pela conjunção *como* e pela locução conjuntiva *sem que*, e na forma reduzida de infinitivo, introduzidas pela preposição *sem*. Não há menção a outro tipo de oração adverbial. Mira Mateus, por meio do estudo da professora Ana Maria Brito, ainda que de forma não clássica, acaba por classificar as orações adverbiais coincidentemente conforme a *NGB*, embora as estude separadamente em dois capítulos. Quanto às locativas, a professora as estuda dentre as orações relativas (adjetivas para nós) sem antecedente expresso. Não há referência às modais nem à *NGB*, visto tratar-se de uma gramática lusitana. J. C. de Azeredo, em sua gramática, classifica as modais tanto na forma desenvolvida, quanto na forma reduzida de infinitivo e gerúndio. Ataliba Castilho e Mário Perini nada falam em relação às modais e locativas.

Grupo de maior consonância, Walmírio Macedo é o que mais se afasta dos demais sintaticistas. Praticamente segue a *NGB*, exceto por considerar as orações locativas, ao estudar as orações com *onde*. Gladstone só reconhece as modais na forma desenvolvida e não classifica as locativas. Os demais autores reconhecem as modais – desenvolvidas e reduzidas de infinitivo e gerúndio (salvo Azeredo, que, em sua obra de sintaxe, só as reconhece na forma reduzida de gerúndio), e as locativas, na forma desenvolvida, sem exceções; Bechara também as reconhece na forma reduzida de infinitivo.

Nota-se, pelo estudo apresentado, que a classificação das orações adverbiais modais não é unânime: dos 21 autores pesquisados, encontramos as modais em onze deles, contra dez que não as mencionam; ainda assim, maioria absoluta. Em relação às locativas, o número de autores a considerá-las diminui e em apenas oito autores encontramos sua classificação.

Em contrapartida, classificadas ou não, foi fácil encontrar as orações adverbiais modais e as locativas, na língua em ação. Selecionou-se, *online*, um total de vinte recortes dos jornais O Globo e JB e das revistas Veja e CartaCapital, cinco recortes para cada veículo e para cada tipo de oração, que compuseram o pequeno *corpus*, para que fosse comprovado o uso natural dessas orações.

Destarte, ficam claros a existência e o funcionamento das orações adverbiais modais e das locativas, que, rejeitadas pela “norma”, sobrevivem na sintaxe portuguesa, onde encontram perfeita acolhida, “animam-se” e enriquecem o idioma português.

## 7 CONCLUSÃO

Foram ao todo 21 autores pesquisados. Todavia, não é a quantidade de autores que impressiona, é sim o quilate que cada autor empresta à Língua Pátria. Alguns deles debruçaram-se sobre o idioma brindando-nos com um estudo aprofundado, pormenorizado da língua portuguesa. Foi neste universo que se desenvolveu a pesquisa apresentada neste trabalho.

Deu-se um passeio histórico pela *Nomenclatura Gramatical Brasileira*, desde o seu nascimento até sua entrada em vigor. Analisou-se gramaticalmente a palavrinha *quem*, fato gerador de alguns fenômenos sintáticos discutidos aqui. Seguiu-se um estudo sobre a subordinação, como arcabouço teórico para a análise maior, objeto da pesquisa –, em seguida, um pequeno capítulo introdutório ao tema central do trabalho. Por fim, nos capítulos seguintes, analisaram-se as orações subordinadas agente da passiva e as subordinadas adverbiais modais e locativas em um estudo comparativo entre os autores considerados.

No capítulo 6, analisou-se a validade das orações agente da passiva. A discussão era não só a ocorrência destas orações, como também a classificação dada a elas. Constatou-se que não houve unanimidade em relação à classificação das orações com valor de agente da passiva. Um autor as classifica como adjetivas; outro, como adverbiais; sete não classificam e três seguem exatamente a *NGB*. A maioria dos autores (oito ao todo) classifica como orações subordinadas *substantivas* estas orações.

Filiamo-nos à corrente majoritária, não por isso, mas por acreditar, em face do paralelismo, serem válidas as seguintes premissas:

- o agente da passiva, é o sujeito agente da voz ativa;
- as funções sintáticas de sujeito e de agente da passiva são funções *do substantivo*;
- o sujeito, quando oracional, é representado por uma oração subordinada *substantiva* (subjativa);
- igualmente, o agente da passiva, quando oracional, por paralelismo, deve ter a mesma natureza do sujeito, logo, também representado por uma oração subordinada *substantiva* agente da passiva.

Senão, vejamos:

- Na voz ativa:  
 Salvou Luiz **quem o encontrou desmaiado**.  
 sujeito: *quem o encontrou desmaiado* (oração subordinada **substantiva** subjetiva);  
 predicado: *salvou Luiz* (oração principal)  
 objeto direto: *Luiz*
- Na voz Passiva:  
 Luiz foi salvo **por quem o encontrou desmaiado**.  
 sujeito paciente: *Luiz* (objeto direto da ativa);  
 predicado: *foi salvo por quem o encontrou desmaiado*;  
 agente da passiva: *por quem o encontrou desmaiado* (oração subordinada **substantiva** agente da passiva).

Parece-nos lógico que, do mesmo modo que sujeito e agente da passiva têm a mesma natureza gramatical e sintática, as orações subjetiva e agente da passiva devam seguir o mesmo preceito: terem a mesma natureza gramatical e sintática. Daí, ambas as orações serem classificadas como orações subordinadas *substantivas*.

Em relação às orações modais e locativas já não se discute a classificação em si – a natureza adverbial das orações –, mas o reconhecimento de que estas orações existem formalmente. O quadro não muda muito, a maioria dos autores reconhece as orações modais – onze autores – e as locativas – sete ao todo. Quanto às locativas, apenas um autor as classifica como orações adjetivas, uma visão isolada.

Não podemos nos furtar de consignar aqui nossa posição em relação a estas orações e, mais uma vez, associamo-nos à corrente majoritária. E novamente nos valem do paralelismo para embasar nosso pensamento.

Em uma estrutura oracional, todo e qualquer termo que substituir outro de mesma natureza gramatical exercerá a mesma função sintática deste. Compare-se:

- a) Ele agiu **sem conveniência**;
- b) Ele agiu **de maneira inoportuna**;
- c) Ele agiu **inadequadamente**;
- d) Ele agiu **sem que se ajustasse**;

- e) Ele agiu **sem se adequar**;
- f) Ele agiu **inadaptando-se**.

Os termos em negrito, dentro da estrutura oracional, exercem a mesma função sintática, ou seja, adjunto adverbial de modo. Em (a) e (b) o advérbio de modo é expresso na forma de locução adverbial; em (c), na sua forma natural. Em (d), (e) e (f) o adjunto adverbial está expresso na forma de oração, desenvolvida e reduzidas, respectivamente. Essas orações estabelecem a mesma relação semântica que as locuções ou o advérbio estabelecem com o verbo *agir*, qual seja, a relação de modo. Portanto, as orações devem ser classificadas como orações adverbiais de modo: em (d), *oração subordinada adverbial modal*; em (e), *oração subordinada adverbial modal reduzida de infinitivo* e em (f), *oração subordinada adverbial modal reduzida de gerúndio*. Não pode ser outra a classificação a ser dada a estas orações. Não há como incluí-las nas orações conformativas, muito menos nas comparativas. A relação de modo aí estabelecida é clara e incontestável.

Raciocínio análogo deve ser desenvolvido para as estruturas abaixo:

- a) Ele mora **alhures**.
- b) Ele Mora **em Itaipu**.
- c) Ele mora **na casa de praia**.
- d) Ele mora **onde Luiz passa as férias**.

Nestes casos, os termos em negrito expressam a circunstância de lugar: em (a), um advérbio natural; em (b) e (c), na forma de locução adverbial e em (d) na forma de oração. Do mesmo modo, não há outra classificação para a oração a não ser a de *oração subordinada adverbial de lugar*, ou ainda, *oração subordinada adverbial locativa*.

Marcada nossa posição a respeito do tema, algumas considerações finais fazem-se necessárias.

Foi interessante notar, durante e após este trabalho, as divergências ou as consonâncias entre os autores, ora em relação à oração agente da passiva, ora em relação à modal ou locativa. Foi importante analisar os vários pontos de vistas ou as várias vertentes exploradas por cada autor e destacar a contribuição que cada autor, inegavelmente, deu ao nosso idioma.

Que não havia unanimidade entre os Mestres isto já era sabido, e foi um dos fatos propulsores para o desenvolvimento deste trabalho. Mesmo antes da Portaria nº 36/1959 entrar em vigor, os pensares já eram conflitantes, ainda que a discussão não girasse em torno

da existência ou não dessas orações. O que se discutia era basicamente a forma como as orações se classificavam e o modo como se apresentavam.

O relativo *quem* sem antecedente desdobrava-se para alguns em *a pessoa que*, não se desdobrava para outros, fato que mudava a classificação entre adjetivas e substantivas ou adverbiais. Já as modais alguns autores aceitavam-nas tanto na forma desenvolvida como na reduzida, outros apenas na forma reduzida, defendendo a tese de que não havia no idioma conjunções subordinativas modais. Quanto às locativas, o debate era também em relação ao desdobramento do advérbio *onde* em *no lugar em que* e a classificação entre adjetivas e adverbiais. O fato é que a polêmica já era acalorada, mas não se questionava a existência dessas orações.

Após entrar em vigor a portaria nº 36/195959, que apenas sugere a adoção da nova Nomenclatura Gramatical Brasileira – mas, ainda que não fosse obrigatório, seu acolhimento acabou por tornar-se unânime – e todos os filólogos, gramáticos e escritores procuraram adequar-se à *NGB*, o desentendimento toma outro rumo. Passa da simples discussão a respeito da forma e da classificação para o questionamento da própria existência destas orações: *agente da passiva, modais e locativas*.

A *NGB* não traz em seu corpo a classificação das *orações agente da passiva, das adverbiais modais*, nem a das *orações adverbiais locativas*.

Em relação às orações agente da passiva, a demanda ainda é sobre sua classificação entre adjetivas, substantivas ou adverbiais.

Em relação às *modais*, preferiu a comissão incluí-las nas orações adverbiais *conformativas* e nas orações adverbiais *comparativas*, tendo em vista o valor semântico expresso por cada uma delas.

Essa nova classificação, ou o desaparecimento da classe das modais, causou, no mínimo, estranhamento na maioria dos autores ou, até mesmo, a discordância direta dessa nova classificação, como é o caso do professor Adriano da Gama Kury, talvez o mais inconformado com a posição adotada pela *NGB*, sensível que foi aos problemas gerados pelo abandono do grupo das modais.

Ainda assim, percebe-se que a maioria dos gramáticos, ainda hoje, reconhece a existência de tais orações. Dizem até que em alguns casos é impossível atribuir a elas outra classificação que não a de *modal*, tamanha a força da relação circunstancial do advérbio de modo.



Outros autores, porém, permaneceram fiéis à Nomenclatura Oficial, admitindo a possibilidade da divisão das modais entre conformativas e comparativas. Para esses, não há, portanto, o que se falar nas relações de modo, de meio ou de instrumento com o fato expresso na oração principal; essas relações consubstanciam-se nas relações conformativas e comparativas.

Enfim, não importa o que diz a nomenclatura oficial, a “guerra” entre os gramáticos, as divergências de opiniões. Importa, sim, o fato de as orações com valor de agente da passiva, as orações adverbiais modais e locativas existirem, fazerem parte do corpo da língua, estarem vivas na voz do falante e na escrita dos usuários do idioma português, haja vista o *corpus* constituído com recortes de jornais e revistas, que retratam fielmente o padrão médio do idioma português. Daí perceber-se o perfeito funcionamento dessas orações dentro da estrutura da língua portuguesa.

E língua é isso, é viva, é dinâmica, é do povo. Se algo tem que mudar, não é a fala nem a escrita do brasileiro, e sim uma *norma* que já faz tempo precisa mesmo ser atualizada. E quem sabe, se isso acontecer, faça-se jus a estas orações – *agente da passiva, modais e locativas* – recolocando-as de volta a seus lugares, de onde não deveriam ter saído.

**REFERÊNCIAS**

ALMEIDA, Napoleão Mendes de. *Gramática metódica da língua portuguesa*. 44 ed. São Paulo: Saraiva, 1999.

ANDRÉ, Hildebrando A. *Gramática ilustrada*. 4.ed. São Paulo: Moderna, 1990.

AZEREDO, José Carlos de. *Gramática Houaiss da língua portuguesa*. São Paulo: Publifolha, 2008.

\_\_\_\_\_. *Iniciação à sintaxe do português*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2001.

\_\_\_\_\_. *Fundamentos de gramática do português*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2002.

BARRETO, Mário. *Fatos da língua portuguesa*. Rio de Janeiro, Organização Simões, 1954.

BECHARA, Evanildo Cavalcante. *Moderna Gramática portuguesa*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2000.

\_\_\_\_\_. *Lições de português pela análise sintática*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2000.

\_\_\_\_\_. *Moderna gramática portuguesa*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1961.

\_\_\_\_\_. *Gramática escolar da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Lucerna. 2001.

CÂMARA JÚNIOR, Joaquim MATTOSO. *Dicionário de filologia e gramática*. 6 ed. Rio de Janeiro: J. Ozon, 1974.

\_\_\_\_\_. *Nomenclatura gramatical*. In: *DISPERSOS* – Seleção e introdução por Carlos Eduardo Falcão Uchoa – Rio de Janeiro: Lucerna, 2004, p. 101-112.

\_\_\_\_\_. *Estrutura da língua portuguesa*. Petrópolis: Vozes, 1985.

CASTILHO, Ataliba T. de. *Nova Gramática do português brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2010.

CEGALLA, Domingos Paschoal. *Novíssima gramática da língua portuguesa*. 46 ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2005.

CHEDIAK, Antônio José. (org.). *A nomenclatura gramatical brasileira e sua elaboração*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, 1960.

- COUTINHO, Ismael de Lima. *Gramática histórica*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 2004.
- CUNHA, Celso. *Gramática da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: MEC FENAME, 1972.
- CUNHA, Celso & CINTRA, Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. 3 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.
- DIAS, Augusto Epiphânio da Silva. *Syntaxe histórica portuguesa*. 4.ed. Lisboa: Livraria Clássica Editora, 1959.
- FARACO, Carlos Emílio & MOURA, Francisco Marto. *Gramática*. São Paulo: Editora Ática, 1987.
- FREIRE, Laudelino. *Syntaxe da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: ABC Ltda, 1937.
- GARCIA, Othon M. *Comunicação em prosa moderna*. 22 ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2002.
- GÓIS, Carlos. *Método de análise (léxica e lógica) – sintaxe das relações*. 20 ed. Rio de Janeiro: Paulo de Azeredo Alves, 1955.
- HENRIQUES, Claudio Cezar. *Syntaxe portuguesa para a linguagem culta contemporânea*. 2 .ed. Rio de Janeiro: Oficina do Autor, 2003.
- \_\_\_\_\_. *Morfologia: estudos lexicais em perspectiva sincrônica*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2007.
- \_\_\_\_\_. *Syntaxe: estudos dirigidos do texto para a frase*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2008.
- \_\_\_\_\_. *Nomenclatura gramatical Brasileira: 50 anos depois*. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.
- HENRIQUES, Claudio Cezar & SIMÕES, Darcília. *A redação de trabalhos acadêmicos: teoria e prática*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2003.
- JUCÁ, Cândido (filho). *132 restrições ao anteprojeto de simplificação e unificação da Nomenclatura Gramatical Brasileira*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1958.
- KURY, Adriano da Gama. *Lições de análise sintática*. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1961.

\_\_\_\_\_. *Novas lições de análise sintática*. 9 ed. São Paulo: Ática: 2001.

\_\_\_\_\_. *Pequena gramática – para explicação da NGB*. Rio de Janeiro: AGIR, 1964.

LUFT, Celso Pedro. *Gramática resumida: explicação da nomenclatura oficial brasileira*. São Paulo, Globo, 2001.

\_\_\_\_\_. *Moderna Gramática Brasileira*. 14 ed. São Paulo: Globo: 2000.

MACAMBIRA, José Rebouças. *A estrutura morfossintática do português*. 2 ed. São Paulo: Pioneira, 1974.

MACEDO, Walmírio. *Análise sintática em nova dimensão*. 3.ed. Rio de Janeiro: Departº gráfico do M.A.F.C., 1976.

\_\_\_\_\_. *Gramática da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Presença, 1991.

MEDEIROS, João Bosco. *Português*. São Paulo: Atlas, 2005.

MELO, Gladstone Chaves de. *Gramática fundamental da língua portuguesa*. 3 ed. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico S/A, 1978.

\_\_\_\_\_. *Novo manual de análise sintática*. 3 ed. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1971.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA - Brasil. *Anteprojeto de simplificação e unificação na Nomenclatura Gramatical Brasileira* Rio de Janeiro: MEC, 1957.

MIRA MATEUS, Maria H. et al. *Gramática da língua portuguesa*. 7 ed. Lisboa: Editorial Caminho, 2003

NASCENTES, Antenor. *Comentários à nomenclatura gramatical brasileira*. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1959.

NEVES, Maria Helena de Moura. *Gramática de usos do português*. São Paulo: UNESP, 2000.

NICOLA, José de. & INFANTE, Ulisses. *Gramática contemporânea da língua portuguesa*. 8.ed. São Paulo: Editora Scipione, 1992.

OITICICA, José. *Manual de análise*. 6 ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1942.

\_\_\_\_\_. *Teoria da correlação*. Rio de Janeiro: Simões, 1962.

PERINI, Mário A. *Gramática do português brasileiro*. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

PORTARIA Nº 36, de 26 de Janeiro de 1959. – *NGB*.

ROCHA LIMA, Carlos Henrique da. *Gramática normativa da língua portuguesa*. 33 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1996.

SACCONI, Luiz Antonio. *Nossa Gramática: teoria*. 11 ed. São Paulo: Atual, 1990.

SAID ALI, Manoel. *Gramática secundária da língua portuguesa*. São Paulo: Melhoramentos, 1969.

\_\_\_\_\_. *Gramática histórica da língua portuguesa*. 8 ed. São Paulo: Companhia Melhoramentos: Brasília, DF: Editora Universidade de Brasília, 2001.

TUFANO, Douglas. *Estudos de língua portuguesa: gramática*. 2 ed. São Paulo: Moderna, 1990.

VALENTE, André Crim. “Produtividade lexical: criações neológicas”. In: PAULIUKONIS e GAVAZZI (orgs.). *Da língua ao discurso*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007. p. 129.